

Yuri Vitor Guimarães Vieira

**RETÓRICAS SOBRE EDUCAÇÃO PHYSICA, SPORT E EXERCÍCIO FÍSICO
NO JORNAL *MINAS GERAES* ENTRE 1913 E 1916**

Belo Horizonte
2013

Yuri Vitor Guimarães Vieira

**RETÓRICAS SOBRE EDUCAÇÃO PHYSICA, SPORT E EXERCÍCIO FÍSICO
NO JORNAL *MINAS GERAES* ENTRE 1913 E 1916**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de pesquisa: Lazer, História e Diversidade Cultural

Orientador: Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2013

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse percurso, foram muitas pessoas que contribuíram para que eu chegasse até a conclusão do mestrado. De maneira especial agradeço de forma carinhosa:

À Profa. Maria Cristina Rosa por ter me proporcionado a participação na pesquisa “Memórias do Club de Sports Hygienicos”, por todo aprendizado decorrido no processo de construção dessa pesquisa e pelo incentivo ao mestrado, enquanto todos me perguntavam: qual o seu problema de pesquisa? Esta professora valorizou minhas ideias mesmo que muito dispersas e me incentivou a colocá-las no papel.

Ao Prof. Tarcísio Mauro Vago por ter me cedido todo seu material de pesquisa sobre o Padre Francisco Ozamis, pela empolgação em relação ao meu tema de pesquisa, pelas orientações e por todo aprendizado proporcionado desde o tempo da graduação.

Ao Prof. Marcus Aurélio Tabora de Oliveira por todo aprendizado proporcionado durante o mestrado, pela orientação dedicada e honesta, pela paciência com alguém que, como eu, apresentava dificuldades de diferentes ordens, pelos elogios e pelas chamadas de atenção que foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

À Profa. Meily Assbú Linhares por toda contribuição à minha formação durante o período de graduação e mestrado, por suas observações em relação ao projeto de mestrado e, sobretudo, por todas as conversas no CEMEF que me ajudaram a compreender um pouco melhor o que é uma universidade.

Ao Prof. Luciano Mendes de Faria Filho parecerista do meu projeto de pesquisa, por ter valorizado o problema de pesquisa que apresentei no projeto de mestrado e pelas contribuições que ajudaram a orientar a investigação desse trabalho.

Ao Prof. Silvio Ricardo da Silva pelo apoio irrestrito à conclusão da dissertação de mestrado e por esses anos de convivência e carinho demonstrado pela minha pessoa.

Aos professores do Instituto Federal Minas Gerais: Ana Paula, Laura, Roni, Porfirio e José Aelson. Pessoas com as quais pude compartilhar a minha primeira experiência profissional na educação, agradeço pelo apoio, receptividade, carinho e afeto, principalmente durante os anos que estive na cidade de Ouro Preto.

Aos amigos Eduardo, Marcelo, Robert, Rafael Cannan, Rafael Nery, Mateus (sebofop) e Fernando; e também às amigas Isabela, Mariana, Ana Clara e Flávia

verdadeiros parceiros que, na convivência cotidiana, proporcionam a mim uma grande amizade e transformam o mundo em lugar mais alegre e possível de se viver.

Ao amigo Luciano Jorge de Jesus com quem estou constantemente aprendendo sobre a escola, futebol, música, história e sobre a vida. Agradeço pelo apoio e pelo incentivo a pesquisa.

Agradeço de forma ao especial aos amigos André e Murilo que me receberam em sua residência em um dos momentos mais complicados que passei durante o mestrado, pelo apoio irrestrito, pelas conversas engraçadas e por todo aprendizado em relação à vida.

A todos os colegas do CEMEF, GEFUT e NUPES pelo debate acadêmico intenso e por todo aprendizado proporcionado.

Aos funcionários da biblioteca da Assembleia Legislativa de Minas Gerais pela disponibilidade e pelo empenho em ajudar na busca do material necessário para a realização dessa pesquisa.

À Larissa Moreira Facine minha companheira querida que mesmo nos momentos mais difíceis dessa jornada não mediu esforços para me ajudar em todos os sentidos. Espero que eu possa, dia a dia, tornar-me uma pessoa melhor ao seu lado e retribuir, na mesma medida, todo afeto, carinho e amor que você dedica à minha pessoa.

Às minhas cunhadas, Vanessa e Patrícia, pelas palavras de apoio e incentivo e por me mostrarem que a convivência em família pode ser algo agradável.

Aos meus pais, Eliane e Vitor, por tolerar meus momentos instáveis, por toda compreensão e pelo fato de, há mais de 30 anos, fazerem de tudo pela minha felicidade: muito obrigado.

"Que tempos difíceis eram aqueles: ter a vontade e a necessidade de viver,
mas não a habilidade."

(Charles Bukowski – Misto Quente)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar um conjunto de aspectos vinculados à educação do corpo a partir de publicações presentes no jornal *Minas Geraes* no período compreendido entre 1913 e 1916. Nessas publicações, era recorrente a utilização das expressões *Educação Physica, exercício físico e sport*. Considerando que, em muitas dessas publicações, foi possível encontrar um conjunto de prescrições que tinham por objetivo educar o corpo dos indivíduos, formulei e trabalhei com a hipótese que existia um investimento moral sob o que denominei de *educação do corpo*. Busquei apontar que nessas publicações era destacado um processo de transição que se relacionava com novas balizas para a educação do corpo, sendo que, ao mesmo tempo, essas expressões buscavam conferir uma positividade em relação às práticas corporais naquele período. Foi possível observar que o aspecto moral presente nesses artigos se apresentava a partir de três perspectivas. Em um primeiro momento, analisando os textos do padre Francisco Ozamis, é possível perceber como ele recupera, na tradição do pensamento cristão, elementos para compor as suas prescrições sobre a *Educação Physica*. Em um segundo momento, a retórica médica produz um conjunto de prescrições sobre exercício físico, pautadas na condução especializadas das atividades. Nos escritos do médico Ernest Monin, essas prescrições eram dirigidas à prática do exercício físico e para a alimentação com o objetivo de induzir certos comportamentos e hábitos nos indivíduos. Já nos artigos do médico Theophilo Torres, o aspecto moral parece estar vinculado fundamentalmente ao debate intelectual da época em que parecia haver uma disputa em relação ao modelo de educação do corpo que deveria prevalecer. Em um terceiro momento, o aspecto moral parece estar agregado a um processo de transição em relação às práticas corporais, presentes na Inglaterra e em outros países na passagem dos séculos XVIII, XIX e XX, em que, pouco a pouco, vamos percebendo um rompimento com o passado e o estabelecimento de prática corporais pautadas em uma ideia de disciplinamento e revigoramento do corpo. A partir do exposto, busquei evidenciar, nas considerações finais desse trabalho, que compreender a dimensão da experiência pode ser mais frutífero para o pesquisador que pretende investigar as práticas corporais presentes no passado do que utilizar conceitos do presente para entender o passado.

Palavras-Chave: Lazer. Sport. Educação Moral.

ABSTRACT

The present work aims to analyze some aspects related to body education which were published in the newspaper *Minas Geraes* between 1913 and 1916. In this publications the expressions *Educação Physica*, *exercício físico* and *sport* were frequently used. Given that in many of this publications it was possible to find a group of prescriptions which aimed people's body education, I formulated and worked on the hypothesis that there was a moral investment that I denominated "educação do corpo". Through this research, I tried to point out that this newspaper highlighted a transitional process which mixed new trends on body education and reassured old bodily practices in use in that period. It was possible to observe that there were three different prospects related to the moral aspect presented in these articles. The first, is revealed through the analyses of the papers of the priest Francisco Ozamis, in which it is possible to see how he, using the tradition of the Christian doctrine, found the basis to elaborate his recommendations about the so called *Educação Physica*. In the second, the medical rhetoric create a group of prescriptions about physical activity based on specialized orientation to the activities. In the writings of physician Ernest Monin, this recommendations were directed to the practice of physic activity and to feeding with the aim of inducing specific habits and behaviors in the individuals. On the other hand, in the work of the physician Theophilo Torres the moral aspect seems to be related basically to the international debate that happened that time in which seemed to exist a dispute regarding the body education model which should prevail. Finally, in the third prospect, the moral aspect seems to be aggregated to a transitional process regarding the bodily practices that existed in England and other countries throughout the 18th, 19th and 20th centuries. In this process, it is possible to see that there was a gradual disruption with the past and that new bodily practices based on the concept of body's discipline and reinvigoration were established. All in all, I tried to highlight in the final considerations of the present work, that the understanding of the experience's dimension can be lead the researcher, who intends to investigate the bodily practices that existed in the past, to find more interesting findings than the use of the current concepts to understand the past.

Keywords: Leisure. Sport. Moral Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CAPÍTULO 1: A atuação sobre o corpo a partir de uma perspectiva moral – As teses do padre Francisco Ozamis sobre a Educação Physica.....	23
1.1 Apontamentos iniciais.....	23
1.2 Educação physica: elementos da tradição cristã do cuidado de si.....	32
1.3 Educação physica: exercício físico, ação da figura feminina e articulações retóricas entre psicologia, pedagogia e medicina.....	39
2. CAPÍTULO 2: A educação do corpo na retórica médica.....	48
2.1 Apontamentos iniciais.....	48
2.2 A educação do corpo nas publicações “O médico nas escolas”.....	55
2.3 A educação do corpo nos artigos do médico Ernest Monin.....	55
2.4 A educação do corpo nos escritos do médico Theophilo Torres.....	61
3. CAPÍTULO 3: A presença do esporte, da educação física e do exercício físico no jornal Minas Geraes: uma mudança de sentido em relação às práticas presentes na educação do corpo.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
LISTA DE FONTES CONSULTADAS.....	105

INTRODUÇÃO

Durante meu período de formação no curso de Educação Física, tive a oportunidade de frequentar as reuniões do Centro de Memória da Educação Física (CEMEF /UFMG). As reuniões do CEMEF me despertaram o interesse pela leitura de trabalhos no âmbito da história da educação que apontavam para diferentes possibilidades de investigação dos processos de intervenção social que tinham como alvo o corpo dos habitantes da nova cidade que se constituía, no caso, Belo Horizonte.

Esses trabalhos apontam que a intervenção no espaço urbano se relaciona com a necessidade de intervenção sobre os corpos; dessa forma, percebe-se que existem diversas iniciativas de constituição e disseminação de práticas pedagógicas na cidade de Belo Horizonte que carregavam consigo uma série de elementos que seriam capazes de educar sensibilidades e estabelecer uma determinada conformação dos corpos dos sujeitos em diferentes espaços, inclusive no seu tempo livre.

A construção da cidade de Belo Horizonte está associada a expectativas do processo de modernização do país, principalmente por meio do processo de urbanização. É possível observar que, paralelamente ao surgimento e desenvolvimento da cidade, produziu-se uma série de intervenções que procuravam educar os indivíduos a viver em um ambiente novo, “civilizado”.

A conformação desse novo espaço urbano é marcada arquitetonicamente pela rua retilínea, em contraposição à forma arqueada das ruas da antiga capital Ouro Preto. Se, antes, a cidade em forma de labirinto impedia a visualização de longo alcance, um olhar sobre tudo e todos, agora uma cidade nova e quadriculada possibilitaria novas condições de gestão e intervenção social.

Sant’Anna (2004, p. 12) afirma que “o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa.” Tendo em vista esse argumento, é possível considerar que a conformação de uma nova cidade também implica um novo projeto urbano no qual o corpo deverá ser (re)educado.

Nesse movimento – produção da cidade e de seus sujeitos –, é possível observar que, em diferentes espaços de sociabilidade urbana da nova capital, dispositivos de natureza diversa encontravam no corpo o seu destino, como lugar de uma educação, de um cultivo (MORENO e VAGO, 2011).

Nesse contexto, o cultivo dos corpos assumiria diferentes dimensões: incorporar os tempos do relógio para a hora do trabalho, a hora do descanso, a hora do silêncio, a hora da diversão autorizada. Cultivar os corpos era prescrever e informar normas de conduta, buscando estabelecer novas sensibilidades.

Em indícios de práticas diversas, temos percebido que os habitantes de Belo Horizonte foram sendo exigidos em um refinamento de suas sensibilidades, por meio de aparatos legais e materiais, de técnicas, de instituições, de profissionais, com prescrição de hábitos, atitudes e comportamentos que requeriam aprendizados novos ao corpo. Organizar a vida em todos os domínios e detalhes – essa a pretensão. Condutas prescritas não são necessariamente condutas praticadas, e é fundamental ver os usos que os sujeitos fizeram das prescrições que o governo lhes impôs.

Elas foram mais frequentes nos primeiros anos após a inauguração da cidade, em 1897, publicadas pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, lugar estratégico do Estado para a sua pretendida ação civilizadora, divulgando prescrições higiênicas e políticas sanitárias e cobrando sua aceitação e sua prática pelos habitantes. (MORENO e VAGO, 2011, p. 70)

No trabalho de Segantini (2010), que teve por objetivo compreender os impactos da urbanização sobre os corpos e sentidos dos habitantes do arraial de Belo Horizonte a partir da produção literária/jornalística de Alfredo Camarate, pode-se perceber como foi se fundando uma sensibilidade urbana e como as formas de percepção da cidade foram gradativamente educadas a partir de um modo de vida urbano.

Pode-se citar também o trabalho de Silva (2009), que investigou as narrativas policiais sobre a cidade de Belo Horizonte, buscando compreender os mecanismos de controle e disciplina sobre a população no período compreendido entre 1900-1926, sendo possível perceber e apontar que, em alguma medida, a polícia estabeleceu uma “pedagogia policial” que se expressava em normas acerca dos modos como as pessoas deveriam ocupar seu tempo e os espaços da cidade. Ao estabelecer práticas legítimas e não legítimas, esse conjunto de práticas policiais (regulamentos e ações punitivas) impactaram os corpos.

Interessado em pesquisar a história de Belo Horizonte a partir das práticas esportivas e de divertimento, tive a oportunidade de realizar buscas em jornal impresso que revelavam um conjunto de indícios de prescrição de hábitos e comportamentos.

Buscando indícios das práticas corporais desenvolvidas no *Club de Sports Hygienicos*¹, encontrei nas edições do jornal *Minas Geraes* do período entre 1913 e

¹ Após a conclusão da graduação em Educação Física, trabalhei na pesquisa intitulada *Mémoires do Club de Sports Hygienicos*, que teve por objetivo conhecer a história desse clube e como ele se relacionou com

1916 um conjunto de artigos que abordavam especificamente questões sobre educação física, esporte e exercício físico².

Alguns desses artigos não traziam assinatura autoral, e outros eram assinados pelos médicos Ernest Monin e Theophilo Torres e, também, pelo padre Francisco Ozamis.

Estudos sobre a temática da *educação physica, sport e exercício físico* – que aqui será abordada como *educação do corpo* – nesse mesmo momento histórico revelam um conjunto de iniciativas para o desenvolvimento, na cidade de Belo Horizonte, de clubes, práticas esportivas e práticas de divertimento tais como cinema, bailes dançantes, palestras literárias e operetas musicais. Nesses estudos, a presença do esporte e do divertimento na cidade foi interpretada a partir da noção conceitual de *lazer*, entendido enquanto fenômeno moderno e dimensão da cultura, que é lúdica e vivenciada no tempo livre. Dentre esses trabalhos, podem-se destacar os de Rodrigues (2006), Vilhena (2008) e Souza Neto e Silva (2009).

Nos artigos presentes no jornal *Minas Geraes* no período já indicado, não encontraremos a palavra *lazer* e nenhuma referência a esse termo. Além disso, esses artigos trazem consigo uma retórica que orienta as práticas ligadas à educação do corpo em uma direção diferente em relação à interpretação proposta por alguns autores a partir da noção conceitual de *lazer*.

No artigo publicado no jornal *Minas Geraes*, no ano de 1913, intitulado “Subsideos uteis – influencia do Sport”, de autoria do médico Theophilo Torres, há uma interessante observação acerca da relação entre esporte e divertimento:

A encarar o Sport, como geralmente o fazem, sob o ponto de vista de um simples divertimento, elle só pode ser prejudicial. Mas, si quizer considera-lo como norma educativa, de fins mais elevados que o de proporcionar simples

o desenvolvimento do esporte em Minas Gerais, especificamente em Belo Horizonte, a partir do período compreendido entre 1912 e 1920. Essa pesquisa foi financiada pela Fapemig e coordenada pela professora Maria Cristina Rosa, da Universidade Federal de Ouro Preto.

² Optei, por uma questão de fidedignidade às fontes de pesquisa, em manter a ortografia original dos textos dos artigos que aqui serão citados e que foram retirados das edições do jornal *Minas Geraes* no período estudado (1913-1916). Porém, ao citar os conceitos e temas abordados nessas citações no corpo dessa dissertação (tais como: educação physica, educação intellectual, sport, club, hygiene, foot-ball, gymnastic etc.), usarei a forma atualizada, isto é, em conformidade com o acordo ortográfico em vigor (educação física, educação intelectual, esporte, clube, higiene, futebol, ginástica etc.). É importante mencionar ainda que algumas dessas palavras utilizadas nesses artigos do início do século XIX, como, por exemplo, *educação physica* e *hygiene*, não tinham, naquela época, a mesma concepção que delas temos hoje, mas a discussão dessas particularidades quanto ao significado será feita oportunamente ao longo dessa dissertação.

passatempo aos rapazes, outra deverá ser a orientação. (MINAS GERAES, 25/05/1913, p. 5)

Por sua vez, Ozamis apontava que:

A vida sedentária e falta de exercício produzem a lentidão na circulação do sangue e desarranjo dos centros nervosos, sendo esta perturbação nervosa causa da irritabilidade sexual.[...] como indica o ilustre Dr. Grasset na obra *Idées Paramédicales*, pag.18 – estes exercícios para atingirem o almejado fim hão de ser “regulares”, moderados e progressivamente prolongados (sic). (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

Nos trechos dos artigos citados, percebe-se o esforço dos autores, a partir de uma retórica moralizante, em afirmar que a educação física, o esporte e o exercício físico se tornam úteis aos indivíduos apenas se cumprissem funções educativas. Esse entendimento acerca dessas práticas é recorrente nos artigos presentes no jornal *Minas Geraes* entre 1913 e 1916. É importante ressaltar que, nesse conjunto de retóricas sobre o corpo, a função educativa dessas práticas diz respeito a uma dimensão formativa que se realiza não somente no espaço escolar.

O fato de investigar, em um mesmo trabalho, artigos que foram escritos por diferentes personagens (padre, médicos) e que têm como tema central aspectos sobre educação física, esporte e exercício físico gerou a necessidade de estabelecer diálogos com alguns trabalhos que apontam para a presença da educação física, esporte e exercício físico na história. A partir desse diálogo, pude formular algumas perguntas para direcionar a investigação presente neste trabalho.

O trabalho de Linhales traz o seguinte apontamento:

desde o século XIX, várias “educações físicas” foram produzidas e legitimadas. Pode-se pensar a educação física como um conceito alargado (relativamente à educação higiênica/educação dos corpos), como prescrição de métodos e de exercícios físicos e/ou corporais (também denominados exercícios *gymnásticos* e/ou atividade física), ou como um componente curricular (atividade ou disciplina escolar). (LINHALES, 2006, p. 17)

A partir dessas observações, formulei a seguinte questão: se é possível considerar que várias “educações físicas”, entendidas aqui como *educação do corpo*, foram produzidas e legitimadas na história, quais seriam os sentidos e significados das prescrições para esta educação do corpo nos artigos publicados no jornal *Minas Geraes* entre 1913 e 1916?

Considerando que a educação do corpo estava presente nos escritos sobre educação do padre, dos médicos e nos artigos que não possuíam assinatura no *Minas*

Geraes, surge a segunda questão: havia divergência ou consenso nesses textos que foram elaborados por diferentes personagens?

Em relação ao esporte, é possível observar na obra *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion* (1992), de autoria Nobert Elias e Eric Dunning, que o surgimento do esporte moderno está conectado ao de novas modalidades atléticas na Inglaterra no século XIX. O surgimento dos esportes modernos guarda relação com as transformações políticas oriundas do processo civilizador. Além disso, as novas modalidades esportivas tinham como importante característica o que é denominado por Elias e Dunning (1992) como “o descontrolo controlado dos controles emocionais”. Essa característica dos esportes modernos, ou seja, o controle das emoções, aponta para uma importante diferenciação entre os antigos jogos tradicionais: estes carregavam consigo um conjunto de atitudes (ações) de agressividade.

Alguns trabalhos que buscaram interpretar a presença do esporte em Belo Horizonte enquanto forma de lazer ou sob a hipótese da transformação da cultura levaram em consideração o escopo da obra de Nobert Elias. Nesse sentido, produzi a seguinte questão: é possível perceber nessas fontes, sobretudo nas prescrições sobre o esporte, elementos de um padrão de civilidade moderno? Em que medida, a partir das fontes em análise, é possível estabelecer convergências ou divergências com as outras interpretações sobre educação do corpo na cidade de Belo Horizonte no período analisado?

Além do aspecto do controle das emoções, existem outros elementos importantes que devem ser levados em consideração na análise do esporte nesse momento histórico:

No final do século XIX e ao longo do século XX, tornaram-se plurais as apropriações, os usos e as interpretações relativas ao esporte. Expandindo-se como prática e como prescrição corporal, o esporte alcançou grande visibilidade. Agregando referências e padrões de civilidade relativos ao ideário do progresso e da superação dos limites humanos, o esporte foi produzido culturalmente como mercadoria para consumo ativo e, principalmente, para o consumo passivo (o espetáculo de massas). Em alguma medida, as práticas esportivas legitimaram e autorizaram a exacerbação das relações competitivas entre pessoas, grupos e nações, ao mesmo tempo em que produziram estreitas conexões culturais – metáforas – entre corpo e máquina tais como: eficiência, rendimento, energia, automação... Na ambiência moderna, os corpos de homens e mulheres que praticam o esporte foram esquadrihados e codificados, tendo a ciência e a tecnologia como vetores nesse outro processo de aceleração (e distanciamento) cultural. (LINHALES, 2006, p. 24)

Seria possível observar, nos artigos presentes no jornal *Minas Geraes* entre 1913 e 1916, indícios relacionados à espetacularização? Seria possível observar aspectos de racionalizações (esquadrinhamentos e quantificações)?

Levando em consideração essas questões e, ainda, que busco investigar e compreender os sentidos atribuídos à educação do corpo (referida na documentação pesquisada como *Educação Physica, sport e exercício físico*), foi necessário recorrer a bibliografias que me apontassem caminhos para a compreensão do documento enquanto evidência histórica. Desse modo, me aproximei dos escritos do historiador Jacques Le Goff.

Nas reflexões presentes no texto *Documento/Monumento*, Le Goff salienta que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2003, p. 535). A partir dessa condição, a atividade do historiador consiste em estabelecer um olhar crítico sobre o documento/monumento.

Compreendendo que, “no limite, não existe um documento-verdade, todo documento é mentira” (LE GOFF, 2003, p. 538), é caro ao trabalho do historiador possuir uma acuidade que lhe possibilite visualizar e operar com um conjunto de críticas, na medida em que estas são fundamentais para realizar a desmontagem daquilo que se coloca como roupagem, aparência enganadora, dos documentos de uma época.

Na medida em que documentos estão imersos em uma contradição, pois carregam em si mesmos a necessidade de expressão de uma época, mas, ao mesmo tempo, são uma mentira, pois foram produzidos a partir de uma montagem, o discurso de agências oficiais não é menos relevante para o historiador.

Analisando as condições de montagem desses documentos, o historiador pode compreender o porquê da presença de determinadas retóricas e discursos em um periódico. “A análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente” (LE GOFF, 2003, p. 536).

Considerando-se que a base empírica desse projeto são matérias publicadas em um jornal impresso, percebe-se que, para além do olhar e da análise que se estabelece em relação aos documentos, é necessário realizar um exercício empírico para produzir as fontes que vão possibilitar a escrita sobre um momento histórico dado.

Para tal empreendimento, me aproximei de um conjunto teórico elaborado por Edward Palmer Thompson, expresso principalmente em um texto intitulado “Intervalo: a lógica histórica”, publicado no livro *A miséria da teoria* (1981). Nessa obra,

Thompson desenvolve um conjunto de argumentos em torno da escrita da história e do trato com os objetos/evidências históricas, compreendendo que o conhecimento histórico é provisório, incompleto, seletivo, limitado e definido pelas perguntas feitas e por evidências dentro de um campo definido.

Partindo do entendimento de que o processo histórico pode ser objeto de conhecimento objetivo, revelado no diálogo com determinadas evidências, o autor considera que a história não oferece um “laboratório de verificação experimental” e que a lógica histórica não deve ser submetida aos mesmos critérios da lógica analítica. O historiador analisa fenômenos que estão em constante movimento, que evidenciam manifestações contraditórias em determinados contextos particulares e que se relacionam com evidências também particulares. Dessa forma, é gerada a necessidade de se escolherem as melhores perguntas, que devem ser elaboradas considerando cada momento histórico específico, para auxiliar em uma investigação.

Thompson conceitua a lógica histórica como “método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado na medida do possível a testar hipóteses quanto à estrutura causação etc. (...), e a eliminar procedimentos autoconfirmadores” (THOMPSON, 1981, p. 57).

Ao pontuar a importância do diálogo entre a teoria e o engajamento empírico, Thompson salienta que:

... toda noção, ou conceito, surge de engajamentos empíricos e por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua auto-interrogação, esta deve ser remetida a um compromisso com as propriedades determinadas da evidência e defender seus argumentos ante juízes vigilantes no “tribunal de recursos” da história. (THOMPSON, 1981, p. 63)

Após considerar as análises de Jacques Le Goff no que tange à apropriação de documentos pela história e às análises de Edward Palmer Thompson sobre a evidência histórica, destaco em seguida alguns trabalhos que tratam o jornal impresso diário como fonte e como tema para a pesquisa em história. Tais trabalhos me auxiliaram na interpretação dos artigos publicados no jornal *Minas Geraes*, no período em questão.

Levando em consideração os aspectos presentes na análise dos jornais impressos, Vieira (2007) destaca que é importante indagar sobre a frequência e sobre a forma como os assuntos são apresentados ao público, considerando o lugar da notícia/matéria no interior do suporte (primeira página, notas, seções), a forma como ela é diagramada/apresentada (tamanho dos tipos, presença de fotografias, mapas, desenhos

ou caricaturas), bem como os meios discursivos utilizados na produção das notícias e das manchetes (léxico e retórica). Além disso, é importante compreender o raio de alcance e circulação dos jornais em relação aos leitores.

Vieira (2007) ressalta que o jornal impresso possui potencialidades que podem ser exploradas como documento (suporte de sentidos) e problema de pesquisa social (ator político). Torna-se necessário distinguirmos analiticamente entre o que os editores pretendiam como efeito de sentido e o que foi produzido como representação e como práticas pelos seus leitores (VIEIRA, 2007, p. 18).

Ainda segundo Vieira (2007, p. 16), se considerarmos o jornal como lugar de produção, veiculação e circulação dos discursos, perceberemos que ele tem uma função importante no processo de organização do mundo social.

Neto (2002) considera que a imprensa é o espaço da comunicação, e o jornal, uma parcela dessa imprensa; portanto, ao fazer uso do jornal na pesquisa, estamos usando apenas uma fração das interpretações produzidas, porém, uma fração importante, visto que a imprensa desse período é majoritariamente dependente do texto impresso, estando muitas outras formas de comunicação, como o telefone e o cinema, ainda em seus primórdios. Sendo assim, o jornal é importante na difusão de notícias, de valores e na emissão de opiniões, configurando uma significativa oportunidade para o entendimento da educação dos sentidos e sensibilidades.

Considerando essas características do jornal impresso, entendo que o jornal se apresenta com um documento ímpar de pesquisa, pois a palavra escrita pode ser recuperada, gerando a possibilidade de compreensão de um período histórico por meio da investigação historiográfica.

Na temporalidade que compõe esta pesquisa, a imprensa veicula um conjunto de retóricas de cunho prescritivo que tem a intenção de produzir verdades. A ideia de verdade presente na retórica jornalística é o substrato para as considerações sobre o que é considerado e/ou veiculado como sendo verdadeiro num determinado período histórico. Segundo Bastos (2002), a imprensa se constitui como um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão, visto que é portadora e produtora de significações.

Nesse sentido, a autora afirma que:

... o jornal torna-se um elemento fundamental para compreender as principais representações de uma época, uma vez que centraliza boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual, que trabalha na moldagem da cultura. (BASTOS, 2002, p. 206)

O periódico em análise neste trabalho era editado e impresso pela imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, ou seja, carregava (e ainda carrega) consigo uma espécie de discurso “ideal” do poder central, pois mobiliza principalmente o discurso oficial eleito pelo governo do Estado. Entretanto, o fato de um veículo de imprensa representar tendências não justifica a recusa deste como fonte de pesquisa, uma vez que, de acordo com Vieira (2007, p. 16), parte-se do entendimento de que não existem documentos fidedignos capazes de expressar objetivamente a realidade.

O jornal *Minas Geraes* teve sua criação prevista pela Lei n. 8, de 6 de novembro de 1891, que criou a imprensa oficial. Iniciou suas publicações no dia 21 de abril de 1892, sob a direção de Jorge Pinto, na cidade de Ouro Preto.

Após a mudança da capital, a imprensa oficial continuou por algum tempo em Ouro Preto, tendo se despedido da antiga capital a 30 de junho de 1898, reaparecendo a 12 de junho de 1899, em Belo Horizonte, com a publicação número 116 do ano VII (LINHARES, 1995, p. 59).

Segundo Linhares (1995) o *Minas Geraes* foi o primeiro jornal diário publicado em Belo Horizonte. Nele foi noticiada uma série de acontecimentos da cidade, de cunho político, esportivo ou artístico. Entre os anos de 1912 e 1920, o *Minas Geraes* se dividia em seções³, que eram as seguintes: Atos do Governo, Poder Legislativo e Judiciário, Conselho Deliberativo da Prefeitura, Agricultura, Noticiário, Diversas, Festas e Diversões, Notas Sociais, Avisos Alheios, Telegramas e Anúncios.

O conteúdo presente nessas seções dava conta de notícias relacionadas ao desenvolvimento da capital, sendo possível perceber diversas vezes, no corpo do jornal, uma retórica que se empenhava em elogiar a cidade de Belo Horizonte como expressão de cidade moderna.

Também faziam parte das notícias do jornal os programas curriculares da Escola Normal, as iniciativas do Estado para desenvolver a educação, estatísticas administrativas sobre o Estado de Minas Gerais, notícias sobre a política nacional e internacional, conflitos bélicos no mundo, questões internacionais, estatutos de diversas naturezas (clubes, caixa escolares, associações beneficentes), eventos realizados na cidade, como bailes, exibição de filmes em cinemas, eventos beneficentes e anúncios comerciais.

³ Durante o período estudado (1912-1920) por Linhares, segundo esse autor declara, algumas seções do jornal *Minas Geraes* deixavam de ser publicadas durante um período e voltavam a ser publicadas depois.

O artigo de Souza Neto e Silva, que analisou a seção “Festas e Diversões” do jornal *Minas Geraes* no período de 1897 até 1910, aponta que:

A criação de uma seção chamada “Festas e Diversões”, em Agosto de 1898, evidencia o fato da importância dada, cada vez maior, à maneira que os habitantes encontravam para ocupar o seu tempo vago, notadamente se divertindo. A criação de um espaço específico para a divulgação e comentários das festas e diversões da capital, no jornal oficial do Estado, é uma forte demonstração da mudança de valores associada à constituição do imaginário moderno. (SOUZA NETO e SILVA, 2009, p.10)

Souza Neto e Silva (2009) afirmam que a primeira seção “Festas e Diversões” é datada de 3 de agosto de 1898 e traz uma pequena nota, informando sobre a chegada da companhia dramática do ator Coimbra, que estrearia no dia seguinte, encenando o drama de A d’Ennery, chamada *A queda da Bastilha*. Além disso, os autores destacam que, mesmo com o crescimento de adeptos da prática de esporte, as práticas de divertimento do final do século XIX e os anos iniciais da primeira década do século XX presentes no jornal *Minas Geraes* referem-se, fundamentalmente, ao teatro, à música e às festas.

Ainda segundo esses autores, é possível apresentar os principais temas abordados na referida seção do jornal *Minas Geraes* da seguinte forma:

Teatro: todas as referências feitas às apresentações teatrais, bem como a chegada de companhias dramáticas e anúncios de peças e operetas.

Música: todas as referências encontradas dizem respeito às apresentações das bandas de música, concertos musicais, retretas e canções.

Festas: representa a categoria mais geral de análise, pois remete a toda ideia de festa. Nesse sentido, foram incorporadas, na categoria “Festas”, as notas sobre aniversários, batizados, casamentos, bailes, partidas e *soirées* dançantes, carnaval e/ou zé-pereira, saraus, festivais artísticos, quermesses, festas beneficentes e os *garden-parties*.

Esporte: foram agrupadas nessa categoria as notas referentes ao ciclismo e veloclub, futebol, turfe e Prado Mineiro, patinação, tiro, alpinismo e clubes esportivos.

Circo-Touradas: as notas que fazem anúncios e/ou comentários sobre a passagem dos circos, prestidigitação (ilusionismo) e as touradas que, embora possam ser vistas com um caráter esportivo, estavam fortemente vinculadas às companhias circenses, chegando a ser denominadas como “circo de cavaleiros” ou “companhias tauromachicas”.

Palestras Literárias: notas referentes às apresentações literárias, algumas inclusive denominadas “saraus literários”. Dizem respeito às palestras, notadamente com intelectuais ou “homens de letras”, que versavam sobre algum tema para uma “distinta platéia”.

Cinema: referências ao cinematographo, ou à projeção de filmes. (SOUZA NETO e SILVA, 2009, p.12)

A partir das leituras realizadas no jornal *Minas Geraes* da década de 1910, foi possível perceber algumas particularidades.

No período pesquisado, podemos perceber a presença de textos sobre esportes no jornal *Minas Geraes* de formas distintas no que diz respeito às seções em que aparecem artigos sobre o assunto e à forma textual utilizada para falar disso.

De 1910 até o ano de 1920, período do jornal *Minas Geraes* que me interessava para esta pesquisa, é possível destacar que a seção “Festas e Diversões” aparece de forma diária. Os temas abordados nessa seção continuam a ser, basicamente, aqueles presentes no período compreendido entre 1897 e 1909.

Entretanto, destacaria que o esporte, sobretudo o futebol, ou *foot-ball*, como era referido na época, ganha maior destaque nessa seção (quase que exclusivamente) a partir de 1911. Acredito que esse fato guarda relação com o crescimento e desenvolvimento de agremiações de futebol na cidade nesse período. É perceptível que, com o passar dos anos, as notícias que abriam diariamente a seção “Festas e Diversões” são relativas ao futebol.

Em paralelo às notícias sobre esporte que aparecem na referida sessão, foram encontrados, no período que compreende os anos de 1913 a 1916, textos sobre esporte também em outras seções no jornal *Minas Geraes*. Nesse contexto, poderíamos destacar que esses textos sobre esporte ora aparecem escritos sem estar vinculados a uma seção específica do jornal, ora aparecem em uma seção determinada do jornal, como, por exemplo na seção “As correspondências de Paris”.

Além disso, esses textos trazem um aspecto importante no que diz respeito a sua forma textual. Se, na seção “Festas e Diversões”, tem-se um tipo textual que busca noticiar eventos, inclusive esportivos, na cidade, os outros textos sobre esporte que aparecem no corpo do jornal se apresentam, sobretudo, como um “dizer sobre o corpo”, em alguns momentos com formato de prescrição; em outros momentos, o texto se apresenta como crônica, apontando a presença do esporte e do exercício físico em outras culturas.

Entre 1913 e 1916, ocorre a publicação de um conjunto de 63 artigos que abordam a temática da *educação do corpo*, com conteúdos sobre educação física, esporte e exercício físico. É possível salientar que alguns desses artigos mobilizam uma retórica de cunho moral, científico e religioso para propor intervenções que tinham como alvo o corpo dos sujeitos.

Entre os anos de 1910 e 1912, e de 1917 até 1919, não foram encontrados artigos que abordassem a temática da educação do corpo com as mesmas características dos artigos publicados entre 1913 e 1916, o que torna essa série documental singular.

O jornal *Minas Geraes* publica em 1913 dois textos assinados pelo médico Ernest Monin⁴: O artigo “Palestra médica – gymnastic”, publicado em francês, e logo após o artigo intitulado “Desenvolvimento tardio das creanças”.

Em 1914, o periódico publica mais três artigos assinados pelo médico Ernest Monin: “A hygiene da alimentação”, “Correspondência de Paris – o exercício contra a obesidade” e “Correspondência de Paris – causas e tratamento da magreza”. Esses artigos dizem respeito, principalmente, a um conjunto de saberes da medicina que refletem sobre a higiene e a educação física.

O médico Theophilo Torres parece ter uma importante inserção no campo de debates da medicina na década de 1910. A *Revista Semanal de Medicina e Cirurgia Brazil-Médico*, publicada no Rio de Janeiro, informa que esse médico era membro da Associação Nacional de Medicina. Em 1912, é noticiado na seção “Associações Científicas”⁵ que ele havia se tornado vice-presidente daquela associação. Acompanhando os debates da Associação Nacional de Medicina entre 1912 e 1913, percebe-se que o Torres teve uma intensa participação nos debates em torno do problema da sífilis, propondo um conjunto de medidas profiláticas que envolviam a ação da polícia, a proibição do meretrício e a educação da mulher e das crianças.

Em 1913, Theophilo Torres publica no periódico um interessante artigo intitulado “Subsideos uteis: influência do Sport”, em cuja escrita procura estabelecer uma série de benefícios físicos oriundos de determinadas práticas esportivas.

Em 1916, é publicado no periódico um discurso realizado pelo médico Theophilo Torres na Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, intitulado “O foot-ball – uma proposta do Dr. Theophilo Torres”. Nesse discurso, Torres faz um conjunto de críticas ao futebol e afirma a necessidade de a comunidade médica estudar tal prática.

⁴ Em pesquisa ao nome de Ernest Monin, não conseguimos encontrar maiores informações sobre a pessoa e/ou carreira desse médico. Exceto por dois artigos de sua autoria que constam no catálogo de obras raras da Academia Nacional de Medicina (ambos publicados em Paris: um datado de 1888, “L’hygiène de l’estomac: guide pratique de l’alimentation” e o outro, de 1892, “La lutte pour la santé”), nada mais foi encontrado.

⁵ “Associações Científicas” era uma seção da revista *Brazil-Médico* que noticiava as reuniões da Associação Nacional de Medicina.

O padre Francisco Ozamis publicou, entre os anos de 1913 e 1914, uma coluna intitulada “Orientações Pedagógicas”. Seus artigos no jornal *Minas Geraes* tratavam da *educação physica, educação intellectual e educação moral*.

Sobre o padre Francisco Ozamis, existem trabalhos acadêmicos que abordam suas diferentes produções. Na tese de doutorado intitulada *As tentações integristas: um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908- 1937)*, Gonçalves (2009) busca compreender os impactos da presença da tradição integrista católica no Brasil a partir da trajetória intelectual de padres ligados a esta doutrina e a relação estabelecida com o Estado.

Segundo Gonçalves (2009), Ozamis era espanhol. Nasceu em Guernica, no dia 2 de abril de 1874, e fez seus estudos em teologia e filosofia na Universidade de Cervera. Em 1897, chegou ao Brasil como membro da Congregação dos Missionários Filhos do Coração de Maria e passou a ocupar lugares de destaque no governo da província claretiana. Além de exercer o cargo das importantes residências de Campinas, Rio de Janeiro e São Paulo, Ozamis publicou pelo menos quatro livros: *Bandeirante da imprensa, Princípios de educação, Modernos e não modernistas e A paz do Papa*. Foi diretor da revista *Ave Maria* e fundou as publicações católicas *Lourdes*, em Belo Horizonte, *A Paz*, no Rio de Janeiro, e *A Verdade*, em Campinas.

No trabalho de Cristiana Chaves de Oliveira e Tarcísio Mauro Vago, intitulado *Francisco Ozamis: um padre escreve sobre a educação moral, intellectual e physica em Minas Gerais (1902-1929)*, os autores apontam que padre Francisco Ozamis estava inserido em uma série de instituições da recém-criada Belo Horizonte. A partir dessa constatação, os autores buscam compreender a produção e a trajetória intelectual do padre Francisco Ozamis na cidade de Belo Horizonte.

Herdeiro do pensamento da tradição integrista espanhola e crítico do estado republicano, o padre Francisco Ozamis esteve inserido por mais de duas décadas na vida pública, presença que foi encerrada em 1929, quando faleceu. Nesse período, exerceu as atividades de padre, missionário, escritor, professor, editor e diretor de revistas.

Além desses artigos mencionados, da autoria dos médicos Ernest Monin e Theophilo Torres e do padre Francisco Ozamis, foi publicado entre 1913 e 1916 um conjunto de artigos (alguns com autoria identificada e outros não). Nesses artigos, o que chama atenção não é exatamente a presença de prescrições, mas o fato de que também tratam de questões ligadas à educação do corpo.

Buscando elucidar o aspecto moral presente nessas retóricas, no primeiro capítulo, apresento os argumentos do Padre Francisco Ozamis que estão presentes, principalmente, em suas publicações “Orientações pedagógicas – Educação Physica”. Em um primeiro momento, busco estabelecer que as ideias de Ozamis sobre uma Educação moral, intellectual e physica se situam em um debate sobre educação, que, na época, já era influenciado pelas obras de Herbert Spencer. Em seguida, demonstro como os argumentos de Ozamis estavam profundamente conectados com a tradição da doutrina integrista da igreja católica. Em um segundo momento, a partir do diálogo com a obra de Michel Foucault, indico como é possível observar que a argumentação de Ozamis sobre a Educação Physica se constitui a partir do diálogo com uma longa tradição moral da igreja e que deriva, principalmente, do momento ascético-monástico do cuidado de si. Finalizando as análises sobre Ozamis, busquei apresentar mais especificamente o investimento desse padre em relação à educação do corpo, com a prescrição do exercício físico, da higiene e de um conjunto de articulações retóricas derivadas do saber da pedagogia, psicologia e medicina.

No segundo capítulo, busco analisar a retórica médica em três momentos distintos: nas publicações “O médico nas escolas” e nos artigos dos médicos Ernest Monin e Theophilo Torres. Nesse capítulo, busquei compreender o aspecto moral a partir das prescrições que buscavam produzir um conjunto de comportamentos e hábitos. A produção de argumentos pautados em uma perspectiva moral também se relacionava com o debate sobre as práticas corporais realizados por intelectuais nesse período.

E, enfim, no terceiro capítulo, comento um conjunto documental em que se pode observar a recorrência das expressões *Cultura physica*, *Educação Physica*, *Sports* e *Sportsman*. Nesse momento, a partir do diálogo com a obra de Vigarello, busquei apontar que nessas publicações destacava-se um processo de transição que parece se relacionar com novas balizas para a educação do corpo, sendo que, ao mesmo tempo, essas expressões buscavam conferir uma positividade em relação às práticas corporais naquele período.

CAPÍTULO 1: A ATUAÇÃO SOBRE O CORPO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA MORAL – AS TESES DO PADRE FRANCISCO OZAMIS SOBRE A *EDUCAÇÃO PHYSICA*

1.1 Apontamentos iniciais

Considerando os objetivos deste trabalho, pretendo dar maior enfoque às reflexões do padre Francisco Ozamis sobre a educação do corpo, presentes principalmente nos seus artigos intitulados *Educação Physica*. Entretanto, antes de aprofundar a análise dos argumentos presentes nesses artigos, apresento algumas questões que auxiliam na busca por uma compreensão das proposições do padre acerca daquela *educação physica*. São elas: o que levaria um padre a escrever e publicar na imprensa artigos sobre *educação moral, intellectual e physica*? O que justifica a presença desses artigos no jornal *Minas Geraes* entre 1913 e 1914? Quais são as finalidades propostas para a educação por esse padre?

A presença do padre Francisco Ozamis em diferentes cidades brasileiras foi marcada principalmente pela divulgação das suas ideias em diferentes veículos de imprensa. Analisando a presença dos escritos desse padre na imprensa, Gonçalves aponta que:

O trabalho de Ozamiz estava permeado, por uma militância altamente organizada. Atuava na pastoral, na missão, no proselitismo antimoderno e antiprotestante. Muitas vezes, suas teses rememoravam as facetas do “integrismo fundamental” de Sardà com os encargos assumidos na imprensa, seu instrumento mais evidente e eficaz de militância. Essa interessante faceta de Ozamiz mostra-se nas estratégias que desenhava para a expansão e sustentação do meio que elegera para combater as heresias modernas. (GONÇALVES, 2009, p. 198)

Ainda sobre o padre, Gonçalves (2009) informa:

Missionário, escritor, diretor de revistas, conversor de pecadores, professor, jornalista, enfim, intelectual, Ozamiz, nas mais de duas décadas em que esteve profunda e regularmente envolvido com o trabalho cotidiano na Ave Maria [...] diferenciando-se, contudo, por uma retórica ortodoxa mais refinada que imprimia aos seus quadros textuais na revista Ave Maria certa sofisticação e uma inegável erudição capturada no diálogo nem tão amistoso que empreendia com as mais diversas correntes de idéias. Como desdobramento, agregava à formação teológica original, como era de se prever, concepções da filosofia católica que não prescindiam da necessidade

de realçar conceitos extraídos da matriz integrista espanhola. (GONÇALVES, 2009, p. 195)

Ozamis foi herdeiro do estilo “combativo” de um dos principais nomes da tradição do pensamento integrista espanhol. Nessa direção, a fundamentação das teses de Ozamis continha uma série de influências oriundas do pensamento do sacerdote Félix Sardà i Salvany:

O integrismo espanhol, na sua modalidade política, ancora-se, entre outras bases inspiradoras, na corrente de católicos intransigentes que, sob a liderança de Candido e Ramón Nocedal, formaram o partido integrista em 1888, logo em seguida à ruptura com o monarquismo carlista moderado, desejoso em estabelecer um canal de diálogo com os liberais. A repulsa radical ao liberalismo e a adesão sem condicionantes às teses do *Syllabus* de Pio IX (1864), propiciaram ao integrismo espanhol construir uma simbiose entre as premissas religiosas e os princípios ideológico-políticos, catalisando sensivelmente boa parte da audiência católica espanhola. O objetivo dessa aliança era instaurar um regime de cristandade. [...] a plataforma dos integristas era integrar religião e política pela restauração de uma Espanha imperial, primeiro católica, depois monárquica. Submissa ao papa e à igreja romana, a *españolidad* integrista seria amparada pela convicção de que a providência divina atuaria em favor das suas pretensões, sem, claro está, abdicar de uma sistemática propaganda por meio dos mais variados dispositivos de comunicação social disponíveis à época.

À corrente integrista liderada por Sardà i Salvany coube o papel não só de conciliar, mas eliminar o hiato entre a ordem social mundana e a ordem espiritual. Porém, a política em si mesma era vista com desprezo e não respondia aos desígnios de uma sobrenatureza religiosa se não fosse um instrumento de apoio incondicional ao catolicismo. (GONÇALVES, 2007, p. 228).

Ainda segundo Gonçalves (2009), o pensamento de Sardà i Salvany corresponde à corrente tradicionalista do catolicismo hispânico das décadas de 1870 e 1880 e se distingue por seu caráter “militante, intransigente e defensivo” frente ao liberalismo e às políticas anticlericais desenvolvidas pelas juntas revolucionárias da primeira república espanhola, a partir de 1868. A obra de Sardà i Salvany teve grande ascendência entre o clero catalão e se difundiu de forma intensa em toda a Espanha. Sardà i Salvany e outros integristas viam na imprensa o principal local de divulgação das suas ideias.

Os escritos de Sardà i Salvany são marcados pelo viés moralista e pelo desencanto com o mundo moderno, partem do senso comum e não se caracterizam pela densidade intelectual ou reflexão teológica aprofundada (GONÇALVES, 2009). Os escritos deste sacerdote foram traduzidos para a língua portuguesa pelos padres da ordem claretiana residentes no Brasil, dentre eles o padre Francisco Ozamis. O principal

veículo de divulgação desses escritos foi a revista *Ave Maria*. A presença desses escritos nessa revista representaria os ecos do integrismo católico no Brasil.

Analisando a presença do integrismo no Brasil, Gonçalves (2009) afirma que o integrismo católico é uma mentalidade religiosa que se empenha na construção /imposição de uma sociedade regida pelo catolicismo institucional, sustentada por uma fé integral e intransigente, que rejeita possibilidades de renovação doutrinária ou dogmática. Essa tendência do catolicismo também almeja, em que pesem suas apropriações teológicas, intervir nos processos políticos pelos mais diversos mecanismos de pressão voltados a dar visibilidade às demandas católicas e age pela crítica radical quanto ao ingresso e às propostas das confissões concorrentes, bem como das ideologias modernas que põem em risco a hegemonia cultural e religiosa da igreja católica. O integrismo católico se afirma como mais um discurso corrente entre as múltiplas tendências institucionais católicas que tentaram conter, controlar e moldar, sobretudo, em parte do século XX, práticas religiosas renovadoras e, por extensão obrigatória, moldar a sociedade contemporânea. Partindo do campo religioso doutrinário católico, mas superando esse registro para atingir uma dimensão ética constitutiva do coletivo, o integrismo representa uma atitude no sentido de impregnar de catolicismo todas as esferas da vida social, converter o Estado à égide de um fundamento católico, preocupando-se em atacar e coibir os impulsos verificados nos fenômenos plurais da modernidade.

A natureza do pensamento integrista, sua atuação junto a setores da sociedade, a ligação do padre Francisco Ozamis com essa tradição do pensamento e a presença de suas ideias na imprensa do Brasil apontam que a publicação de um conjunto de “orientações pedagógicas” no jornal *Minas Geraes* reflete a intenção desse padre em atuar na definição dos rumos da sociedade através da divulgação de ideias educacionais que buscavam moralizar a cultura. Nesse sentido, não é mero acaso que os escritos surgissem em Belo Horizonte, uma cidade que estava se constituindo e, no campo educacional, já vinha sendo influenciada por um conjunto de ideias sobre *educação moral, intellectual e physica*, de Hebert Spencer⁶.

⁶ Segundo Carvalho e Machado (2011), Herbert Spencer (1820-1903) “intuiu a existência de regras evolucionistas na natureza antes de seu compatriota, o naturalista Charles Darwin (1809-1882), elaborar a revolucionária teoria da evolução das espécies. As formulações deste último ajudaram Spencer a criar um sistema de pensamento muito influente, o chamado Evolucionismo Spenceriano. *A lei do progresso*, se não foi a ideia principal desse sistema, foi a mais apreendida no Brasil imperial e, depois, republicano.” (cf. Carvalho e Machado, 2011, p. 2)

Sobre a presença das ideias de Hebert Spencer no Brasil, Carvalho e Machado (2011) afirmam que:

Em um período em que a ciência e a natureza pareciam ter as respostas de como a sociedade deveria se orientar, o filósofo inglês de tradição empirista Herbert Spencer fora amplamente lido, discutido e disseminado [...]. Pelo menos desde a década de 1870, suas obras foram introduzidas nos meios de formação acadêmica e intelectual de que o Brasil dispunha. Suas orientações dispunham-se na articulação das ideias das chamadas “ciências duras” à filosofia e sociologia, sob o pano de fundo do liberalismo inglês clássico. Tal modelo teórico adentrou as ideias político-republicanas, bem como as ideias educacionais, chegando até a influenciar na montagem do programa de ensino primário mineiro de 1906. (CARVALHO e MACHADO, 2011, p. 1)

Ainda segundo os mesmos autores:

Tais ideias podem ser encontradas tanto na forma como os atores político/educacionais pensaram/fizeram a república brasileira como em suas ações em prol da efetivação deste tempo político e social. Herbert Spencer fora lido, apropriado e adaptado à medida que suas ideias atenderam às especificidades do contexto político/educacional brasileiro. A Reforma do Ensino Primário de 1906, em Minas Gerais, pode ser vista como uma das que receberam tais influências. O Estado fornece a escola sustentada no tripé da educação moral, intelectual e física para estimular a criança a se adaptar ao tempo no qual está inserida. Depois, deve se retirar, pois esse tempo, republicano, capitalista, moderno, da sociedade do trabalho, é marcadamente o tempo em que uma sociedade de estados deverá ser substituída por uma de classes, fundamentada no mérito e na alta mobilidade, em que, potencialmente, existiriam maiores condições de liberdade e, de certa forma, uma igualdade maquiada. (CARVALHO e MACHADO, 2011, p. 7)

Buscando traçar um conjunto de considerações sobre a moral, Ozamis apresenta um conjunto de críticas a Hebert Spencer. Em seu terceiro artigo sobre a educação moral presente no livro *Princípios de educação*, o padre analisa que, ainda que a moral envolva a ideia de conformidade das nossas ações com a razão, é totalmente baseada nos princípios religiosos. O padre afirma que a moral não seria algo intrínseco à natureza humana, como apontaria Spencer, mas sim regras de comportamentos e ações construídas historicamente e convencionadas pela sociedade com o objetivo de manter a ordem. Para Ozamis, a forma com que Hebert Spencer vislumbra a moral o torna um partidário de uma moral independente – moral sem religião –, ancorada em uma “theoria moral evolucionista”, o padre afirma que:

Spencer acredita que um dia a moralidade será orgânica, isto é, de tal modo inerente ao nosso cérebro mesmo, como o instinto de fazer um ninho á cabecinha do passarinho e o instinto de fazer um dique ao cérebro dos castores!! Spencer exulta pela chegada desse grande dia, e brada: Um dia, anuncia profeticamente, virá em que o instinto altruísta será tão poderoso, exclusivo e de tal modo encarnado no nosso organismo, que os homens se disputarão uma ocasião de sacrificar-se e de morrer pelos seus concidadãos!!

Podemos imediatamente responder que a humanidade não vai por enquanto para esse dia através da catastrophe da guerra européa. Cientificamente essa theoria está em franca opposição com a hypothese da seleção natural na lucta pela vida. Pedagogicamente esta theoria merece a repulsa das leis educativas, que não se praticam pelas phases naturaes da evolução mas pelo sacrificio e pela violência. Compreendeu Taine, positivista ferrenho, que essa esperança de Spencer é uma conversa fiada. Por isso escreveu: “Il n’y a que le christianisme pour maintenir dans la société la douceur et l’humanité, l’humilité, la bonne foi et la justice”. (OZAMIS, 1915, p. 239)

A crítica de Ozamis ao pensamento de Hebert Spencer pode ser entendida a partir das características da tradição de pensamento cristã, com as quais as ideias do padre estão em consonância. Como apontado anteriormente, essa tradição do pensamento busca criticar todo pensamento ou ideia que esteja presente na sociedade e não se fundamenta em um principio religioso. Nesse sentido, na medida em que, para Ozamis, os escritos de Hebert Spencer eram fundamentados em uma moral sem religião, esses deveriam ser criticados. Além disso, o padre devia estar atento à influência das ideias de Spencer no Brasil e em Belo Horizonte. Assim, o padre busca na imprensa oficial do estado de *Minas Geraes* o espaço para divulgar as suas próprias ideias sobre *educação moral, intellectual e physica* e criticar as proposições de Spencer. Alguns indícios presentes nas fontes mostram que essas ideias do padre tiveram repercussão em relação aos dirigentes da educação em Minas Gerais.

A presença dos artigos de Ozamis no jornal da imprensa oficial aponta a inscrição do padre em uma tribuna pública para divulgar as suas ideias. Entre 1913 e 1914, seus artigos traziam, logo no título, a inscrição “Orientações pedagógicas – Cartas ao Exmo. Dr. Delfim Moreira”. Em alguns desses artigos, o padre tece elogios às iniciativas dos dirigentes do estado. Na dedicatória do livro publicado por Ozamis em 1915, é possível destacar esse aspecto:

Ao Exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira, D.D. Presidente do Estado de Minas Geraes, glorioso propulsor das iniciativas pedagógicas offerece e dedica como prova de admiração. P. Francisco Ozamis C. M. F. (In OZAMIS, 1915).

Em 1915, o conjunto de artigos do padre Francisco Ozamis sobre *educação physica, moral e intellectual* que foram publicados entre 1913 e 1914 no jornal *Minas Geraes* são editados pela imprensa oficial e transformados no livro *Princípios de educação*. Além dos artigos, o livro traz um prefácio escrito por Thomaz Brandão, que na época era reitor do *Gymnasio Mineiro*.

Nos escritos do padre Francisco Ozamis, é interessante observar a maneira como são expostas suas ideias no transcorrer dos seus escritos. Percebemos um tipo de “performance textual” na qual é apresentado, no início dos textos, o problema ou as questões a serem abordadas. A argumentação acerca da delimitação do problema a ser abordado surge a partir de uma leitura “histórica” das tendências do pensamento que estão em torno do problema ou da questão que ele busca solucionar. A partir daí, podemos perceber que o padre ou se opõe ou corrobora ou apresenta uma nova possibilidade de abordagem, situando em que perspectiva é possível operar em termos educacionais.

Devido à maneira de expor os seus argumentos, não existe na obra do padre um momento específico no qual é revelado um conceito de educação; ao longo dos seus escritos, percebe-se que é atribuído à educação um conjunto de sentidos e finalidades. Sendo assim, para melhor compreender as intenções de Ozamis em relação à educação utilizo como referência o livro *Princípios de educação*, publicado em 1915.⁷

No prefácio de *Princípios de educação*, escrito por Thomaz Brandão, é enfatizada a importância de se compreender a educação como meio civilizador da sociedade, com ênfase na ideia de que é através de uma massificação da educação que se concebe uma sociedade instruída:

Sob a suggestiva epigraphe de orientações pedagógicas, publicou o Revmo. Padre Francisco Ozamis, no órgão official deste estado, uma série de artigos sobre os momentosos problemas suscitados pela reflexão philosophica, applicada á educação. O vivo interesse com que foram lidos pelos profissionais e competentes, animou-o a refundil-os, amplial-os, modifical-os em vários pontos capitães, e sem lhes tirar o cunho da origem, enfeixal-os em livro, com denominação mais adequada. Princípios de Educação tal é o titulo com que os da agora a lume, formando e firmando um corpo de doutrinas pedagógicas, cuja vulgarização neste estado virá indubitavelmente levantar o nível da educação popular, esterelizada pelo empirismo inveterado, quando não estrada pelo prurido de imitações inconscientes. [...] nenhum projecto de melhoramento, quer na ordem material, quer na ordem moral ou política, pode vingar em paiz onde o povo não esteja sufficientemente educado e instruído. D’ahi o empenho dos bons governos em difundir a educação por todas as camadas sociaes e o esforço dos pensadores e educacionistas em desenvolver os principios e aperfeiçoar os processos de que ella depende. E esse empenho e esse esforço, que nos paizes adiantados se intensificam a medida que a civilização progride, já vão se acentuando em Minas, cujo governo e cujos educadores, em sua maioria, luctam com firmeza pelo melhoramento da educação popular. [...] Com a publicação do presente livro vem, portanto, seu ilustre autor prestar relevante serviço a causa da educação popular, chamando a attenção dos educadores para a importância e utilidade

⁷ Ao longo do capítulo, as referências datadas do ano de 1915 se referem ao livro *Principios de Educação* e as referências datadas de 1913 se referem aos artigos publicados no jornal *Minas Geraes*.

dos estudos pedagógicos, tão desdenhados entre nós. (BRANDÃO, 1915, p. I-VI)

Os aspectos pontuados por Thomaz Brandão a respeito de educação popular, civilização, melhoramento da ordem material e moral nos remetem aos debates de intelectuais e políticos nos anos próximos à proclamação da república no Brasil, época em que havia um conjunto de preocupações acerca da elaboração e realização de um projeto civilizatório que se direcionou, principalmente, às camadas mais pobres da população brasileira (cf. FARIA FILHO, 2009, p. 21). Nos escritos de Ozamis, é possível apontar um conjunto de preocupações acerca da necessidade de elevar a nação através da educação e da formação:

A formação consciente dos indivíduos constitue nas raças fortes e nos governos patrióticos a somma primordial das suas responsabilidades e a lacuna principal a preencher-se nos seus programas. Essa formação é como o que o expoente maximo da história, visto que almeja a educação e esta nada mais é no seu amplo sentido do que a herança dos Paes transmitida aos filhos, melhorada e mais aperfeiçoada, sendo os descendentes a imagem viva das gerações ancestraes, e estas a história dum povo em acção. (MINAS GERAES, 13/07/1913, p. 7)

(...) não ha grandeza social sem a direcção das energias individuaes. É a razão por que quantos amam a Patria e sentem pela humanidade o fervor altruísta ainda jamais poderão esquecer a instrucção, e principalmente a educação dos indivíduos, porque dessas abelhas, fabricantes do mel, se forma a colmeia social. A educação, e sua filha a instrução fazem do homem um entidade perfeita e útil para si e para o social. (MINAS GERAES, 29 e 30/12/1913, p. 2-3)

É importante destacar que, nesse período, os termos *formação* e *educação* possuem sentidos que transcendem o espaço escolar. Desse modo, conforme Faria Filho:

Era um momento, convém lembrar, em que os termos educação e instrução guardavam, geralmente, uma importante distinção, sendo o primeiro destes termos – educação – empregado para referir-se a um amplo projeto, muito além da escola, de produção de sujeitos que, civilizados, viessem a assumir e dar continuidade, em diferentes lugares da “escala social”, à obra de construção da nação e de prosperidade do país. (2009, p. 21)

Mas qual é o entendimento de educação proposto pelo padre Francisco Ozamis em seus escritos? Quais seriam as finalidades da educação segundo o padre? No texto do padre encontramos as seguintes respostas para essas questões:

A educação pode se definir: o desenvolvimento lógico e racional das faculdades e energias do homem. [...] A formação vale tanto como a educação e esta é synonymo de elevação, não de qualquer modo, mas

totalmente abrangendo assim a parte physica, intellectual e moral do homem. (MINAS GERAES, 13/07/1913, p. 7)

A educação não crêa forças, embora as exteriorize pela excitação, só produz actos, cuja repetição constitui os hábitos, os quais formam um modo de agir digno, fácil e constante. (MINAS GERAES, 13/07/1913, p. 7)

A educação envida os seus esforços no sentido de formar o homem, aparelhando-o por este meio para os combates da vida, afirmando-lhe a consciencia do seu destino, junto com o valor da sua personalidade, fundamento da sua dignidade. (MINAS GERAES, 3/08/1913, p. 6)

O fim da educação, cuja arte é a pedagogia, se reduz á formação moral do individuo. [...] É claro, porém, que não formação moral sem virtude, isto é, hábitos adquiridos de resistência ao mal e pratica do bem. Ora... não é possível que a justiça, como a ordem moral, triumphe do mal sem sacrificio. (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

[...] A educação há de servir para a vida prática. [...] hoje accrescentamos que a nação precisa de homens práticos, profissões uteis e trabalhos sociais. (MINAS GERAES, 29 e 30/12/1913, p. 2-3)

Desenvolver as faculdades e energias do homem, constituir hábitos para a ação, formar moralmente, formar para os combates da vida, para a vida prática e para servir a sociedade e a nação – todos esses aspectos compõem o universo de preocupações que o padre busca objetivar nas suas orientações pedagógicas. Nesse sentido, as atribuições dirigidas à educação nos seus escritos se aproximam do sentido do termo *educação* apontado anteriormente por Faria Filho (2009). Entretanto, é através da formação moral do caráter que é expandido o espectro de atuação humana no mundo; nessa direção, Ozamis (1915) afirma que:

O educador há de incutir no educando o que este desejara ser, racionalmente, quando chegar á plenitude da vida e tiver amadurecido. Mas qual há de ser a luz dessas idéias, o fim necessário que se deverá propor o futuro cidadão que é o educando, quando alcançar a idade perfeita? É certamente a moralidade; portanto, o educador há de envidar os seus esforços para a formação do caracter moral do educando. É o fim necessário do individuo, porque toda a actividade humana deve-se reduzir dum modo ou de outro a uma actividade moral, visto que este é o fim da vida [...]. (MINAS GERAES, 3/08/1913, p.6)

O caracter é uma especie de pyramide cuja base constitue as paixões e cujo vértice forma os actos da vontade, tendendo a crear o habito pela actuacao repetida. [...] O homem de caracter não recua sinão perante o mandato imperativo da consciencia iluminada pelos reflexos incorruptíveis da moral. A civilização não é obra de grandes talentos sinão porque as idéas se puzeram ao serviço de enérgicas vontades, que, aliás, foram a expressão de vigorosos caracteres. O homem de caracter é o esculptor de sua alma e o cinzalador da estatua civilizadora da sociedade. Qual é, porém, o fundo, a sombra e o substractum do caracter? Certamente é a ordem moral, visto que todas as suas applicacoes e consequencias são de ordem moral, que visa a direccao firme da vontade. [...] A moral não abafa o caracter individual, affirma-o, dirige-o, nobilita-o, santifica-o, utiliza-o, para o bem próprio, bem dos semelhantes e gloria da providencia. (MINAS GERAES, 2/08/1914, p. 3)

É importante observar que o aspecto da formação moral e a sua relação com a formação do carácter possuem centralidade nas proposições do padre: “O carácter não subsiste sem a moral” (OZAMIS, 1915, p. 229). Somente a partir da formação moral dos indivíduos torna-se possível que o homem atue em sociedade. Nesse momento, Ozamis apresenta um conjunto de ponderações sobre a moral:

A moral há de viver unida a religião, não pode emancipar-se della, se por ventura não pretender suicidar-se. (OZAMIS, 1915, p. 241)

A formação moral é a realização da ordem moral posta no mundo por Deus. (OZAMIS, 1915, p. 253)

A moral individual afirma os deveres em relação a nossa pessoa. [...] É o corpo um instrumento de conhecimento do serviço da intelligencia e um instrumento de acção sob as ordens da vontade. (OZAMIS, 1915, p. 255)

A saúde do corpo torna possíveis os entusiasmos da sciencia, facilitando juntamente a pratica da virtude. A conservação da saúde é o primeiro dever da moral individual, porque é o fundamento do outros deveres superiores. (OZAMIS, 1915, p. 257)

Não é ocasional o fato de as primeiras “orientações pedagógicas” versarem sobre a educação física. Ozamis entende que essa atuação sobre o corpo tem por objetivo conservar a força dos indivíduos, o que, no seu entendimento, é essencial para formá-los. É nesse sentido que ele afirma:

Dentro destas orientações e tratando-se da educação physica, queremos apontar algumas idéias sobre a educação da moralidade e melhor da castidade, matéria alias que é mola real dessa educação, visto que a castidade é a força da mocidade, e o vicio contrário é o terrível micróbio que suga as energias do seu organismo. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

O conjunto de argumentos do padre nas suas orientações intituladas *Educação physica* tem como aspecto central uma atuação pedagógica sobre o corpo dos indivíduos para a manutenção da castidade.

Buscando analisar o conjunto de argumentos desenvolvidos pelo padre nas suas orientações sobre a educação física, optei por dividir a análise em dois blocos. No primeiro bloco, o ponto de partida é o diálogo com a obra de Michel Foucault, em que ele analisa o cuidado de si na antiguidade clássica. A partir desse diálogo, busco situar algumas passagens em que o padre recupera elementos da tradição do cristianismo para propor um conjunto de medidas em relação à castidade. No segundo bloco, evidencio a

atuação sobre o corpo dos indivíduos a partir dos argumentos do padre. Essa atuação sobre o corpo agrega o exercício físico, a higiene, a figura feminina e argumentos retóricos em relação à pedagogia, psicologia e medicina. Ao final desse bloco, utilizo elementos da obra de Peter Gay, *A educação dos sentidos*, para evidenciar a relação entre castidade e retórica da igreja, da medicina e da pedagogia.

1.2. Educação do corpo: elementos da tradição cristã do cuidado de si

Ozamis traz um conjunto de apontamentos do que ele denomina “modelos educacionais presentes em Atenas e Sparta”, em que, segundo as suas reflexões, é possível observar dois tipos de educação, cujo mal era a exclusão ou o prazer.

Analisando os “modelos educacionais presentes em Atenas e Sparta”, Ozamis afirma que Atenas valorizava o culto à inteligência e se aproximava da educação harmônica e integral, mesmo não atingindo o ideal moral. Sparta é criticada sob diversos aspectos: o estado tomava conta da educação física, desconsiderando a “personalidade própria” dos indivíduos; a sua afeição pelo exercício físico apenas no que tange ao aperfeiçoamento da resistência orgânica também seria um problema, pois, segundo Ozamis, essa exclusividade em relação ao exercício físico não possibilitaria uma educação completa, intensiva, harmônica, integral.

Apesar de problematizar esse conjunto de fatores, a principal investida crítica de Ozamis sobre a educação física presente em Sparta está situada em outro aspecto:

Como artificial, essa exclusiva educação physica era contra as leis da natureza que transbordava ameaçadora para a publica moralidade, logo que passava o periodo de continencia absoluta, fundamentada apenas em razoes sociaes e sem a efficacia do elemento sobrenatural que o christianismo pela graça e os sacramentos empresta á natureza solta e desbragada pelos instinctos brutaes, e dominada e dignificada pela direcção moral evangelica. (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

É sob o aspecto sexual, nomeado aqui de “continencia absoluta”, que Ozamis investe as suas maiores críticas ao modelo espartano. Na medida em que a “continencia absoluta” em Sparta não está fundamentada em valores morais do cristianismo, a educação física presente ali não formaria um indivíduo casto e, conseqüentemente, não formaria um indivíduo moralizado.

Ozamis resgata de uma maneira peculiar alguns aspectos da educação em Sparta e Atenas para problematizar questões relativas à castidade. Nesse sentido, as passagens

utilizadas para construir os argumentos do padre trazem alguns indícios que ajudam a compreender o que está no seu horizonte de reflexão para produzir uma proposta de intervenção junto ao corpo denominada *educação physica*.

Em diferentes períodos da história da humanidade, as mais diversas sociedades elaboraram um conjunto de orientações e práticas ligadas aos cuidados com o corpo, dentre as quais poderíamos destacar: exercícios físicos, regimes de saúde, meditações, formas de direção da alma (espiritualidade), técnicas de limpeza do corpo.

Na Grécia antiga, essas orientações em relação ao corpo não seguiam um padrão rígido. As normas de conduta existentes tinham por objetivo evitar os excessos. Desse modo, a moral quanto ao corpo e ao sexo não era rigidamente organizada e autoritária.

Se na Grécia antiga a relação do sujeito com seu corpo possibilitaria a constituição de uma estilística de existência, no cristianismo, a partir do asseveramento dos preceitos morais, é possível observar uma nova percepção sobre o corpo: agora, este representa a fonte do pecado e deve-se renunciar a ele (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2009, p. 25).

Ao analisar os escritos de Ozamis, encontram-se ecos dessas proposições presente na longa tradição do cristianismo. A necessidade de renunciar à própria carne enquanto medida de salvação surge nos escritos sobre educação física enquanto possibilidade de viabilizar a formação moral dos indivíduos. Na filosofia que fundamenta as proposições do padre, essa renúncia se faz presente através do sacrifício:

... duas philosophias que compartilham o império moral do mundo: a philosophia do sacrificio e a philosophia do prazer. Das orientações respectivas dessas duas idéas antitheticas surgiram as escolas e os systems divergentes que na arena social combatem pela conquista do direito, da justiça e do mal ou da força brutal com sua lúgubre comitiva de martyrios sanguinolentos. [...] Só a philosophia do sacrificio, em certo modo, é que pode levar a paz ao seio da família humana. É claro, porém, que não há formação moral sem virtude, isto é, hábitos adquiridos de resistência ao mal e pratica do bem. Ora... não é possível que a justiça, como a ordem moral, triunphe do mal sem sacrificio. [...] Começa a sentir-se necessidade do sacrificio já na *educação physica*. (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

Triunfar sobre o mal representa combater e superar o vício sexual e se manter casto. É por isso que o padre afirma: “começa a sentir-se necessidade do sacrificio já na *educacao physica*” (OZAMIS, 19/10/1913, p. 7). Sacrifício, mais do que uma filosofia presente nos escritos do padre, é a palavra que me parece melhor descrever o que é *formar* nos escritos intitulados *Educação Physica*, sobretudo para aqueles que serão alvo dessas proposições.

Nessa direção, o padre adverte que o mundo das imagens representa perigo, por isso o pensamento também precisa de um regime de assepsia:

Quem aprofundar no estudo da psychologia sexual há de achar que a única defesa verdadeiramente eficaz consiste em impedir que tome conta a tentação do mundo das imagens. Essa observação baseia-se numa lei fundamental da Psychologia, isto é, toda a imagem está ordenada a uma idéa e esta tende ao acto. (OZAMIS, 1915, p. 67)

Apesar de Ozamis citar a psicologia sexual, a preocupação com as tentações que o mundo das imagens representava já eram descritas na tradição cristã desde a época dos escritos monásticos.

Naquele momento, fazia parte das preocupações da igreja elaborar códigos de conduta contendo atos proibidos e permitidos, seguindo uma ética cristã prescritiva e legalista. Os primeiros indícios dessas recomendações podem ser observados na literatura monástica (cf. FOUCAULT, 2000).

Os primeiros escritos monásticos datam do século IV, e eram endereçados, principalmente, aos homens que viviam sob regime de castidade. Determinados aspectos sobre a atividade sexual não eram priorizados nesses textos, pois, sob regime de isolamento, pressupunha-se que os monges não teriam acesso ao sexo. O aspecto central abordado nesse tipo de literatura dizia a respeito ao desejo, pois “... parece ser mais o imaginário do desejo do que o perigo do ato sexual o que atrai a atenção dos monges” (VAINFAS, 1986, p. 18).

Mesmo sob regime de isolamento, ainda existiria a possibilidade de vislumbrar a figura feminina em pensamento; a essa ação, é atribuída a capacidade de despertar nos monges pensamentos e imagens e, conseqüentemente, vontades ligadas ao aspecto carnal.

Nesse sentido, o corpo precisava ser patrulhado a todo momento por um regime minucioso e asséptico. A virtual possibilidade de contágio devia ser considerada; era preciso estar sempre atento e vigilante aos sinais que o corpo e o pensamento poderiam apresentar.

A vida nos mosteiros era marcada por um constante combate, que consistia em, segundo Vainfas, “... dominar a imaginação, neutralizar os sentimentos e reprimir o mais singelo despertar do desejo” (1986, p. 18). A literatura monástica dispunha de um conjunto de medidas preventivas e práticas para auxiliar nessa exegese sobre o corpo e os desejos. Dentre elas, podemos destacar as práticas de mutilação corporal e os

exercícios de direção e purificação da alma, que tinham por objetivo fragilizar o corpo para inibir os instintos.

Algumas das proposições do padre em relação à forma de lidar com os pensamentos guardam similaridades com as proposições desse período do cristianismo.

Atento à necessidade de combater os pensamentos impuros provenientes das imagens, Ozamis propõe um direcionamento da alma a partir da doutrina estoica e do que denomina “*ideaes christãos*”:

Importa sobre tudo dirigir a sensibilidade e ordenar a paixão, principalmente a do amor. Não são detestáveis as paixões quando os objectos em que se concretizam não o sejam. É doutrina estóica a condenação das paixões e a necessidade da sua morte para a pratica da virtude. [...] Ordenae a paixão e dirigi a sensibilidade, Idealizae, melhor, tanto o sentimento como a paixão. (OZAMIS, 1915, p. 67-68)

Toda esta atuação sobre o pensamento indica que, nas convicções do padre, existe algo na natureza humana que é indomado, mas que, no entanto, deve ser controlado através da formação moral dos indivíduos:

É necessário que o mundo das imagens, sentimentos e paixões se submeta ao critério da razão esclarecida. As paixões são forças que a vontade utiliza quando lhe são subordinadas. A soberania da vontade tem essas inimigas, quando não foram vencidas, pois escravas se transformam em dominadoras. É um dos pontos principais do trabalho educativo dar á vontade reservas de virtude e energia para os momentos em que o dever se apresenta difficil. É bitola dos grandes caracteres e resistência ao mal e a Victoria da liberdade sobre o mau instincto. A sensibilidade é outro inimigo da vontade livre. O homem há de vigiar o desdobramento do sentimento. Porque quase todos os moveis dos nossos actos encontram secretos impulsos na sensibilidade. Os gozos puros da virtude, escreveu um illustre philosopho, são o premio do triumpho da razão sobre a sensibilidade. É mister envidar todos os esforços para reforçar a sensibilidade physica, porque os excessos da sensibilidades nos levam ao suicídio pelo aborrecimento, ou a uma morte prematura. Entre os meios práticos podem indicar-se o conhecimento próprio, o trabalho e a direcção de um educador. [...] Um meio geral que muitos philosophos pagãos recommendaram é o exame de consciencia ou reflexão regressiva sobre o dia. O exame de consciência nos dá conhecimento da nossa psychologia particular, acautela-nos para o futuro e nos augmenta o brio para novas luctas. (OZAMIS, 1915, p. 256-258)

Os sentimentos, as paixões e as sensibilidades, esses representam perigo se não forem submetidos a critérios da razão. É importante observar que, novamente, Ozamis recorre a elementos da filosofia estoica para propor um regime de exame da consciência. Mais adiante busco evidenciar que essa busca pelos estoicos não se dá ao acaso.

Ozamis vai além das proposições de direção da alma, fundadas em “ideias cristãs”, e das proposições estoicas. Sendo assim, ele aponta para a necessidade de uma pedagogia da vontade, centrada no que denomina “*technica psychologica*”, como forma de dominar os pensamentos impuros:

O ponto cardeal dessa pedagogia da vontade está na *technica psychologica* por meio da qual adquire essa faculdade, domínio completo sobre os seus actos e sobre toda existência. A *gymnastica da vontade* há de consistir: fácil ao difícil, em contrariar-se, vencer-se e mortificar-se. Lembre-se do axioma inglês: querer é poder, mas para saber querer é necessário repetir esforços, resistir aos assaltos, formar hábitos e adquirir reservas de energia pela acumulação de coeficientes práticos da actuação individual. Essa *technica psychologica* é como a *tactica militar*, que no tempo de paz faz exercícios para estar prompto e habilitado no tempo de guerra. [...] essa força de vontade não adquirirá a tempera de aço nos casos difíceis e não dará a moralidade perfeita, si não vier ao seu encontro o poder sobrenatural da religião de Jesus Christo. (OZAMIS, 1915, p. 69)

Sob a metáfora da exercitação (que tem a pretensão de se estabelecer como técnica psíquica da vontade em que o domínio de si que envolve uma economia que vai até os limites da mortificação), a renúncia de si se apresenta enquanto possibilidade de não sucumbir às seduções, fantasias e tentações.

A pedagogia da vontade, situada anteriormente por Ozamis, é fundamentada por dois elementos que também buscam conter o instinto e a paixão mal direcionada. Sobre a vontade, o padre afirma que ela deve englobar:

Luz porque ella é uma faculdade cega, conforme a expressão dos philosophos. Força, porque há de conter o instinto e abafar a falsa direcção da paixão. Qual será, porém, o manancial dessa luz e força? – A moral – A sciencia das sciencias, diz um ilustre pedagogo, é o governo de si mesmo, e o meio eficaz de ser o senhor de si proprio é despertar na alma enérgicos affectos, da mesma forma que o grande segredo para robustecer em nós uma affeicao, é conservar na intelligencia por longo tempo as idéias de que depende. É a moral então que opera esta transformação no individuo. (MINAS GERAES, 2/08/1914, p. 3)

No texto “O combate da castidade” (1985), Michel Foucault afirma que a vida monástica modificou a questão da renúncia sexual. Não era suficiente apenas obedecer às prescrições morais para evitar atitudes reprováveis. Comportar-se em conformidade com as leis cristãs não bastava. Era preciso penetrar nos labirintos da alma e vasculhá-las para descobrir o que estava escondido. Os monges deveriam observar e perscrutar a própria dimensão subjetiva para controlar o desejo. Neste momento, é realizado um

constante exercício de vigilância sobre si, com vistas a extirpar os pensamentos pecaminosos, segundo Foucault:

O que está em jogo não é um código de atos permitidos ou proibidos, é toda uma técnica para analisar e diagnosticar o pensamento, suas origens, suas qualidades, seus perigos, seus poderes de sedução, e todas as forças obscuras que podem se ocultar sob o aspecto que ele apresenta. (FOUCAULT, 1985, p. 37)

Entretanto, é necessário salientar que o cristianismo não inventou os preceitos morais que começou a impor. Analisando esse momento histórico, Michel Foucault (2004) afirma que o cristianismo compilou e universalizou um conjunto de preceitos morais, dando-lhes a forma da lei.

A compilação à qual Foucault se refere advém, sobretudo, dos escritos nos quais é possível observar a presença do cuidado de si⁸. Foucault argumenta que é possível observar, no modelo helenístico do cuidado de si, o desenvolvimento de uma arte de si; entretanto, esse modelo apresentou alguns paradoxos, que a partir de seus preceitos, imperativos e reflexões, deram origem a uma moral exigente, rigorosa, restritiva e austera. Essa moral foi tomada e repatriada pelo cristianismo⁹.

A partir do desenvolvimento e estabelecimento do cristianismo, vários elementos da cultura de si são deslocados, reutilizados, repatriados ou simplesmente integrados nas práticas religiosas. Tanto o modelo da reminiscência do sujeito por ele mesmo (modelo socrático) quanto o da exegese do sujeito por ele mesmo dominaram o cristianismo e foram por ele transmitidos a toda a história da cultura ocidental. Dessa forma, eles encobriram historicamente o modelo helenístico. Dessa maneira, a cultura de si é

⁸ Segundo Foucault (2000), a expressão grega para cuidado de si, *epimeleia heautou*, é apresentado como um termo rico e complexo, que envolve a ideia de cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo mesmo. A expressão *epimelēia heautoû* não designa apenas uma preocupação, mas todo um conjunto de ocupações que envolvem um labor na relação do indivíduo consigo mesmo. O cuidado de si era constituído de: exames (matinais e vespertinos), exercícios de memorização de princípios, cuidados com o corpo, regimes de saúde, exercícios físicos sem excesso, satisfação das necessidades, meditações, leituras, anotações e, ainda, conversas com um confidente, amigo, guia ou diretor de alma. A prática do cuidado de si para Foucault se constituía em uma prática social.

⁹ De acordo com Foucault (2006), no modelo cristão do cuidado de si ou, mais precisamente, no modelo ascético-monástico, é possível destacar três aspectos básicos: a relação circular entre conhecimento de si, conhecimento da verdade e cuidado de si, que é, com efeito, a circularidade entre a verdade do texto (a Revelação Divina) e o conhecimento de si; a exegese de si, que pode ser compreendida como a decifração dos processos e movimentos secretos da alma; e a renúncia de si, que consiste no objetivo dessa decifração de si.

colocada a serviço de um poder pastoral, na medida em que o cuidado de si (*epimeleia heautou*) se transforma em cuidado dos outros (*epimeleia tôn allôn*).¹⁰

No cristianismo, no entanto, a salvação do indivíduo (ou, pelo menos, de sua alma) continua sendo objeto de cuidado. Assim, conforme Foucault (2004, p. 1448), o cuidado de si clássico não desaparece completamente, mas perde grande parte de sua autonomia com o cristianismo. Ainda segundo esse autor,

... em nossas sociedades, a partir de um certo momento – e é muito difícil saber quando isso aconteceu –, o cuidado de si se tornou alguma coisa um tanto suspeita. Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual, em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo. Tudo isso ocorreu durante o cristianismo, mas não diria que foi pura e simplesmente fruto do cristianismo. A questão é muito mais complexa, pois, no cristianismo, buscar sua salvação é também uma maneira de cuidar de si. Mas a salvação no cristianismo é realizada através da renúncia a si mesmo. Há um paradoxo no cuidado de si no cristianismo. (FOUCAULT, 2004, p. 268)

É interessante observar que a presença do exercício físico em Atenas é alvo de um conjunto de críticas do padre, que, por outro lado, busca elementos do estoicismo – doutrina que fazia parte da tradição helenística do cuidado de si – para propor um regime de direção da alma. Atenas faz parte do momento socrático do cuidado de si, em que cuidar de si estava relacionado a produzir uma ética enquanto estética da existência. Os estoicos estão presentes no momento helenístico do cuidado de si, momento em que esse cuidado estava marcado por um asseveramento das normas e das regras de conduta. O cristianismo absorveu vários elementos do cuidado de si helenístico. Nesse sentido, não é por acaso o fato de Ozamis buscar referências nos estoicos para fundamentar o seu projeto e, ao mesmo tempo, criticar Atenas.

Neste tópico, busquei apresentar alguns aspectos dos escritos de Ozamis que, conforme o meu entendimento, estavam fundamentados na tradição do pensamento cristão e buscavam contribuir para a produção do indivíduo casto. No tópico seguinte, apresento algumas passagens dos escritos de Ozamis presentes em seus artigos sobre

¹⁰ Foucault (2004) argumenta que, a partir do desenvolvimento da pastoral cristã, intensifica-se um conjunto proposições visando ao controle dos prazeres e à renúncia da “carne”.

educação física nos quais a conservação da castidade continua a ser o alvo da preocupação do padre. Entretanto, surgem outros elementos e articulações retóricas.

1.3 Educação do corpo: exercício físico, ação da figura feminina e articulações retóricas entre psicologia, pedagogia e medicina.

Em seus escritos, Ozamis confere utilidade aos “exercícios corporaes” na medida em que a sua ausência torna o corpo mais suscetível a “irritabilidades”:

A vida sedentária e falta de exercício produzem a lentidão na circulação do sangue e desarranjo dos centros nervosos, sendo esta perturbação nervosa causa da irritabilidade sexual. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Na visão do padre, esses exercícios devem ser regulados em relação à intensidade e à carga, pois, não observadas essas condições, o exercício físico poderia representar o esgotamento. Nesse momento, Ozamis se apoia na retórica médica e afirma que:

O lemma da educação há de ser ser necessariamente: mens sana in corpore sano. É mister então pensar nos exercícios corporaes, mas, como indica o ilustre Dr. Grasset na obra *Idées Paramédicales*, pag.18 – estes exercícios para atingirem o almejado fim hão de ser “regulares”, moderados e progressivement prolongées” (sic).

O sábio professor de Montpellier aconselha para esse período crítico: “Hygiene, disciplina ou um bom regimen, methodo hydrotherapico e uma boa direcção moral.” (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

[...] O surmenage dos francezes ou sobrecarga, indica bem a outra face que pode relacionar-se poderosamente com a *educação physica*. Compreendem-se na palavra surmenage tres coisas: trabalho prematuro da creança, trabalho excessivo do menino e trabalho exaggerado, quanto ao modo intensivo. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Considerando que é essencial que a vida física se subordine à vida intelectual e à vida moral, Ozamis aponta que certas formas de educação física representariam “inconvenientes exaggeros” e também a impossibilidade de a educação física cumprir a sua função enquanto meio para atingir a formação moral. Os modelos francês e inglês são apresentados para exemplificar o que deve ser evitado:

O corpo e a alma das crianças, nossas crianças na escola

Dentro de algumas casas (escolas), a educação física é excessivamente voltada para jogos de lutas/combates/brutais; esse excesso de crianças “brigonas” gera medo/ apreensão e não é uma geração de boxeadores que gostaríamos de ver crescer em torno de nós... O fato é que na maior parte das escolas recém-criadas na França, a vida física toma a maior parte do tempo,

invade até o momento das atividades intelectuais, tornando a atividade mental insuficiente. A ignorância/brutalidade da maior parte dos adolescentes é muito evidente na Inglaterra. A ignorância da maioria dos adolescentes é tão gritante na Inglaterra que o governo está muito preocupado e tenta realizar uma reforma vigorosa para modificar esse quadro. (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

Entretanto, é preciso ir além; razão pela qual se torna imprescindível determinar, em relação ao exercício físico, o ambiente para a sua prática, o vestuário e o momento da vida mais adequado para o seu desenvolvimento:

... hão de se habilitar os jovens aos exercicios phisicos, ao movimento e ao ar livre com sufficientes vestes apenas, dentro das leis da modestia christã. Há uma idade em que elles quase que são uma necessidade orgânica, é idade da puberdade, isto é, de treze aos dezoito anos. Há uma explosão de vida phisica e abafá-la ou viciá-la seria a morte do indivíduo pelo atrophamento ou hypertrophia dos órgãos. (MINAS GERAES, 19/10/1913, p. 7)

Mas os exercícios físicos são apenas um meio e, para o padre, não podem “constituir o fim único, exclusivo e supremo da educação”; é necessário que a educação física se projete além do exercício físico, pois o vício sexual encontra outras portas de entrada:

Há no homem, falando na linguagem moderna da psychologia, dois psychismos inferior e superior. São as duas leis de S. Paulo nos fallava, representando a lei dos membros em positiva e franca rebeldia contra a razão. Podemos distinguir fazendo parte do psychismo inferior os sentidos, sentimentos e a phantasia. O psychismo superior abrange os actos da intelligencia e da vontade. [...] Os vestígios do vício, que não raro como estygma marca os organismos da mocidade entraram pelos sentidos, os sentimentos e a phantasia [...]. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Se o vício encontra no aparelho psíquico portas para entrar e se instalar, torna-se necessário convocar o saber da psicologia para decifrar a sua constituição. Nesse momento, a estratificação do psíquico cumpre uma função importante: mais do que apontar a região onde o vício entra e reside, compete à psicologia dizer das funções dessa região para se estabelecer normativas para as proposições de uma pedagogia que se encarregue da profilaxia do vício. Entretanto, Ozamis afirma que atuar sobre o vício é tarefa árdua e, dessa maneira, há que se recorrer à religião:

Diz muito bem Thalhoffer que o ponto mais difficil da pedagogia é a instrucção sobre o vicio [...] A maior das forças educativas em matéria sexual é religião. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Pautado pelos princípios da religião, Ozamis apresenta proposições a respeito de uma pedagogia sexual:

A pedagogia sexual, porém há de ser primeiramente uma pedagogia da vontade, visto que não é uma questão de conhecimento, mas uma solução vinculada á força do caracter ou da vontade. Lembremos, porém que essa força de vontade não adquirirá a tempera de aço nos casos difficeis e não dará a moralidade perfeita, si não vier ao seu encontro o poder sobrenatural da religião de Jesus Christo. (OZAMIS, 1915, p. 68-69)

Se, para combater o vício, a pedagogia sexual deve ser orientada pelos mandamentos do cristianismo, as pedagogias que não apresentam o “elemento sobrenatural da religião” são consideradas equivocadas.

Nesse quadro, a “escola rusioniana” representa a impossibilidade de profilaxia ao problema de ordem sexual. Sua orientação filosófica é suspeita, seu diagnóstico sobre o vício sexual é parcial e, em consequência disso, seu remédio torna-se ineficaz. Sobre a “escola rusioniana”, Ozamis afirma:

[...] Não é só a ignorância, mas a curiosidade e a experiência que tornam terrível este defeito e produzem até este mal. Tres são as causas do vicio que ceifa tantas e tão bellas flores da vida: a concupiscencia, a curiosidade e o orgulho de fazer o homem, antes do tempo.

É Foerster, em o Problema sexual moral e na pedagogia – que ao erro da escola rusioniana de considerar sómente a instrução como único remedio ao mal, chama um erro verdadeiramente perigoso, porque a defesa do perigo da immoralidade não é tanto uma questão de conhecimento, quanto é uma questão de força. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Convicta em seus questionamentos em relação à “escola rusioniana”, ergue-se a “escola cristã”, à qual o padre se refere como “nossa escola”. Essa propõe o seu diagnóstico sobre as causas do vício e também prescreve o seu remédio:

A nossa escola propugna primeiramente contra essa escola *philantropista*, que a illustração da intelligencia póde evitar, em ocasiões dadas, alguns desastres do vicio; mas nunca todos os efeitos do mal, visto que não é só a revelação impura que fere de morte a mocidade. A nossa escola defende que a instrução, quando for necessária, visto que a sedução seja certa moralmente, ha de ser feita pela própria mãe, sómente quanto seja preciso para evitar os frutos amargos da revelação impura, gradualmente e guardando o tempo, o lugar e o modo que a prudência manda. (MINAS GERAES, 15/11/1913, p. 3)

Nesse quadro em que o vício deve ser combatido sob todas as formas, é delegada à figura feminina a função da instrução sobre o vício. Mas instruir não basta, é necessário interditar a sedução moral:

Não é raro que a mulher tenha de lamentar a perversão intellectual dum filho que ella educou sobre os joelhos, entre os beijos amorosos e as lagrimas do sacrificio, pois vê a mãe que um professor volteriano vai arrebatat aos braços da sua religião o filho que ella com tantas preces e conselhos formou. Si essa mãe só pode oppôr lágrimas e sentimentos às objecções do lente livre-pensador, o filho cahirá no abysmo da incredulidade. Mas, si ella for educada, si ella tiver um espírito illustrado, poderá desfazer a meada da objecção e salvar o filho. (MINAS GERAES, 21/09/1913, p. 6)

Essa mulher, que foi libertada pelo cristianismo – segundo os argumentos do padre –, não pode emancipar-se, pois é essencial na constituição da família. Além disso, deve ser educada apenas para salvar o filho. Mas isso não basta: a biologia e a história fornecem o “esclarecimento prático” acerca das suas inclinações sensíveis:

A biologia então revela-se pelo mesmo desenvolvimento cerebral das meninas, cuja terminação é anterior aos homens, que objectivo intellectual daquellas não attinge as culminações dos meninos. A mulher, porém, digamos que é superior ao homem nas matérias que presuppõem muita sensibilidade e vivacidade. O homem possui fundamentalmente a vontade da força do poder, da glória. A mulher radicalmente pretende amar e ser amada, dominando na larga roda da popularidade pela ostentação da sua beleza e pelo império do coração. O menino ainda nos brinquedos innocentes da idade manifesta o desejo de commando, tomando attitudes guerreiras, em quanto já nesse tempo a menina prefere fingir ou representar de dona de casa, servindo-se das bonecas e outros objectos para exteriorização desta inclinação natural. Ahi temos duas feições particulares do homem e da mulher. (OZAMIS, 1915, p. 43-44)

Instruir sobre o vício e interditar a sedução moral. A atribuição dessas funções à figura feminina não se dá ao acaso, pois o conhecimento da biologia fornece o discurso perito sobre as “feições” da mulher. Dessa forma, assim como o exercício físico, a mulher é um meio e pode ser transformada em objeto para a realização de um projeto de formação moral.

Mas a instrução e a interdição também não bastam, ainda é preciso aplicar o “supremo remedio contra essa immunda lepra do vicio” (OZAMIS, 1915, p. 64). Se o vício representa a imundície, é necessário estabelecer medidas de assepsia. Então, Ozamis apresenta a “hygiene” enquanto “chave de ouro” para combater o vício sexual:

É hoje um pendor dos scientists reduzir á hygiene toda a medicina. Nós acrescentamos que não há princípios religiosos no catholicismo que não possam se relacionar com o bem publico e com a saúde do indivíduo, é por isso, que advogando pela moralidade dos moços, como um factor necessario da sua formação physica e do fundamento da sua dedicação pela pátria, nos batemos ao mesmo tempo por um principio pedagógico, moral e religioso. Queremos comprehender por ella a Hygiene organica, passional, sentimental, psychologica, moral e religiosa. Podemos assim distinguir a Hygiene preventiva e coercitiva da castidade em Hygiene physica, intellectual e moral, subdivindindo a Hygiene physica em organica, sentimental e passional. A

Hygiene orgânica, de que nos occupamos aqui, é aquella que envida os seus esforços para endurecer o organismo, pois este endurecimento é meio indirecto de evitar a irritabilidade. (OZAMIS, 1915, p. 65)

Na medida em que vício sexual é algo tão pernicioso e degradante para este padre, a higiene proveniente do conhecimento médico não é o bastante para a sua profilaxia. Por esse motivo, é necessário pensar a higiene a partir da moralidade cristã, expandindo o seu espectro de atuação e propondo subdivisões.

Em relação à *hygiene organica*, suas principais proposições são a limpeza extrema, efetuada através de banhos diários, nos quais deve se utilizar uma esponja; e a alimentação, que também deve ser regulada, pois o seu excesso produz consequências nervosas no organismo.

A abstenção do vício é um fator imprescindível nesse projeto de formação, a ponto de o padre buscar fundamentação para um projeto de *hygiene social*. Dessa forma, a higiene retorna aos escritos do padre a partir de algumas proposições presentes na obra *Idées paramédicales et médico-social*, de autoria de Grasset. Esse afirma que:

Embora fosse contra os princípios biológicos e certas funcções physiologicas a abstenção moral, nem por isso se deveria condenar em nome da hygiene individual ou social. A hygiene social, ou não existirá ou então há de ser forçosamente uma obra bemfazeja da sciencia biologica e da moral. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 3)

Desse momento em diante, Ozamis sai em defesa da castidade, a partir das afirmações e das argumentações de vários médicos que entendem a castidade como fator de conservação da saúde dos indivíduos.

A partir da exposição dos argumentos de Carlos Vidal, presentes na obra *Religião e medicina*, Ozamis afirma que a depressão do sistema nervoso seria uma consequência inevitável da excitação. Além disso, chama a atenção para o consumo e o efeito de algumas substâncias no organismo:

O absoluto repouso dos órgãos sexuaes não influe na saúde do homem, confirmando-o com dados da observação clinica. [...] O abuso desses órgãos produz consequencias pathologicas, como sejam a neurasthenia e a velhice antecipada. O ether, o alcool e o opium, quando se dão em dosagens excessivas, não somente produzem a excitação, mas deprimem todo o organismo. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 3)

Ozamis considerava que era uma tendência entre os “clínicos modernos” apresentar argumentos que condenavam a falta de continência e os abusos. Nessa direção, o padre apresenta uma passagem de Conwell em que ele afirma:

Milhares de jovens... acreditam que o seu vigor e as paixões que o acompanham, pedem um desabafo, e que a indulgencia em matéria sexual conduz á saúde do corpo. Nenhuma persuasão póde ser mais falsa. A vida casta e continente favorece á boa saude por todos os caminhos e, além disso, produz o maior grau de força, belleza e pessoal attractivo. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 3)

Nesse momento, Ozamis aponta que “summidades medicas”¹¹ que foram consultadas a respeito de questões relativas à castidade afirmam que:

... A saude nada soffre pela continência, e muito padece pelo abuso. Não há muito tempo, cinquenta médicos, que, no exercicio pratico ou theorico da Medicina nos Estados Unidos occupam posição de destaque, subscreveram esta explicita declaração: “A castidade, isto é, uma vida pura e continente, concorda com as melhores condições de saude physica, mental e moral.”. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 3)

Finalizando a sua argumentação em relação à castidade e seus escritos sobre educação física, Ozamis apresenta os argumentos de um médico e de um cientista sobre aspectos relativos à castidade e, em seguida, apresenta suas proposições:

O professor M. L. Holbook, do Collegio Medico de New York diz: É para mim um mysterio, como jamais podia confessar alguém, e muito mais sendo medico, que a impureza era necessária para a conservação da saude. O notável cientista Dr. Mantegezza, escreveu: “Todos os homens e principalmente os jovens, podem experimentar em si mesmo benefícios da castidade, pela qual a memória se faz prompta e tenaz, a intelligencia viva e fecunda, a vontade enérgica, e o character se aproxima daquela firmeza que não concebem os homens dissolutos. Eu creio que pela abstinência sexual ninguém adoeceu; mas, sim, pelo abuso dos prazeres. Não há argumentos contra os factos, que alias são numerosos e universaes, quanto ao tempo e o espaço. Impossível é certamente a continencia para quantos se encafua na leitura de romances immoraes, e se esquecem que mais próximos estão do torno *ad quem* os que mais distanciados caminham do terno a quo. Impossível é certamente a continencia para quantos se encafua na leitura de romances immoraes, e se enchafurdam no lameiro. Impossivel julgam a continencia, os que voluntariamente procuram a occasião e se abeiram da fogueira das paixões. Não sois vois mais amoroso que Santo Agostinho nem mais inflammavel que S. Jeronymo, e eles registram. Amae a continência, robustecei a vontade, estudaee, orae e vereis como é fácil a continência. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 3)

Nos escritos de Ozamis sobre educação física, é possível perceber a utilização de diferentes estratégias para “conferir credibilidade” aos argumentos e proposições que têm como aspecto central a questão da manutenção da castidade a partir de diferentes estratégias.

¹¹ Ozamis apresenta os seguintes médicos no seu artigo: D. B. St. John Rosa, doutor em medicina e em leis, presidente da Academia de Medicina de New York; Jorge F. Shardy, consultor-chefe dos hospitaes de hygiene de New York City e editor do Medical Record; os professores J. A. Billings, Efraim Cutter, J. A. Wyeth, m.d. da Polyclinica de New York.

Se as paixões, os sentimentos e a sensibilidade representam uma dimensão da natureza humana que devem ser controladas através do crivo da razão, no horizonte de proposições do padre o corpo também representa algo indomado, que deve ser educado através do exercício físico, sobretudo o exercício racionalizado.

Nas proposições que o padre apresenta e defende anteriormente em relação à periodização, intensidade, faixa etária, alimentação e higiene corporal, percebemos a presença de uma pedagogia do exercício físico que é marcada por uma forte preocupação com aspectos de natureza biológica, mas com uma finalidade moral.

As fases da vida são observadas a partir do aspecto sexual. Dessa maneira, se a puberdade representa um momento da vida no qual as pulsões sexuais estão em efervescência, não é mero acaso que o padre indique exercícios físicos nesse momento da vida.

Da infância à adolescência, a observação é contínua; torna-se indispensável calcular os esforços, observar a intensidade para não gerar a sobrecarga, evitar a sobreposição de atividades.

A presença da figura feminina nesse contexto aponta que a formação moral dos indivíduos não é algo pertencente à dimensão escolar: a atuação da família configura um outro momento da formação dos indivíduos.

Outro aspecto que fundamenta as proposições do padre sobre a educação física é a produção de uma retórica que é sustentada a partir de uma certeza fundamental: “a inabalável existência de Deus e a fé em Jesus Cristo”, assim, como a evocação da retórica da pedagogia, da psicologia e da medicina, que devem estar permeadas por (ou mergulhadas em) uma concepção de moral cristã.

É possível observar esse tipo de articulação retórica em um momento bem próximo ao que o padre produz as suas orientações pedagógicas. Peter Gay afirma que, no século XIX, a igreja cristã se articulava principalmente com a medicina, adotando a retórica médica para dar embasamento e consistência a suas orientações morais para combater os excessos sexuais. Por outro lado, os médicos formulavam suas prescrições se apoiando nas doutrinas cristãs. Gay assinala que, “Assim como os médicos não hesitaram em invadir os domínios de clérigos e educadores, estes por sua vez retribuíram a gentileza intrometendo-se no campo do aconselhamento médico e se uniram aos médicos no chamamento às armas” (1999, p. 223).

Grande parte das ideias presentes nos tratados médicos tinham origem em crenças populares, suposições teóricas mal fundamentadas e preconceitos difundidos

naquela época. Além disso, os médicos se utilizavam de uma retórica moralista advinda de ideais puritanos e, juntamente com os clérigos, buscavam moralizar as condutas sexuais, forçando os indivíduos a abandonar o que denominavam de vícios sexuais.

Médicos, pedagogos e clérigos se uniram para analisar diversos programas de educação sexual que eram fundamentados em conhecimentos pseudocientíficos e ideais alarmistas que procuravam disseminar o temor e o perigo do sexo.

No século XIX, a presença de doenças como a sífilis fez com que a continência sexual se transformasse em palavra de ordem. Além disso, médicos e religiosos encontravam, em meio ao pânico gerado pela presença dessa doença, naquele momento, o clima perfeito para disseminar um conjunto de projetos de moralização sexual e de combate à promiscuidade. O espectro da doença tornou-se forte aliado da luta dos mais conservadores, que buscavam estabelecer na sociedade a monogamia e a castidade. A abstinência era receitada como nunca antes foi. Showalter comenta que “Temas de crime e castigo, pecado e penitência, culpa e inocência dominavam o discurso oficial sobre a sífilis” (1993, p. 245-246).

O cristianismo tornou-se prescrição para o tratamento das doenças sexuais. A abstenção dos prazeres era parte do receituário dos médicos, e a prática da medicina se tornou uma prática moral, que tratava os comportamentos ditos imorais a partir de orientações religiosas. Gay (1999) aponta que no livro *Tratado sobre as causas da exaustão da vitalidade*, publicado em 1867, o médico Miller recomendou a seus pacientes que “... retornassem à religião e a Cristo, que é, ao que parecia, o mais formidável adversário dos abusos sexuais que o mundo já conheceu” (GAY, 1999, p. 221).

É possível observar, a partir do texto *Combater a poética pallidez: a questão da higienização dos corpos* (GONDRA, 2004) que a higiene serviu de pressuposto para que a retórica médica no Brasil buscasse realizar uma série de intervenções sociais. Nessa direção, Gondra afirma que as escolas foram o principal espaço para a disseminação de concepções de higiene, saúde e corpo.

No próximo capítulo, busco apresentar outro conjunto de artigos sobre educação do corpo, os quais também visavam tratar da educação física, do esporte e do exercício físico. Em um primeiro momento, analisarei um conjunto de fontes sem assinatura que tinham como foco a temática em questão; em seguida, apresento os artigos de dois médicos sobre esses mesmos temas. Como hipótese, considero – ainda que não permaneça a ênfase sobre a religião – que esses escritos enaltecem a necessidade de

uma reforma dos costumes, o que configuraria uma educação moral pela via da educação do corpo, aspecto bastante destacado na obra de Francisco Ozamis.

CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO DO CORPO NA RETÓRICA MÉDICA

2.1 Apontamentos iniciais

Varios homens de sciencia asseveram que a memoria é maior no verão do que no inverno, e que os seus principaes inimigos são o excesso de alimento, o excesso de exercicio physico e, o que é mais extraordinario, o excesso de educação. (MINAS GERAES, 16 e 17/03/1914, p.8)

Nessa pequena nota publicada na seção “Diversas” no jornal *Minas Geraes*, a questão dos excessos se apresenta como uma preocupação dessa época em relação ao cuidado com o corpo. Além da argumentação em torno do cuidado com os excessos, também a necessidade de medidas higiênicas, como o banho e a realização de exercícios físicos, enquanto profilaxia de doenças e melhora do aspecto físico, estão presentes nas publicações do jornal. Eis o trecho de um artigo “A saúde perfeita”, publicado em 1913, que comprova isso:

O verdadeiro motivo porque é aconselhavel um banho quotidiano não é tanto imposto pelas necessidades do asseio pessoal, mas pelas vantagens psicologicas que delle se derivam. Quando o corpo se acha debilitado pela fadiga, um bom banho lhe proporcciona nova energia e, ao mesmo tempo, modifica os cursos dos pensamentos, esclarece a mente, estimula as innumeras terminações dos nervos da pelle. Tudo isso contribui para dar uma sensação de bem-estar, augmentar a actividade e, conseguintemente, a alegria de viver.

Há individuos em tudo morigerados, que vivem e trabalham bem sem nenhuma fórmula regular de movimento. Mas este é absolutamente indispensavel áquelles que comem muito ou laboram em quartos mal ventilados, ou têm manifesta tendencia ás dores de cabeça e ao ‘spleen’. É muito pequeno o numero das pessoas que não precisam de movimentos. Cumpre, porém, que este não seja excessivo. Muitos prejudicam a sua saude com o abuso delle, com o cansaço excessivo, que exhaure os tecidos e a energia nervosa. Em geral, a homens sãos, residentes em cidades e occupados grande parte do dia, póde bastar a dóse de movimento abaixo indicada. Cinco minutos por dia de exercicios musculares as quaes podem ser feitos no proprio quarto, sem aparelhos especiaes; durante o dia, a passos lentos, durante o qual se deve aspiras profundamente o ar; pelo menos um dia de repouso por semana, empregado em jogos ou exercicios ao ar livre. (MINAS GERAES, 26/06/1913, p.4)

Ao observamos atentamente o jornal *Minas Geraes* neste período (1913-1916), é possível perceber que a higiene, o exercício físico e o controle dos excessos também estão presentes nos artigos que trazem um conjunto de prescrições médicas em relação

ao cuidado com o corpo. O investimento da medicina em relação a essas práticas está, em alguma medida, relacionado com o fato de que, durante o século XIX no Brasil, a medicina pôde experimentar a ampliação do seu espectro de atuação (Gondra, 2004).

Esse processo foi marcado pela “incorporação de práticas, disciplinas e objetos”, segundo Gondra (2004), e também pela delimitação de um conjunto de problemas presentes, principalmente, no espaço urbano dos quais os médicos deveriam se ocupar. Neste sentido o autor afirma que:

[...] o ar, as águas, os mortos, os alimentos, a circulação das pessoas, a criança, a mulher, os escravos, o homem, as fábricas, e a geografia foram estabelecidas como problemas da medicina, redefinindo, portanto, sua acepção para além das patologias, cirurgias e farmacologia. Com isto, as instituições vinculadas às práticas anteriormente enumeradas, bem como às disciplinas e objetos, também foram transformadas em objeto da atenção e intervenção dos médicos. Assim, o hospital, os cemitérios, a escola, o quartel, a prisão, o bordel, a fábrica, e o hospício foram, no discurso médico, descritos como carentes, insuficientes, atrasados e produtores de doença, o que, no limite, demandava uma intervenção baseada no saber médico (GONDRA, 2004, p.118-119).

Góis Junior (2013) indica que as diferentes práticas e teorias que constituíam o saber médico no Brasil produziram um discurso específico sobre a questão da raça que não se restringia apenas aos aspectos relacionados à etnia, mas ocupava-se também de questões relativas à constituição física, força individual e coletiva de uma nação:

No Brasil oitocentista, os médicos a partir dos argumentos de defesa da ciência passam a determinar a melhor forma para cada um cuidar de seu corpo, em um projeto de mudanças de hábitos em relação a ele, o que passaria pela necessidade de construção de projetos nacionais nos campos da Saúde e Educação que foram idealizados no contexto do século XIX. (GOIS JÚNIOR, 2013, p.141)

Analisando as teses desenvolvidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX, Gondra (2004) apresenta um conjunto de reflexões sobre o papel da higiene nos séculos XVIII e XIX enquanto campo da medicina que objetivava a profilaxia de um conjunto de problemas sociais. As prescrições produzidas pelos médicos nesse período se espalhavam por diferentes setores da ordem social. Nesse contexto, a escola também foi alvo dessas prescrições. Sobre isso, o autor afirma que:

Trata-se, portanto, de irradiação e proliferação de discursos acerca de inúmeros aspectos da vida social e da dos indivíduos, o que implicou inscrever a incipiente organização escolar nesse alargado arco das preocupações da ordem médica. Inscrição realizada com o auxílio da construção de uma cuidadosa representação das funções a serem realizadas na/pela escola. Esta deveria se ocupar da formação física, moral e intelectual das crianças e jovens, a qual, por sua vez, encontrava-se constringida por

numerosas práticas, indicadoras da extensão da intervenção imaginada pelos homens da ciência médica (GONDRA, 2004, p.122).

Considerando os aspectos pontuados anteriormente sobre a retórica médica, busco realizar neste capítulo uma série de reflexões sobre alguns artigos presentes no jornal *Minas Geraes* que mobilizam a retórica médica, apresentando um conjunto de prescrições em relação à educação do corpo.

Apesar de o espaço escolar não configurar o objeto central de investigação deste trabalho, é importante ressaltar que nas páginas do jornal *Minas Geraes* se materializam um conjunto de prescrições fundamentadas na retórica médica que visam educar o corpo nesse espaço. Nessa direção, alguns artigos publicados no jornal em 1913 revelam uma relação explícita entre medicina e o espaço escolar.

Levando em consideração que existem indícios da presença da retórica médica que visa educar o corpo no espaço escolar e em outros momentos da vida, analiso inicialmente um conjunto de artigos intitulados “O médico nas escolas” e, em seguida, analiso alguns artigos assinados pelos médicos Ernest Monin e Theophilo Torres.

2.2 A educação do corpo nas publicações “O médico nas escolas”

No período definido enquanto recorte temporal deste trabalho (1913-1916), é possível encontrar no jornal *Minas Geraes* uma seção denominada “O médico nas escolas” que não possuía assinatura autoral. Nessa coluna, são publicados em 1913 quatro artigos que tratam de diferentes temáticas, são eles: “O médico nas escolas – Os Jogos” (25 de Outubro), “O médico nas escolas – moléstias de crescimento” (7 de Dezembro), “O médico nas escolas – moléstias dos olhos (myopia escolar)” (25 de Dezembro), “O médico nas escolas – As moléstias nervosas” (27 de Dezembro). Levando em consideração a especificidade deste trabalho, busco realizar algumas reflexões sobre dois artigos publicados nessa seção, em que as práticas corporais se apresentaram enquanto fundamento da educação do corpo.

No artigo intitulado “O médico nas escolas – os jogos”, é possível perceber um conjunto de preocupações relacionadas ao desenvolvimento de práticas corporais que deveriam observar a necessidade de ocupar o tempo livre dos alunos – recreio – na escola, com atividades de movimentação livre em que as crianças descarregassem as suas energias visando otimizar o tempo para a educação intelectual. Além disso, essas

práticas corporais deveriam primar pelo controle das emoções na forma de exercícios não violentos. A eficácia desses exercícios é assim descrita:

Os exercicios corporaes são de grande utilidade para as creanças. Para que elles produzam o maximo effeito util, devem ser feitos ao ar livre, tendo a creança liberdade em todos os seus movimentos; nota-se que, quando não gozam do recreio, ficam desatentas e turbulentas durante a aula. E' agitando, brincando e gritando que a creança deixa escapar a exuberancia de seus nervos e repousa o systhema nervoso. Todos os exercicios corporaes são bons, quando praticados sem violência. (MINAS GERAES, 25/10/1913, p.8.)

Na sequência do artigo, percebemos que as atividades desenvolvidas na escola deviam ser fundamentadas por princípios científicos, pois vão nessa direção a afirmação da necessidade de ar puro e as preocupações em relação à correção anatômica do corpo, revelando uma relação estrita entre essas prescrições e os preceitos da higiene:

O exercicio ao ar livre obriga a creança a fazer profundas inspirações, introduzir ar puro em seus pulmões e assim vivificar seu organismo.

A gymnastica feita com todas as regras, remove as más attitudes do corpo, corrige a escoliose e outros desvios vertebraes, ampliando o thorax, combate a predisposição á tuberculose. (MINAS GERAES, 25/10/1913, p.8)

Uma passagem de outro artigo intitulado “O médico nas escolas – moléstias do crescimento”, e que busca discutir questões relacionadas aos problemas de atraso no crescimento físico nas crianças, reforça os aspectos ressaltados no artigo anterior:

O desenvolvimento physico pela vida activa, uma boa regulamentação do trabalho manual, os jogos ao ar livre e os exercicios gymnasticos apropriados a idade da creança, são outros pontos que devem merecer especial cuidado do medico escolar. O professor Lagrange está com a verdade quando diz: “a fadiga muscular produz a parada do crescimento, a falta de exercicio estiola a creança, o excesso de trabalho intellectual atrophia a intelligência”. A bycicleta, a natação, a gymnastica sueca e a respiratória, são de grande utilidade para todas as creanças. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 2)

Além dos aspectos relacionados à higiene, na medida em que o exercício físico no espaço escolar se materializa enquanto uma atividade metódica e sistemática, essa atuação em relação ao corpo dos alunos exigia uma profissionalização. Assim, há uma indicação de que a condução dos exercícios físicos no espaço escolar deveria ser realizada por um indivíduo qualificado e conhecedor dos princípios da ciência:

A gymnastica, para realizar todos os effeitos uteis deve assentar em base scientifica, e, para obter este “desideratum”, o professor deve ter

conhecimentos de anatomia e physiologia humana, e noções de hygiene. Confiar a direcção da educação physica a um leigo, é fazer obra estéril. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 2)

Analisando a retórica médica que produzia argumentos em relação às práticas corporais que deveriam ser realizadas no espaço escolar em início do século XX, Gondra (2004) aponta que a afirmação da necessidade de condução especializada dessas atividades no espaço escolar denota uma divergência em relação às atividades desenvolvidas por saltimbancos e circenses nas ruas que, de alguma maneira, definiria quais seriam os legítimos agentes para atuar na escola.

Além da condução especializada, as atividades desenvolvidas no espaço escolar também deveriam observar um conjunto de diferenciações entre os exercícios físicos e os esportes. A partir da constituição física dos alunos, os movimentos devem ser hierarquizados em relação à função que cada um deles deve cumprir em diferentes fases etárias da vida. Outro aspecto importante é que a prática dos exercícios físicos deveria obedecer a uma diferenciação de gênero:

Uma distincção capital deve ser feita entre os exercicios physicos e os esportes. Aquelles convem a todas as creanças, estes a uma categoria privilegiada de meninos dotados de boa constituição physica.

Os esportes só devem ser praticados depois dos quinze annos; nestas condições desenvolvem a destreza, segurança do golpe de vista, e, ao mesmo tempo, os musculos.

Os movimentos gymnasticos devem estar em relação com a idade; na creança tem o fim da favorecer a e amplitude respiratoria, no menino o desenvolvimento dos musculos, no adolescente se impõe o uso de apparatus gymansticos especiaes para se obter maior energia muscular. Até a época da puberdade, o menino e a menina podem sem inconveniente executar os mesmos exercicios, porém, dahi em diante, as aptidões physicas e moraes da mulher demandam gymnastica apropriada ao seu delicado organismo. (MINAS GERAES, 7/12/1913, p. 2)

Se a escola aparece enquanto espaço de intervenção na retórica médica, também é importante observar, a partir das teses médicas analisadas por Gondra (2004), que a extensão da intervenção médica não se limitava ao espaço escolar. Sobre isso o autor afirma que:

[...] Educação física pressupunha, portanto, uma longa, continuada e programada intervenção durante todo o ciclo de vida do ser humano com vistas a fabricar uma humanidade nunca conhecida: o homem do futuro.

Esta não se encerrava na idade dos colégios, havendo prescrições para a permanência das atividades na vida adulta e na velhice, de modo a assegurar uma população mais forte e mais saudável. (GONDRA, 2004, p.122)

Gois Júnior (2013) afirma que uma das pretensões do discurso médico, a partir do século XIX no Brasil, era a de afirmar, junto aos governos, a necessidade de incentivar um conjunto de hábitos saudáveis balizados na higiene:

A posição médico-higienista concordava com a organização de um estabelecimento próprio para a prática dos exercícios físicos. Esta iniciativa estabelecida em países como a França e Suécia durante o século XIX, tornou-se proposição de Taube que recebeu incentivo por parte dos médicos. O relatório de 1832, escrito pelo Dr. Simoni, indica ainda que esta instalação deveria ser pública para que muitas pessoas tivessem acesso aos seus benefícios [...] ou seja, havia a intenção de disseminação da atividade física como hábito higiênico. Se entre os intelectuais da saúde a prática era benéfica e necessária ao desenvolvimento do país, ainda havia a necessidade de convencimento das autoridades governamentais em relação a sua intervenção no campo. (GÓIS JUNIOR, 2013, p. 154)

Sendo assim, não parece ser por acaso que, em meio a um conjunto de iniciativas para o desenvolvimento na cidade de Belo Horizonte de práticas esportivas e práticas de divertimento, surja na cidade um clube onde as práticas realizadas deveriam ser orientadas pelos princípios da higiene. O surgimento desta instituição parece estar em consonância com alguns ideais da época que dizem respeito ao estabelecimento de locais para a prática de atividades físicas:

Um grupo de distintos cavalheiros projecta fundar dentro de poucos dias um club de sports, onde as famílias dos associados encontrem, além de um pouco de palestra, exercícios phisicos reclamados pela hygiene. À frente de tal empreendimento se acham conhecidos clínicos da capital que contam obter da prefeitura área necessária, no Parque, para os campos de “laivn-tennis, criquet”, etc., bem como para edificação de pavilhões destinados á palestra, vestuários, etc. (MINAS GERAES, 13/04/1913, p.5)

A fonte destacada anteriormente se refere a uma das ações para a criação do *Club de Sports Hygienicos*. Esse clube funcionou entre 1913 e 1917 em uma área do Parque Municipal de Belo Horizonte, onde, atualmente, está instalada a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. É importante salientar que os “conhecidos clínicos da capital” que estavam à frente da criação do *Club de Sports Hygienicos* fizeram, posteriormente, parte da diretoria desse clube, dentre eles podemos

destacar: Henrique Marques Lisboa, Hugo Werneck, Octavio Magalhães, Samuel Libanio, Ezequiel Dias¹².

O estabelecimento de locais para a prática de atividades físicas, a prescrição de atividades físicas e a produção de teses no campo da medicina em alguma medida revelam as intenções de estabelecer um projeto de formação moral junto à sociedade do século XIX. Sobre isso, afirma Góis Júnior (2013):

Associada aos discursos legitimadores da Ginástica, a ciência do século XVIII e XIX, com grande prestígio na época, organizava as bases da termodinâmica, da entropia, e por último da microbiologia. Com estas descobertas, hábitos corporais deviam ser reformados, pois a limpeza não estava mais na aparência. O cuidar do corpo se estabeleceu como uma norma moral. Desse modo, uma educação do corpo seria mais do que tudo uma educação moral, em que a Ginástica e higiene se estabeleciam como ferramentas privilegiadas dos corpos no século XIX. (GÓIS JUNIOR, 2013, p.155)

Levando em consideração as ponderações de Gondra (2004) sobre o projeto de formação moral nas prescrições dos médicos e os apontamentos de Gois Júnior (2013) sobre o cuidado do corpo enquanto norma moral, busco analisar as publicações dos médicos Ernest Monin e Theóphilo Torres.

Antes de abordar esses artigos, entendo que se torna necessário apresentar algumas ponderações sobre a moral. Parto do pressuposto que a moral diz respeito a um conjunto de comportamentos e hábitos próprios de uma época, ou seja, há de se observar que a moral carrega uma historicidade. Apoio-me nas observações de Thompson presentes em seu texto “Economia moral da multidão inglesa” (In THOMPSON, 1998) para refletir sobre a moral. Acredito que as ponderações de Thompson contribuam para que possamos compreender outros elementos que se relacionam à moral de uma época em seu espectro de atuação sobre a cultura.

A denominação “economia moral” se refere a um conjunto de obrigações recíprocas que os indivíduos tinham entre si em uma cultura baseada nos costumes. Para Thompson, esse tipo de obrigação recíproca estava fundamentada no mutualismo e na reciprocidade e estava relacionada a um conjunto de expectativas, direitos e necessidades. Essa “economia moral” também era um elemento fundamental que

¹² Essas personalidades são identificadas por Rosa (2011): Ezequiel Dias foi professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte; Octávio Magalhães ministrou a disciplina de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte; Henrique Marques Lisboa foi catedrático de Biologia e Parasitologia na Faculdade de Medicina de Minas Gerais e, também, é considerado um pioneiro da medicina experimental em Belo Horizonte; e, por fim, Hugo Werneck foi diretor da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte e professor de clínica ginecológica na mesma instituição.

agregava os indivíduos em torno dos motins na Inglaterra no século XVIII, que foram entendidos por Thompson como ações populares que, por vezes, se opunham à imoralidade no aumento dos preços dos itens básicos à sobrevivência nesse período.

Apesar da análise de Thompson se referir a um tempo e lugar específicos, ela oferece bons elementos para que possamos compreender alguns aspectos sobre a moral. Embora este tipo de “obrigação recíproca” não estivesse documentado enquanto norma na cultura, ele gerava uma série de comportamentos no corpo dos indivíduos que se revelavam no momento dos motins. Nesse sentido, há de se pensar que a moral também está relacionada a uma disposição de comportamentos e hábitos que podem ser construídos historicamente em uma coletividade e não seguem necessariamente, com todo rigor, algum princípio religioso. Considerando esses aspectos, busco apresentar as prescrições médicas presentes no jornal *Minas Geraes* na temporalidade da pesquisa e realizar algumas ponderações sobre essas prescrições.

2.3 A educação do corpo nos artigos do médico Ernest Monin

Em seu artigo intitulado “A higiene da alimentação”, o médico Ernest Monin chama a atenção para a necessidade de uma rotina alimentar bem definida. Ele afirma que:

As refeições devem ter lugar e horas fixas, para disciplinar a digestão: convém evitar todo alimento e bebida tomados fora dessas horas de refeição. Os elementos de uma boa higiene alimentar são os seguintes: variedade no regimen; associação methodica da carne, do pão, dos legumes, da maneira a fornecer em vinte e quatro horas, 30 grammas de azoto e 450 grammas de carbono; bom preparo culinario (evitar os perigos do chumbo nos trens de cozinha); mastigar bem os alimentos, cuja quantidade estará na razão inversa da elevação do thermometro. (MINAS GERAES, 6/02/1914, p.4-5)

Na concepção desse médico, a presença de uma rotina alimentar regulada também é necessária para a profilaxia de algumas patologias. Ao argumentar sobre as causas e o tratamento da magreza, por exemplo, Ernest Monin também apresenta aspectos de uma rotina alimentar para os indivíduos que padecem da magreza:

A alimentação geral deve ser copiosa e nutritiva. Devem-se ingurgitar, depois de haver mastigado bastante, os alimentos reparadores.

[...] A ampelotherapia – ou cura pelas uvas – é um meio que se pode igualmente empregar, com muita probabilidade de exito. Porém, é principalmente contar com a dietetica seguinte: tanto quanto o permitir a tolerancia do estomago, ingerir corpos gordurosos, manteiga, oleos, carnes gordas, pasteis de figado de aves, carnes de porco. A’s refeições tomar um bom vinho tonico, misturado com agua natural, ou melhor alcalina arsenical.

Duas ou tres vezes por dia, deve-se tomar além disso, no intervalo das refeições, um copo de extracto de mate, de stout ou de uma cerveja forte bem preparada. (MINAS GERAES, 12/03/1914, p. 3)

Além dos aspectos relacionados à rotina alimentar, no artigo “A hygiene da alimentação”, outro aspecto para o qual Ernest Monin apresenta uma série de argumentos diz respeito à qualidade e a variedade dos alimentos ingeridos:

A nutrição precisa, para effectuar-se, de tres especies de alimentos: “azotados”, também chamados albuminoides ou quartenários, porque encerram carbono, hydrogenio e azoto. São alimentos essencialmente plasticos ou reparadores, cujos principaes enumeramos: a albumina (clara de ovo), a fibrina (carne, carne muscular), a caseína (queijo), a gelatina (caldo), a choudrina (cartilagens), o gluten (cereaes), a legumina (leguminosos): feijão, lentilha etc.)

A segunda classe de alimentos é constituída por substancias não azotadas, ternarias, também chamadas hydrocarbonadas. São: as gorduras, o oleo, a manteiga, o mel, o assucar, a gemma, o amido, a dextrina, a fécula, a pretina (especie de gelatina dos fructos.)

A terceira classe, natural ou inorganica, é representada pelo chlorureto de sodio (sal), os carbonatos e phosphato de cal, sodio e potassio, a magnesia, o ferro, o enxofre, o magnesio etc...

Todos estes principios alimentares encontram-se ordinariamente reunidos ou combinados pela natureza: mas sómente os ovos e, sobretudo, o leite, é que se podem physiologicamente considerar como alimentos completos, isto é, sufficientes para entreter (pelo menos por algum tempo) o calor animal e reparar nossas perdas quotidianas. O regimen misto (a associação equilibrada dos alimentos animaes e vegetaes) é o unico verdadeiramente hygienico e racional.

Entre as carnes, as vermelhas são as mais nutritivas. A carne deve ser sempre bem cozida, sob pena de transmittir vermes (tenia), germes putridos, tuberculosos, etc. Assada ou cozida, a carne é sã, saborosa e digestiva, o caldo é um alimento illusorio, ou antes um estimulante do estomago. O peixe, menos nutritivo que a carne, é um alimento sã, excepto para os eczematosos.

O pão deve ser bem fermentado e cozido, leve, com um odor e um sabor agradável. A casca é mais digestiva que o miolo. O pão muito fresco, é muito indigesto. O pão de raia (misturado com centeio) é mais laxativo que o pão branco e mais rico em phosphatos.

A aveia, o milho, a cevada, o trigo mourisco, são alimentos muito nutritivos. O arroz é mediocre. A batata é rica em saes alcalinos. As lentilhas, ervilhas e vagens são muito nutritivas, graças á sua consistencia azotada (legumina ou caseína vegetaes); são tão nutritivas como a carne, mas muito menos assimilares. Os herbaceos temporaneos são destinados a contrabalançar o poder escandecente das carnes. As fructas frescas têm um papel analogo. É prudente limpá-las e laval-as com todo o cuidado. (MINAS GERAES, 6/02/1914, p. 4-5)

Os condimentos e as bebidas também compõem as prescrições de Ernest Monin acerca da alimentação. No artigo “A hygiene da alimentação”, é possível perceber como o consumo de água, café, chá e vinho são prescritos a partir de parâmetros que mesclam aspectos bioquímicos, fisiológicos e comportamentais:

O corpo humano contém cerca de 200 grammas de sal. Requer 10 grammas por dia deste condimento, que é um verdadeiro alimento. O assucar é o typo dos alimentos respiratorios. Não devemos abusar dos temperos ou condimentos (pimenta, mostarda, alho etc.), que tornam o estomago cansado e atonico.

A agua constitui 70° | °¹³ do organismo, que lhe reclama 2.000 a 3.000 grammas por dia. Quando é pura, é a melhor das bebidas alimenticias. Deve conter gas e saes (chloruretos, carbonatos). Devemos sempre beber a agua por pequenos tragos, fresca, mas não muito fria e desconfiar de gelo, cuja origem é ignorada.

O café é a bebida intellectual por excellencia. Toni-nutritivo, alimento de economia, contra a dispersão de forças, especifico da fadiga, o café estimula a circulação e o systema nervoso. O chá é, sobretudo, um excitante digestivo: é quasi sempre muito menos supportado que o café. O cacau (chocolate) é também um tonico, mas contém, além de outras, muitas materias gordurosas. Não devemos abusar desses “dynamophoros” aromaticos, preciosos sómente para o uso moderado.

O vinho, tomado sem excesso e misturado com agua, sustenta pelo seu tannino, seus saes, seu alcool. E' um verdadeiro alimento, que contém uma média de 20 grammas de azoto por litro e 40 grammas de carbono. Quando é puro e de boa qualidade, convem aos anemicos, aos velhos, aos lymphaticos, aos habitantes das cidades, muito mais do que a cidra e a cerveja. Esta ultima (mais rica em phosphatos e em hydrocarburetos) recommenda-se, como bebida preferida pelos estomagos debeis (tomada, bem entendido, durante as refeições), ás pessoas magras e fracas.

A aguardente, os licores (e sobretudo os aperitivos) acarretam accidentes graves, por menor que seja o abuso. E o declive é aqui muito escorregadio: quantas pessoas se tornam alcoolicas quasi sem o saber. Porque não devemos confundir a embriaguez, envenenamento agudo e barulhento, com o alcoolismo, intoxicação lenta e traiçoeira, que mata simultaneamente o corpo e o espirito. (MINAS GERAES, 6/02/1914, p. 4-5)

A regulação do consumo das bebidas alcoólicas ocupa um lugar importante nas prescrições de Ernest Monin. Para esse médico, o alcoolismo, além de estar associado ao vício e a embriaguez, também estaria vinculado ao nascimento de indivíduos doentes. Sobre isso, ele declara o seguinte no artigo “O desenvolvimento tardio das crianças”:

Certas creanças apresentam, desde cedo, exaltação maníaca e mesmo accessos de furor homicida ou incendiario. Observam-se, ainda mais frequentemente, as ideas exquistas, o ciume, o arrebatamento, e o espirito de

¹³ Tudo indica que o símbolo ° | ° indica o percentual que, atualmente, identificamos com o símbolo %.

vingança, a depressão melancólica (esta é frequente sobretudo na puberdade). Esses estados mentais são, felizmente, passageiros, em geral e mais assustadores que graves. Porém, indicam sempre a susceptibilidade neuropathica, implicando a necessidade de dirigir e de equilibrar as desordens de um moral anormal em que a hereditariedade occupa, geralmente, o maior lugar etiológico. O meio mundano e artificial das cidades é particularmente hostil a essas creanças; ellas precisam do contacto íntimo e profundo com a natureza e a educação simples e forte dos pequenos camponeses: sua saúde depende disso. O alcoolismo dos paes e também a causa frequente de todas essas taxas nervosas. Os pequenos epilepticos chamaram-se vulgarmente “os filhos do domingo” porque foram concebidos na embriaguez esta noção causal não era ignorada pelos antigos observadores (Diogenes e Plutarco). (MINAS GERAES, 25/12/1913, p.7)

Além das prescrições sobre a alimentação, o jornal apresenta um conjunto de prescrições de Ernest Monin sobre o exercício físico e os efeitos que eles produzem, principalmente no corpo da mulher.

No artigo intitulado “A palestra médica – A gymnastica”, Ernest Monin inicia o seu artigo atribuindo, enquanto resultado da prática regular do exercício físico, um conjunto de efeitos fisiológicos que, do ponto de vista desse médico, seriam benéficos ao corpo:

Diz-se e repete-se commumente que os exercicios do corpo diminuem as taxas organicas, aceleram os movimentos do coração, regularizam a circulação, dilatam os movimentos respiratórios e aperfeçoam o funcionamento pulmonar, favorecendo, assim, no mais alto grau, conflictos de que resultam a nutrição e a vida. (MINAS GERAES, 8/05/1913, p. 2- 3)

Em seguida, Ernest Monin elege a ginástica como a atividade que produz os maiores e melhores efeitos no corpo humano. Nesse sentido, o médico apresenta vários argumentos que demonstram os efeitos da prática da ginástica no corpo humano, que vão desde melhorias anatomo-fisiológicas, profilaxia, controle e cura de doenças a melhoras no aspecto moral:

A medicina serve-se da gymnastica como um dos seus melhores agentes physicos de cura das doenças. Na diabetes, ella favorece a combustão do assucar, na obesidade a reabsorpção da gordura, na gotta e na lithiasis, a eliminação dos uratos e do acido urico; na atonia geral, na escrofula, no rachitismo, na dyspepsia e na fraqueza dos órgãos, ella opera como um poderoso tonico, um precioso excitante, um sedativo energico. Nas nevroses, nas imbecilidades na hypocondria, na hysteria, na epilepsia, na doença de S. Guido, ella actúa utilmente e modifica por fim o systema nervoso. Ella dilata o peito do individuo, congenitalmente predisposto á phthisica e tem logrado algumas vezes suspender a acção da terrível diathese.

Secundariamente a gymnastica endireita a columna vertebral, torna flexivel as articulações, assegura o equilibrio da machina humana e influe, até certo ponto, sobre o moral e a vida affectiva. (MINAS GERAES, 8/05/1913, p.2-3)

A maneira com a qual esse médico descreve o corpo feminino se assemelha a um esquadramento realizado a partir de um duplo movimento em que são destacados aspectos patológicos ao mesmo tempo em que se descrevem benefícios provenientes da ginástica em relação a um conjunto de patologias.

Melhoras orgânicas definitivas e transmissão dessas melhorias para as gerações seguintes são citadas como benefícios da ginástica. A passagem seguinte demonstra que está no horizonte de proposições desse médico uma educação do corpo que tenha como perspectiva a melhoria da raça pela via da atividade física. Ao relatar os efeitos e resultados proporcionados pela prática da ginástica, podemos perceber as ambições das prescrições feitas por ele:

Quaes são, effectivamente, os resultados que produzem sobre a economia uma gymnastica, sabiamente comprehendida? Ella dá vigor aos musculos, flexibilidade ás articulações, força, agilidade e calor a todos os órgãos; augmenta, por assim dizer, o grau geral da economia e estimula a renovação molecular de todos os tecidos, excitando-lhes a circulação do sangue.

[...] Taes effectos estão absolutamente demonstrados. Immediatos e passageiros, à primeira vista, elles se transformam, pouco a pouco, pela força do habito, em conquistas organicas definitivas, que se transmittem á descendencia pela hereditariedade. A gymnastica é, pois, um meio de elevação de um paiz pelas forças. (MINAS GERAES, 8/05/1913, p.2-3)

Após destacar os efeitos da ginástica de forma geral sobre o corpo humano, Ernest Monin faz um conjunto de investidas sob o corpo feminino valendo-se novamente do duplo movimento em que apresenta patologias e ao mesmo tempo prevê uma série de efeitos da ginástica sobre o corpo, argumentando que:

A melhor maneira de facilitar o desenvolvimento de uma menina é, não ha que duvidar, submettel-a a um exercicio physico tão constante e regular como tranquillamente combinado.

Applicada á mulher, a gymnastica, afasta-a da atmospherá immovel e confinada em que ella muitas vezes se estiola; sob a influencia de uma nutrição mais activa, vê-se attenuar o lymphatismo, esse attributo inseparavel da menina. A flaccidez e rotundidade das carnes desaparecem para dar logar a uma rijera coveniente e ás saliencias musculares sem prejuizo da elegancia: as côres pallidas e o rosa doentio das faces são substituidos por uma carnação viva. Os labios deixam a côr esbranquiçada para se tornarem vermelhos; a anemia terá desaparecida. Para bem comprehender a utilidade da gymnastica para a menina, é preciso ver como as indisposições e incommodos, tão frequentes em sua vida, cedem facilmente a exercicios medidos e scientificos. Sob sua influencia, o mau estomago, que acompanha a virgem como a sombra ao corpo, torna-se excellente e apto para as digestões mais diffíceis, porque a fadiga faz produzir a fome, essa desconhecida da menina, e provoca com ella a necessidade irresistível de

uma alimentação reparadora. Além disso, as funções intestinais até então inactívas e penosas, tornam-se regulares e faceis, em virtude do proverbio: “digere-se mais com as pernas do que com os intestinos”.

Em conclusão, num seculo em que, como dizia Marchal, “o musculo se extingue e o systema nervoso está estafado”, quanto não é importante regenerar o physico da mulher, para lhe arrebatat a fraqueza e o enervamento de seu moral, triste e continuo brinquedo dos servos. A força e a saude do corpo, não sendo o moral, como se ficou dito, sinão o physico invertido. [...] A melancolia desaparecerá, assim como essa exquísita sensibilidade, esses perpetuos males de nervos que envenenam a existencia da mulher, cujo moral se formará igual e tranquillo, harmoníco, numa palavra, como o seu physico. O temperamento nervoso modificar-se-á, assim, pela diversão feliz que a gymnastica proporciona á emotividade; demais, o habito dos exercicios do corpo restringirá a impressionabilidade do sexo feminino diante dos perigos. (MINAS GERAES, 8/05/1913, p.2-3)

Provavelmente, se o médico Ernest Monin não utilizasse a palavra mulher e elementos da estrutura da língua que indicam o feminino, seria praticamente impossível, nos dias de hoje, compreender a qual ser vivo ele se refere. O corpo da mulher é transformado em uma unidade patológica, ela é flácida, pálida, o seu estômago e intestinos não funcionam bem, o seu moral é fraco, sua sensibilidade é esquisita, além de tudo isso, ela ainda é melancólica.

Essa forma de se referir ao corpo feminino tem certa força nesse momento histórico. No artigo publicado no jornal *Minas Geraes* intitulado “A Cultura Physica da Mulher”, percebemos uma análise semelhante em relação ao corpo feminino:

A mulher está mal constituída para os esforços intensos ou supportados durante muito tempo. Isso é devido a construção anatomica. Como a propria base do esforço seja o perineo, não se discute a má resistência relativa desse suporte muscular no sexo feminino. Tambem é inteiramente inútil explicar como a disposição dos órgãos pelvianos e seu papel physiologico se casam mal com determinados exercícios violentos. (MINAS GERAES, 9/07/1914, p.4)

Novamente o corpo feminino é apresentado enquanto incompatibilidade biológica em relação à vida. Essa maneira de descrever o corpo feminino é muito forte em uma época em que a mulher tinha um papel social e moral distinto do homem. Assim, a desqualificação do corpo da mulher parece surgir enquanto forma de restrição e delimitação da participação feminina na vida em sociedade. Ao mesmo tempo, são prescritas atividades corporais visando preparar o corpo feminino para exercer as únicas possibilidades pertinentes para a mulher na sociedade, que seriam, pois, a maternidade, a atenção para com a família e as tarefas domésticas.

A partir da análise das teses médicas da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, Gondra (2004) aponta que, na concepção dos médicos daquela época, o fato da mulher ter um físico bem constituído seria um aspecto fundamental para a gestação. A conclusão do artigo “Palestra médica – A gymnastica” de Ernest Monin se aproxima dessa perspectiva apontada por Gondra (2004) quando afirma que:

Desenvolver o conjunto do organismo para nelle fazer reinar a saude, eis o fim. E o meio de ahi chegar consiste em exercitar intelligentemente certos grupos musculares por uma gymnastica bem dirigida. Os antigos assim o comprehendiam, e não é sem razão que Plutarcho attribuia a constituição fraca e delicada da mulher, sobretudo aos seus habitos sedentarios. Ora, os exercicios hygienicos de gymnastica equilibram esses habitos e annullam os seus desastrosos effeitos sobre a saude. Elles mantêm a robustez, sempre mal segura, da menina e, suscitando-lhe a harmonia em suas funções tão complicadas e tão pouco harmonicas, preparam á mulher para uma vida robusta e fecunda. (MINAS GERAES, 8/05/1913, p.2-3)

Além de definir o papel social da mulher em meio à sociedade, o investimento no corpo da mulher a partir de um conjunto de prescrições médicas cumpre uma função de elencar os aspectos para revigorar o corpo feminino, que era considerado frágil, para que ela obtivesse uma gestação de uma prole bem constituída.

Além da indicação do exercício físico e outras práticas, as prescrições dos médicos nesse período buscavam apresentar ainda alguns esportes que poderiam revigorar e propiciar um determinado físico. No tópico seguinte, apresento essas proposições a partir da perspectiva de Theophilo Torres.

2.4 A educação do corpo nos escritos do médico Theophilo Torres

No artigo intitulado “Subsidios uteis – influencia do Sport”¹⁴, o médico Theophilo Torres articula conhecimentos do campo da medicina (principalmente da higiene) para falar sobre esporte e sua atuação na educação do corpo.

Partindo de uma crítica ao “homem civilizado”, esse médico salienta que o homem teria se afastado da natureza. Na sua visão, a substituição da energia muscular pelos “aparelhos e machinismos” contribuiria para um estilo de vida “preguiçoso” visto nas cidades, pois o implemento dessas novas tecnologias no trabalho da fábrica e do campo contribuiria para a “atrophia dos músculos e para o definhamento do corpo”.

¹⁴ Esse artigo saiu em um suplemento do jornal *Minas Geraes* sem numeração de página. Por isso, nas referências relativas a esse artigo que se seguem, foi usada a indicação: “[s.p.]”, isto é, “sem página”.

Theophilo Torres cita o médico Francis Heckel e suas descrições anatômicas do corpo do homem no sentido de salientar qual seria o modelo de corpo ideal:

O homem é uma criatura de ar e de luz. É feito para viver nu nos climas temperados. O contacto do ar e das radiações luminosas lhe é tão natural, quanto o da água nas escamas dos peixes. A procura do alimento é indispensável a vida obriga-o a correr, caçar, nadar, jogar armas e atirar pedras, trepar nas árvores, levantar e carregar pesos. Todo homem que vive assim oferece ao observador a imagem da constituição athletica. Quaes são seus caracteres?

A estatura é mãe, grande si os recursos alimentares são abundantes e si o homem não é forçado a carregar a presa ou as provisões a grandes distancias. A parte mais larga e expressa do corpo é o peito, cofre vigoroso onde se abrigam os orgaos vitales, coração e pulmões. O ventre é mais estreito e maios chato que o thorax, que o excede de todos os lados. Os membros são fortes, cheios e carnudos, destituídos de gordura. Os músculos são salientes, sem asperezas, as suas massas vigorosas se afirmam na espaldas, no pescoço, nos rins, braços e coxas. O abdomem, firme e musculoso, refrea em bridas symetricas vísceras de volume reduzido. A pelle é lisa assetinada e de coloração bronzea, mesmo nas raças brancas. É a pelle do selvagem branco desembaraçada pela acção da luz e da água de qualquer vestígio de erupção anormal. A face é de um desenho vigorosamente inscripto em planos musculares e em saliências osseas, pois a gordura não se accumula no homem vivendo vida natural. O olhar é direito e firme, os cabellos abundantes, tez unida, sem coloração congestiva. O aspecto geral do corpo é ao mesmo tempo forte e flexível, massiço na raiz dos membros, no peito, no tronco e esguio esbelto no conjuncto. Três caracteres impressionam o observador: Em primeiro lugar a saliência existente na junção das cadeiras e do tronco, erguido sobre elas, como sobre um pedestal por demais estreito. É a marca do desenvolvimento completo de um musculo, atrophiado no homem moderno; o grande “Eliquo do abdomem”. Os outros attributos atheticos são: o sulco vertical que se estende do pescoço ao umbigo o que se cava entre as espaldas e os rins. Elles desaparecem no homem civilizado. (MINAS GERAES, 25/05/1913, [s.p.])

Logo após apresentar essa descrição, Theophilo Torres argumenta que os “homens da atualidade” podem obter toda essa anatomia dos homens que vivem uma “vida natural” pela prática regular e regulada dos “exercícios athleticos”. Neste momento, o médico recorre ao modelo inglês de exercitação física enquanto possibilidade de recuperação destes atributos físicos presentes no corpo dos homens que vivem uma “vida natural”, afirmando que:

Muito modernamente é que os inglezes, com a intuição própria dos povos superiores, crearam com aquele fito o “sport”, adaptação moderna dos jogos olympicos. Foi uma revolução. Os povos anglo-saxões e germânicos adoptaram a nova escola e foram em breve seguidos por alguns dos latinos. Si durante algum tempo a prática desses exercícios foi considerada, até por espíritos eminentes, fútil e incompatível com a intelectualidade, hoje há uma corrente de opiniões em sentido oposto, sendo que, homens de sciencia, alguns mesmo notaveis, praticam e aconselham o “sport”, vendo nelle um magnifico contingente para o fortalecimento da intellegencia. É o velho

lemma de Juvenal: “Mens sana corpore sano” restabelecido e posto de novo em voga.”

Mas, se o “sport” tem as maiores vantagens para o organismo, tornando-o apto a triumphar contra a decadência oriunda dos hábitos máos adquiridos na vida atrophiante da civilização moderna, se a sua prática consiste em uma educação racional e methodica do corpo pelo exercício, deve haver muito critério, não só na escolha do gênero desse exercício, tendo-se em vista a gradação racional do mesmo, como também na idade do individuo e em outras condições da maior importância. (MINAS GERAES, 25/05/1913, [s.p.])

Após tecer essa série de considerações sobre as medidas ideais do corpo do homem e a maneira pelas quais se torna possível atingi-las através do exercício físico, Theophilo Torres apresenta uma série de consequências negativas que estariam vinculadas à inobservância dos princípios de uma “educação racional e methodica do corpo pelo exercício” e argumenta que:

Os músculos, quando se contraem, secretam uma substancia venenosa, que é eliminada á proporção que é formada. Quando, porém, o trabalho muscular é excessivo, essa substancia se acumula no organismo, produzindo fenômenos de intoxicação, desde a simples fadiga até os mais graves symptoms, podendo mesmo determinar a morte. Factos bem lamentáveis já tem sido observados nesse gênero, e que tem levado o desespero e o lucto a muitos pais. Em organismo normaes não há condições que contra indiquem o exercício physico de um modo absoluto. Este, porém, está subordinado a uma série de circumstancias relativas ao clima, ás estações, assim como á idade e á compleição de cada um. A inobservância de preceitos baseados nessa condicional pode produzir um desequilíbrio orgânico e expor o individuo ás mais graves infecções, agudas ou chronicas, entre outras a tuberculose.

É que a pratica do “Sport” exige taes regras, sem as quaes elle degenera num exercício desordenado e desconexo, que nem sequer tem as vantagens mais elementares do avigoramento do corpo. (MINAS GERAES, 25/05/1913, [s.p.])

Em seguida, esse médico apresenta um conjunto de críticas relacionadas à maneira como os jovens se relacionavam com o esporte e o exercício físico:

Nem todos os “sports” oferecem o mesmo grau de violência; há entre elles uma verdadeira gradação, facultado liberdade na escolha.

Os “sports” favoritos dos nossos jovens são: a regata, a natação e mais do que todos o futebol, o “foot-ball.

Os jovens que entregam aos exercícios “sportivos” têm apenas em vista o prazer que taes jogos lhes facultam. Para elles o “sport” é apenas um folguedo. Nenhum deles pratica-o com outro intuito, não sendo, portanto de admirar que se dediquem a isso como todo o entusiasmo dos seus verdes anos, sem olharem a consequências de qualquer natureza. Para elles, fazer “sport” consiste em dedicar-se a um exercício de predileção, sem consultar

aptidões físicas nem seguir orientação alguma. É um erro que pode produzir e que de facto tem produzido as mais funestas consequências.

Consta-nos que há tempos um dos nossos clubs de foot-ball mandara vir um especialista europeu com o fim de adestrar as suas turmas. Esse profissional foi dispensado ao cabo de dois ou três mezes, sem ter obitdo resultado algum, por não se terem os rapazes sujeitado a umas tantas regras hygienicas indispensáveis.

A encarar o Sport, como geralmente o fazem, sob o ponto de vista de um simples divertimento, elle só pode ser prejudicial. Mas, si quizer considera-lo como norma educativa, de fins mais elevados que o de proporcionar simples passatempo aos rapazes, outra deverá ser a orientação. (MINAS GERAES, 25/05/1913, [s.p.])

Finalizando os seus argumentos, Torres afirma novamente a necessidade de submeter aqueles que desejam praticar esportes a uma prática disciplinada, afirmando a necessidade de um exame médico que aponte as condições físicas daqueles que desejam praticar exercícios físicos:

Assim como não se deixa ao arbítrio da creanca a escolha das materias que deve estudar nas escolas e collegios, fazendo pelo contrario, que ella seja feita de acordo com um programma, que obedece a princípios estabelecidos pelo critério dos competentes, por que é que se ha de permitir esse arbítrio no que se refere a educação physica, que deve importar mais que a intellectual, por mais de perto de ligar á vida á saúde do individuo? É um problema que estabelecemos e cuja solução deixamos á consciência dos pais. O exame médico do organismo de um rapaz que pretende fazer “sport” bastaria para esclarecer qualquer duvida a respeito das suas aptidões physicas e do exercício mais apropriado á sua idade e á sua compleição. (MINAS GERAES, 25/05/1913, [s.p.])

No ano de 1916, um conjunto de ponderações de Theophilo Torres acerca da prática do futebol é publicado no jornal *Minas Geraes*, mais precisamente na edição do dia 8 de outubro na publicação intitulada “O Foot-ball. Na academia nacional de medicina – Uma proposta do Dr. Theophilo Torres”. Nessa publicação, o periódico reproduz a ata de uma reunião realizada no dia 4 de outubro de 1916 na associação nacional de medicina, na qual, em diversos momentos, aparecem fragmentos do discurso de Theophilo Torres.

Nesses fragmentos de discurso, o médico Theophilo Torres apresenta uma série de aspectos negativos em relação ao futebol, afirmando a necessidade da comunidade médica estudar tal prática para avaliar se realmente é adequada e aconselhada para os garotos na fase da puberdade enquanto atividade física que contribuiria para sua formação.

Mesmo a atividade física sendo considerada prática higiênica por alguns, na opinião de Theophilo Torres, era necessário ter cautela ao afirmar que a prática realmente se enquadrava nos preceitos da higiene. Para esse médico, era necessária uma verificação mais cautelosa por parte dos médicos em relação ao futebol devido à possibilidade dessa prática corporal não obedecer a uma série de normas higiênicas:

O orador deu, então, a sua opinião, contraria ao jogo inglez. É contrario, francamente contrario ao “foot-ball”, por varios motivos. Desde que se instituiu entre nós tal “sport”, chegam ao seu conhecimento graves accusações e graves casos de perturbações e até de mortes! Há 30 annos que se dedica ao magisterio, estudando as mais importantes questões que entendem a hygiene educativa. Não é um especialista, mas está apto para dar a sua opinião. Pensa que devem merecer toda a attenção tudo quanto se refira ao triplice aspecto da educação moral, intellectual e physica. Critica a falta de uma lei pedagogica a esse respeito e diz que é inaconselhavel o “foot-ball” aos meninos, no periodo do crescimento e da puberdade.

Faz largo comentario aos desastres provenientes do “foot-ball”, observando que os medicos assignalam seguidamente contusões provocadas por aquelle jogo e enumera as molestias provocadas pelo “foot-ball”: tuberculose ossea, abcessos e ankyloses dos membros. Lê uma referencia feita á sua entrevista pela “Noticia”, e discorre fluentemente sobre o uso de “sports” nas escolas. Diz que os exercicios physicos nos estabelecimentos de ensino têm sido interpretados differentemente em varios paizes da Europa, citando para argumentar a França, a Scandinavia e a Inglaterra. Acentua a divergencia que se observa naquelles paizes, onde as opiniões são varias sobre o assumpto e observa que na França não se joga “foot-ball” mas os exercicios physicos são feitos em barras fixas.

O orador estende-se em considerações geraes e allude ás divisões de opiniões existentes. Acha que si não houvesse motivo para a comndenação do “foot-ball”, seria imprudente tratar delle.

Não confia nas discussões. Não lhe consta que de nenhuma discussão havia surgido uma ideia fixa. Depois de dizer que não ha sciencia medica possivel sem experimentação, o sr. dr. Theophilo Torres declara que ha uma série de casos concretos contra o “foot-ball” e que é preciso que elles venham ao conhecimento da Academia Nacional de Medicina. A Academia – prossegue sr. exc. – deve abrir um inquerito e se delle resultar que nenhum mal ha para os meninos na puberdade ou adolescencia, a Academia lavre, então, o seu parecer para acalmar os pais que estão alarmados com essa questão. A Academia não póde prohibir o “foot-ball” porque não exerce funções de policia, mas pode dar a sua esclarecida opinião.

Manda á Mesa a seguinte proposta:

Attendendo á influencia extraordinaria que exercem os exercicios physicos sobre o crescimento do individuo e, dahi a importancia da escolha do genero de exercicio que melhor convenha nos diversos periodos da idade; tendo sido apontados varios casos de perturbações graves, de lesões e mesmo de morte, em virtude da pratica do “foot-ball” em rapazes de menos de 18 annos de idade, proponho:

1º) Que seja nomeada uma commissão de membros escolhidos entre as diversas secções da Academia afim de formular opinião sobre a veracidade

dos casos prejudiciais de que o “foot-ball” é incriminado e dizer á Academia se tal exercicio, naquella idade, deva ser aconselhado ou prohibido;
 2º) Em qualquer das duas hypoteses, depois de largamente debatido o assumpto, seja levado ao conhecimento do publico a opinião da Academia nesse particular. (MINAS GERAES, 8/10/1916, p.17)

Esse conjunto de ponderações de Theophilo Torres acerca dos exercícios físicos, e principalmente do futebol, estava vinculado a um conjunto de debates travados por médicos nessa época. Dias (2013) ressalta que os debates em torno do futebol revelavam um constante campo de tensões e disputas, e a vinculação do futebol a uma prática moralmente positiva, higiênica e educativa ocupava um lugar central nessas discussões:

Médicos também criticavam os esportes e o futebol, apelando, justamente, para argumentos de natureza higienista. Em 1907, durante um congresso de medicina e cirurgia, dois médicos criticaram explicitamente os esportes. Dr. Jorge de Souza, preocupado com a “aplicação generalizada dos esportes às crianças”, dizia que torneios esportivos excediam os limites da força, não sendo, portanto, conveniente à pessoas menores de 18 anos. Dr. Alfredo Brito também destacou “o exagero do *sport* como um fator de degeneração do organismo”. Para ele, era preciso “um brado de alarme contra o abuso dos *sports*”.

Em 1916, a Academia Nacional de Medicina iria testemunhar acalorado debate sobre os efeitos do futebol sobre a saúde de indivíduos. Dr. Teophilo Torres, céptico quanto a capacidade do jogo despertar o patriotismo, achava-o também muito violento para os climas tropicais. Além disso, dizia o Dr. Torres, tratava-se de um esporte estafante, cuja consequência seria o aumento dos riscos de infecções graves, sobretudo quando praticado em excesso e no verão. O Dr. Francisco Eiras, de forma totalmente distinta, achava “impatriótico” quaisquer tentativas de arrefecer o entusiasmo dos brasileiros pelo futebol. Para ele, o futebol era o mais completo dos esportes atléticos e o melhor formador de caráter da criança. (DIAS e SILVA, 2013, p.2)

Esse debate em torno do futebol pode ser presenciado nas páginas do jornal *Minas Geraes*. No dia 10 de Novembro de 1916, o periódico publicou a entrevista concedida ao jornal *Correio da Manhã* por Fernando de Azevedo¹⁵, na qual ele

¹⁵ Segundo Gois Junior (2009), Fernando de Azevedo fazia parte de uma geração de intelectuais extremamente críticos em relação à organização social brasileira. Escritor modernista, publicou uma vasta obra em que analisou a sociedade brasileira como um todo. Foi um dos educadores responsáveis pelo movimento escolanovista e também participou nas discussões de congressos sobre *eugenia* e *higiene*. Analisando a obra de Azevedo no que tange às reformas educacionais no Brasil, Gois Junior (2009) aponta que, para esse intelectual, “os problemas brasileiros residiam em um povo fraco, mas essa não era uma situação definitiva. Seu projeto de melhoria do povo ou da raça tinha dois pilares: educação e saúde. Elaborou, então, um projeto de escola pública que englobasse essas duas questões. Neste, ele criticava a precariedade das condições sociais do povo. A proposta educacional desse intelectual baseava-se na estruturação das escolas, na democratização do ensino, na educação do trabalho, na educação higiênica e na educação física.” (Cf. GOIS JUNIOR, 2009, p.51). Citando uma passagem de uma das obras de Fernando de Azevedo, Gois Junior afirma que a pretensão de Azevedo era “melhorar a raça pela democratização da saúde e da educação”: “O exercicio – esta maravilhosa acção mecânica, é que corrige

apresenta um conjunto de ponderações em relação à prática do futebol. No início da publicação, é possível perceber um conjunto de provocações em torno dos debates sobre o futebol e um conjunto de argumentos que exaltam as observações de Fernando de Azevedo sobre o futebol em meio a esse debate:

O jornalista mineiro dr. Fernando de Azevedo concedeu aos nossos confrades do “Correio da Manhã” uma interessante entrevista sobre as vantagens do *sport* e principalmente do *foot-ball*.

Nessa palestra, que transcrevemos abaixo o nosso distinto coestadoano aventa a idea de se reunir, no Rio, o primeiro Congresso Brasileiro de Educação Physica.

Os applausos prodigalizados, aliás com toda a justiça, aos brilhantes defensores do *sport* inglez, por occasião de ser debatida na Academia de Medicina sua utilidade, quando applicado ás creanças, não devemos regateal-os tambem a quem levou o problema até aquella illustrada corporaçãoscientifica, abrindo praça e discussões sempre profícuas sobre os palpitantes assumptos de educação physica.

Francamente, foi um exemplo e foi um symptoma; magnífico exemplo, abordando estas questões, que já estavam a desafiar a atenção de nossa classe medica, e que uma exotica aparelhagem de chauvinismo ridiculo aperreava em pedagogias de importação. Um symptoma feliz, porque, com o auvorecer, entre os médicos, destes estudos sobre educação physica, se desenrugam nossos horizontes pedagogicos, ainda toldados pelo empirismo e pela rotina na maior parte de nossas escolas.

Sente-se nestas polemicas um sopro de vida nova: delinea-se a cores fortes as perspectivas de uma época proxima, em que acabem estes assumptos por empolar de vez a atenção valiosa dos medicos, cujo concurso no ramo biologico sempre considereí indispensavel contingente para a solução dos magnos problemas da educação physica escolar. Então elles em elemento proprio: desta classe é que pode e deve irradiar luz para estes _oracios de cuja solução pratica pende o futuro de nosso paiz, nublado pelos perigos que nos ameaçam. Formar a mocidade de hoje é reformar a de amanhã. (MINAS GERAES, 10/11/1916, p.5)

Na sequência dessa apresentação, Fernando de Azevedo investe uma série de argumentos em relação à prática do futebol. Inicialmente, o futebol é apresentado como uma prática que contribui para o desenvolvimento físico, motor e cognitivo do homem, entretanto não era indicada às crianças de 7 a 11 anos. Na concepção de Azevedo, é possível praticar o futebol enquanto esporte higiênico, respeitando os limites e as regras que são compostas pela higiene da alimentação e o repouso. Um aspecto que também merece destaque é a afirmação de que a prática do futebol contribui para os hábitos

e modela a estrutura humana. Quando, pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as modificações anatômicas assim produzidas tornam-se permanentes e chegam á constituição de espécies novas, de maneira que uma adaptação a uma função útil póde definitivamente fixar-se sob fórma de um caracter ethnico...” (apud GOIS JÚNIOR, 2009, p. 51)

morais da juventude (mocidade), afastando-a de comportamentos inadequados, fracos e tristes:

Mas pergunta-me o que penso do “foot-ball”, si faz ou não mal ás creanças? A pergunta não deixa de ser complexa e por isso mesmo capciosa. Tenho que, formulada como está, induziria a erro a quem respondesse categoricamente pela affirmativa, ou optasse pela negativa, sem restricções. O “foot-ball” não é propriamente jogo para creanças (de 7 a 11 annos), ás quaes conviria de preferencia preencher ás 5 ou 6 horas, que prescreve a tabella de Axel Key, com os movimentos irregulares, isto é, não regidos por um plano obrigatoriamente systematizado, os chamados *jogos livres*, instinctivos e grosseiros, norteados apenas pela vigilancia, como já escrevi “sem outros limites mais que as balisas do capricho infantil, no seu exotismo tão aparentemente desregrado, quanto beneficio para seu estado physio-physico”.

Isto no domínio das escolas, deixando-se, claro está, ás creanças, que no tempo reservado ao jogo livre quizessem dedicar-se ao *sport*, o direito pleno de improvisarem seus “teams” para este jogo, quebrado, na rigidez estratégica de sua thechnica complicada pela própria “inattenção” “esta valvula de segurança”, que, como se expressa Wagner, é a defesa natural contra o ameaço da fadiga.

Assim, pois, confesso que não posso achar razões para levar-se scientificamente o enthusiasmo pelo “foot-ball” a ponto de se pôr sobre cabeça a resposta de um dos reitores de Iyeeus, que, respondendo a uma “enquête” (V. Rapports-Congresso Educação de Paris) avançou ser “o jogo bretão por tal maneira completo que torna inutil qualquer outro em Iyeeus, como o nosso”.

[...]É muito, pois, querer erigiro “foot-ball” ___ systema de educação physica; e isto o digo em que pesa a respeitavel opinião dos que em entrevistas quizeram reservar para este esporte a importancia exclusivista, que se nega mesmo aos esportes em conjuncto. Quizessemos este jogo intenso e demais cerebral para creanças, applicado como systema, em dias de aula ou em tempo escolar, em que a fortes exercicios physicos se alliassem esforços intellectuaes energicos e veriamos as desvantagens, que acarretaria, até que o treinamento conseguisse operar, por meio da passagem do consciente em subconsciente, como diria Le Bom, a transformação de certos actos deste jogo, a principio algo difficeis e determinantes de cansaço cerebral, em actos memedulares ^(sic) ou facilitados pelo automatismo reflexo. Isto sob o ponto de vista de educação physica e social: quanto ao desenvolvimento do “foot-ball” nas associações respectivas, não ha restricções a fazer, desde que seja praticado depois do necessario “training”, e acautelados os jogadores com a hygiene apropriada da alimentação, repouso anterior, e de outras praticas de molde a impedirem no jogo a eclosão da fadiga pathologica ou estafa.

O jogo bretão, sobre o seu admiravel fim moralizador, drenando para o campo “au grand air” a nossa mocidade que de outra fôrma se estagnaria nos cafés e nas casas de diversões, exerce precipuo papel physiologico e pôde desempenhar importantissima funcção, de orthopedia moral, transformando a abulia, em que se desvigora e anonymisa a nossa mocidade, em caracteres de valor, iniciativa, força de vontade, e promovendo, por exemplo, a rapidez de percepção visual na medição de distancias e a promptidão de raciocinio na organização prompta e immediata execução de planos de ataque e defesa.

É um dever applaudir o incremento do “foot-ball”, é um dever sucitar o enthusiasmo pela educação physica, tal como, para citar uma só, é praticada na Associação Christã de Moços; e seus effeitos beneficios não se fariam

esperar. É o “rumo ao “sport”, “rumo ao campo”, e quando porventura raiasse este entusiasmo no excesso, teríamos a consolar-nos de termos contrido para pequenos males que dahi adviriam, o termos evitado outro maior: esta lethargia que já ahesthosiava a nossa mocidade, predispondo-a a todas as degenerescencias...

[...] Porque, pois, a illustre Academia de Medicina não toma a iniciativa de promover o 1º Congresso Brasileiro de Educação Physica? (MINAS GERAES, 10/11/1916, p.5)

A presença desses artigos no jornal *Minas Geraes* aponta que esse periódico estava aberto ao debate sobre as práticas corporais dessa época. É possível observar que, apesar da tensão entre os argumentos sobre as práticas corporais que seriam mais efetivas e quais objetivos elas deveriam cumprir, um ponto que parece ser comum nessas discussões é a necessidade de inculcar nas práticas corporais um conjunto de hábitos e maneiras de se portar.

Nessa direção, na medida em que a moral pode ser entendida enquanto uma construção histórica de uma determinada cultura, ela também se revela enquanto um campo de disputas. É, pois, nesse sentido que a publicação de um conjunto de prescrições, que visa educar o corpo de uma maneira específica nesse momento histórico, indica o desejo de um grupo social de impor seus valores, hábitos e costumes em uma determinada época enquanto maneira de gerir a vida humana.

Entretanto, surge daí uma questão: por que, nesse momento, há um forte investimento por parte desses indivíduos na prática esportiva enquanto elemento que revigora o corpo? A partir de alguns artigos publicados no jornal *Minas Geraes* nesse período (1913-1916), trabalho com a hipótese que parte desse investimento moralizador em relação à prática dos exercícios físicos e dos esportes, além de estar ligado com o papel da medicina nesse período, também está vinculado a uma mudança de sentido em relação a essas práticas ao longo da história. Para investigar essa hipótese, dialogo, no capítulo seguinte, com o texto de Vigarello e Holt: “O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX”.

CAPÍTULO 3: A PRESENÇA DO *SPORT*, DA *EDUCAÇÃO PHYSICA* E *EXERCÍCIO FÍSICO* NO JORNAL *MINAS GERAES*: UMA MUDANÇA DE SENTIDO EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS PRESENTES NA EDUCAÇÃO CORPO

No texto “O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX”, de autoria de Georges Vigarello e Richard Holt (2009), e que compõe o segundo volume da obra *História do corpo - Da revolução à Grande Guerra*, são apontadas transformações, durante o século XIX, nas práticas corporais presentes na França e, principalmente, na Grã-Bretanha. As reflexões de Vigarello e Holt apontam para a impossibilidade das práticas corporais presentes em um determinado tempo histórico se realizarem a partir dos sentidos que essas práticas partilhavam no passado:

Os jogos tradicionais certamente não desaparecem, longe disso. As apostas, as festas, o jogo da péla, boliche ou a malha permanecem por longo tempo ainda no centro das práticas físicas do século XIX. As referências mais antigas, as da destreza, da força ou da brutalidade, compõem por longo tempo ainda as qualidades esperadas do movimento corporal. No início, as mudanças parecem limitadas: novos patamares de violência, atenção maior às técnicas dos gestos, novas instrumentações das cidades, novas divisões dos espaços e dos tempos. O exercício não é revolucionário de uma vez. O horizonte do gesto, em compensação, o de suas formas e de suas intensidades, é insensivelmente repensado. Códigos e exigências são deslocados. O que era possível não é mais. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.394-395)

As características dos jogos tradicionais não vêm abaixo instantaneamente, mas, ao acompanharmos os argumentos dos autores, percebemos que, pouco a pouco, novas referências e sentidos são incorporados às práticas corporais. Um exemplo desse deslocamento, são os jogos brutais que não desaparecem naquele momento, entretanto, com o tempo, passaram a experimentar um maior regramento e controle da sua prática:

As rixas se deslocam, transitando dos espaços ao ar livre para os espaços escondidos, deixando os ambientes rurais e indo para as salas dos fundos dos cafés, para os recintos adaptados, os locais fechados. Os golpes são disciplinados, as aprendizagens são codificadas, as práticas de combate ensinadas; mestres se impõem com suas salas, suas concorrências, suas lições. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.399)

A aprendizagem do movimento e a sua relação com a organização e distribuição dos tempos da vida no espaço urbano (tempo de trabalho e lazer), também é uma novidade importante nesse processo de transição:

A aprendizagem mobiliza então um amargor, o de semimarginais reduzidos a viver em bandos numa cidade surdamente hostil. Revela, sobretudo, uma nova maneira de distribuir o tempo, o do repouso e do trabalho, o das solidariedades vagabundas, das hierarquias de fábrica, uma nova maneira de distribuir o espaço também com essas casas alugadas cheias demais, suas sociabilidades específicas, seu modo de proximidade. Daí essa novidade de ataques ensinados e organizados, seus comentários, suas comparações intermináveis, esse investimento sobre aprendizagens lentas feitas longe do trabalho.

Disso resulta também uma nova maneira para esses meios populares descreverem as técnicas físicas. [...] exigência mais precisa dos gestos, alusão mais constante aos músculos, tudo indica uma facilidade maior das descrições físicas: “Sois intrépido, tendes músculos de aço, embora magro e esbelto...” Visão mais técnica do corpo, sem dúvida, nesse mundo urbano das primeiras décadas do século, sugestiva, embora permaneça limitada. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.399-400)

Vigarello e Holt (2009) argumentam que os exercícios e as formas de descrever as técnicas físicas nesses ambientes ainda são concebidos nesse momento como “prazeres vulgares” e não conquistaram um forte reconhecimento social. Entretanto, a vigilância e a supervisão da técnica e da violência propiciaram uma modificação em relação ao gesto e ao seu controle:

De maneira mais ampla, o lugar feito como resultado se torna também diferente, o efeito do exercício sobre as formas do corpo, sensível sobretudo nos meios mais atentos que outros à encenação física. Práticas raras ainda, certamente, mas notáveis, que revelam sobretudo uma visão nova da postura física, um deslocamento do perfil, maneira de levar o peito ou o ventre: influência pela primeira vez modulador, silhueta do corpo pela primeira vez longilínea. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.404)

Os autores argumentam que, então, a pintura do perfil do “cavaleiro florentino” – o dandy – é o emblema da nova maneira de se portar, de se alimentar e se exercitar. Essa exegese sobre si representaria um sinal de força e saúde:

Pela primeira vez, a dietética e o exercício distinguem muito explicitamente o projeto de manutenção e o projeto de aparência. O dandy substitui os valores de classe e de condição promovidos pela aristocracia tradicional por um valor corporal inteiramente físico e pessoal. A luta contra a decadência, a inquietação sobre a mistura das ordens sociais, no começo do século XIX, o culto de si que daí resulta são levados por um investimento na postura física e na saúde, estando as duas estreitamente misturadas. O dandismo consiste nesse gesto muito contemporâneo para nós de entregar o indivíduo apenas às

exigências de sua afirmação pessoal: as qualidades de aparência e de corpo. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p. 405-406).

Juntamente a tal noção, entre os anos de 1810 e 1820, aparece a valorização do corpo magro, associado à concepção de corpo saudável, sendo que, a cada dia, se tornava mais importante ter um corpo sadio e treinado (VIGARELLO e HOLT, 2009). Assim, a ginástica é organizada para o bom desempenho e melhor índice, o corpo deveria produzir resultados que eram escalonados e numeráveis.

O corpo do esportista, conseqüentemente, era marcado por esses significados, cujo grau dependia da atividade exercida, da classe social e da nação. Vigarello e Holt argumentam que o sucesso do esporte foi garantido por exprimir o que o homem ideal deveria ser aos olhos da burguesia: vigoroso, decidido, competitivo e capaz de controlar a si mesmo e aos outros.

No contexto da prática dos exercícios corporais, se destacam novas virtudes masculinas: o culto do esforço e do mérito; o valor da competição por si mesma; a desconfiança em relação a tudo o que era puramente intelectual; a crença absoluta na diferença dos gêneros, vista como natural e justa, e uma adesão igualmente forte à ideia da superioridade do homem branco sobre todas as outras raças. De maneira geral, continuando sob uma ótica mecanicista, o corpo humano, no século XIX, era visto como máquina que precisava funcionar regularmente para poder atingir seu potencial máximo (VIGARELLO e HOLT, 2009).

Nos artigos publicados no jornal *Minas Geraes* entre 1913 e 1916, que busco analisar nesse momento, é recorrente a utilização de palavras e expressões como *Cultura Physica*, *Educação Physica*, *Educação física*, “*Exercício físico*, *Sport*, *Sportsmen* e *Gymnastica*. De forma preliminar, saliento que não parece existir um sentido único para cada uma dessas expressões nos artigos presentes no jornal *Minas Geraes*. Porém, trabalho com a hipótese de que o aspecto que aglutina o emprego dessas expressões por diferentes interlocutores é a intenção de definir novas balizas em relação às práticas corporais relacionadas ao exercício físico e ao esporte na transição do século XIX para o século XX. É nessa direção que busco analisar, neste terceiro capítulo, a transição que as práticas corporais experimentam no decorrer da história nos artigos publicados no jornal *Minas Geraes*.

Se é possível perceber nesses artigos um processo de transição em relação às práticas corporais que venho denominando como educação do corpo, é importante

salientar nas páginas do periódico esse movimento em direção a um novo modelo de se exercitar que não se dá de forma linear, tampouco sem resistências e contradições.

Nesse contexto, apresentar as práticas corporais presentes em outras culturas como algo exótico configura, de certa forma, parte das tensões estabelecidas nesse processo. Um bom exemplo disso é a publicação intitulada “O sport no japon”:

A raça amarela não é amante dos “sports”. Os japonezes, apesar de sua energia e de sua temeridade, não se dão aos exercícios físicos e não amam os esforços pelo prazer único de os fazer. Os acrobatas japonezes nossos conhecidos constituem excepções. [...] O hábito bizarro que têm os japonezes de fazer chamadas com os pés, batendo ruidosamente sobre o solo antes de um encontro, é uma tradição que se liga á mythologia nipponica. Não são pesados corpulentos, mas, em compensação, têm grande desenvolvimento e são grandes glutões que devoram tudo e em quantidades consideráveis. Em Tokio as lutas se realizam no pateo do templo Elkoan, sob uma grande tenda rectangular. O publico nipponnez apinha-se ao seu redor de uma prova de lucta com o mesmo ardor com que os inglezes e francezes se acotevelam em redor de um combate de Box. (MINAS GERAES, 3/05/1913, p.7)

A forma como japoneses, ingleses e franceses assistem a um evento esportivo aparece enquanto única possibilidade de aproximação dessas culturas. Entretanto, a concepção do autor desse artigo, no trecho citado acima sobre a “mitológica cultura dos japoneses”, aponta, em alguma medida, o estranhamento e a desqualificação em relação às práticas corporais presentes na cultura japonesa em relação à cultura europeia, representando, assim, um modelo do passado que se busca superar em direção a um novo modelo de exercitar. Pensando assim, a denominada “raça amarela”, possuidora de hábitos bizarros e vistos como devoradores de comida, não se enquadraria nesse modelo europeu.

Apesar de uma série de argumentos a favor do desenvolvimento de uma *cultura do corpo* e da *Educação Physica*, um artigo publicado no jornal *Minas Geraes* intitulado “A Cultura Physica” demonstra que esse modelo europeu não era uma unanimidade nessa época. A autoria desse artigo é conferida a Leopoldo Alas¹⁶. Ao observar a forma que os argumentos estão dispostos nesse texto, é possível perceber que o autor produz uma crítica da cultura europeia que, no seu entendimento, estava se inclinando mais à prática esportiva de maneira exarcebada do que ao desenvolvimento intelectual.

Um aspecto interessante é que os outros artigos que abordam a temática dos esportes trazem prescrições a respeito de como deve ser realizada a prática esportiva e

¹⁶ No início desse artigo, existe uma pequena nota que informa que Leopoldo Alas escrevia uma seção para o jornal *El Paiz* de Madrid intitulada “Chronica de Berlim”.

também relatam a prática dos esportes pelo mundo. Quando o tema são os *sportsmen*, esses são elogiados como símbolos de modernidade e elegância. Entretanto, a posição de Leopoldo Alas se torna um contraponto em relação aos esportes e à figura do *sportsman* na medida em que esse autor faz uma crítica severa a esses dois temas. Além disso, o autor parece ver a necessidade de demarcar o que torna o europeu singular e superior, pois, segundo o autor, não seria no “sport” que se poderia encontrar essas características:

Não é moda falar contra o “sport” de mais a mais, não é “europeu”. Está claro que aqui e em Inglaterra falam contra o “Sport” muitos senhores que são tão europeus, pelo menos, como qualquer janota madrileno; mas muitíssima gente acredito que o cumulo da civilização é adquirir, á custa de muito trabalho, musculatura digna de um athleta.

Não é por forma nenhuma no “Sport” que se vê a superioridade do europeu sobre outros homens e sobre os animaes.

Não é que eu seja inimigo dessa cultura physica, hoje tão apregoada para a direita e para a esquerda. Parecem-me cousas excellentes o exercício, a vida ao ar livre, passar as horas de descanso em plena natureza, contribuir para a saúde do corpo, que é também, naturalmente a do cérebro, com um hygienico regime de vida capaz de contrabalançar os maus efeitos do labor intellectual, talvez muitas vezes excessivo.” Mas nada mais. Não vejo utilidade de que um certo numero de cidadãos abandonem todas as outras occupações para correr horas e horas atrás de uma bola.

O typo do sportsman inspira páginas agudíssimas aos escriptores satyricos.

O perigo do “Sport” está em que há gente, que serviria para outras cousas, que se dedica exclusivamente a adquirir músculos como se tivesse de ir a qualquer parte fazer besta de carga.

[...]O estudioso que se mata a trabalhar, prejudica-se a si mesmo, mas deixa aos outros uma obra útil. O que adquire bons músculos e não tem mais que a preocupação excessiva de ganhar campeonatos, nunca em toda a sua vida passará da categoria de parasita. (MINAS GERAES, 21/03/1914, p.8)

Certas práticas corporais, como, por exemplo, o futebol, também encontraram dificuldades para se desenvolver nesse contexto. No artigo intitulado “A origem do Futebol”, é relatada a origem desse esporte e seu desenvolvimento em alguns países da Europa (Roma e *Gallia*) e sua chegada à Gra-Bretanha. É relatado que, em certo momento na Inglaterra, esse jogo se tornou proibido devido às suas características violentas e sua pouca regulamentação. Na Inglaterra, aconteceram algumas investidas contra a prática do futebol:

O foot-ball nasceu na Grecia muitos annos antes de Jesus Christo e passou a Roma 150 annos antes da éra christã. Era praticado por meio de bexigas de boi, cheias de ar ou de areia, levando á peleja os athletas de então. Chamava-

se nesse tempo ‘harpastum’ e era exercitado principalmente pelos soldados, que com elle se olvidavam das duras jornadas guerreiras.

Mais tarde, porém, nova campanha devia ser desfechada contra o foot-ball, partindo ella do puritanismo, que condenou os exercicios corporaes como contrarios ao desenvolvimento espiritual da humildade e da doçura.

Stubbes, escriptor de então, publicou a obra – ‘Anatomie of abuses in the Realm of England’, em que o foot-ball era taxado de ‘sangrento, assassino, e diabolico’ Isto em 1583. (MINAS GERAES, 1/05/1914, p.5-6.)

Se por um lado o *sport*, a *cultura physica* e os *sportsmen* são alvo de críticas no contexto europeu, esse modelo de uma *cultura physica* também está presente no jornal *Minas Geraes* imerso em uma positividade. É atribuída a esse modelo a possibilidade de desenvolver os músculos:

A Educação physica ocupa, nos nossos dias, um logar preponderante na educação geral da mocidade. Hoje, não se trata somente de nutrir o espirito; desenvolvem-se tambem os músculos. Cumpre, entretanto, notar que, em França, essa evolução nos methodos pedagógicos é de origem muito moderna. (MINAS GERAES, 11/12/1913, p. 7)

O artigo aponta que, até o período da revolução Francesa, os estabelecimentos de instrução estavam confiados à igreja, mas a ginástica e os esportes não eram contemplados pelos educadores. Ainda segundo a publicação, é a partir do Renascimento que começam a ocorrer algumas mudanças no sentido de se valorizar o desenvolvimento físico:

[...] desde a época do Renascimento, alguns moralistas, alguns médicos, e mesmo alguns pedagogos principiaram a reagir.

Champier, medico de Luiz XII, na sua “Rosa Gallica”, que apareceu em 1512, lembra o exemplo dos antigos e preconiza a cultura physica na educação da mocidade. Trinta anos mais tarde, Ambroise Paré insistia nesse assumpto. Depois, Montaigne e Rabellais reclamaram, com a mesma energia que desse o devido valor ao desenvolvimento physico dos collegiaes.

Montaigne dizia: “Não é uma alma, não é um corpo que se educa; é um homem.”

Quanto a Rabellais, basta recordar o que ele escreve no tocante á vida do jovem Gargantua: “Elle se levantava, mais ou menos, ás quatro horas da manhã.” Como se vê, Grangoussier tinha educado o filho no principio muito conhecido de que o mundo pertence áquelles que accordam cedo. Ora, Gargantua, acrescenta o escriptor, “não perdia uma só hora do lia”. Primeiramente, submettia-se á massagem, depois era perfumado; e vestido, trabalhava durante três horas. Em seguida elle, com o professor e os amigos, “sahiam e jogavam a bola, a pilha trigona, exercitando o corpo, como anteriormente tinham exercitado as almas”.

Vinha, após, o banho, acompanhado de nova massagem. À tarde, Gargantua se consagrava a outros gêneros de exercício. Montava a cavallo, saltava fossos, luctava, corria, andava e fazia exercícios de halteres.

Nada faltava á educação viril de Gargantua, para quem eram familiares todos os “sports” conhecidos naquela época. E elle apprendia mesmo uma gymnastica muito abandonada hoje, a de respiração.

Para dar exercício ao thorax e ao pulmão, diz Rabelais, Gargantua gritava como todos os diabos. Stentor não teve tal voz batalha de Troya.

Gargantua era, assim, um “sportman” (como hoje denominaria), mas isso não significa que Rabelais haja indicado a educação comum a todos francezes da Renascença.

Esses exercícios só eram acatados pelos nobres, nos quaes persistira a tradição feudal; na burguesia e no povo a educação physica era nulla. (MINAS GERAES, 11/12/ 1913, p.7)

Melo (2010) aponta que, em um primeiro momento, o esporte se afirmou enquanto jogo; posteriormente, o esporte passa a ser influenciado por um conjunto de ideias do século XIX que dialogam com os preceitos da higiene e da regeneração física. O autor chama atenção também para as exigências em relação a uma importante figura nesse contexto, o *sportsman*:

Dos novos *sportsmen* passaria a ser exigida uma nova compleição corporal (a exibição pública de uma musculatura privilegiada) e um novo comportamento moral (as noções de *fair play* e amadorismo, que inclusive geraram tensão com as apostas, que tanto marcaram o momento anterior). (MELO, 2010, p.34)

No trecho do artigo citado anteriormente, o personagem Gargantua da obra de François Rabelais¹⁷ surge enquanto símbolo da *cultura physica* que está se fomentando.

¹⁷ “François Rabelais (Chinon, 1494 - Paris, 9 de abril de 1553), o autor que era alvo da referida pesquisa de Bakhtin, além de escritor renascentista, estudou direito, foi ordenado padre, pertencente à ordem franciscana, doutorou-se em medicina e editou a obra Aforismos de Hipócrates e manteve contato com os humanistas, especialmente com Erasmo de Roterdã. Sua vocação sacerdotal era questionável, de tal forma que conseguiria permissão para abandonar o hábito, pois sua fama de escritor cômico lhe atraiu muitas críticas dos religiosos contemporâneos. Apesar das críticas e da censura, tanto da parte de católicos quanto de calvinistas, a obra de Rabelais se tornou uma espécie de best-seller da época, de tal forma, que ao lado das Institutas da Religião Cristã de João Calvino, influenciou o desenvolvimento da língua francesa. Sua obra prima Gargantua e Pantagruel escrita entre 1532-1552 o imortalizou como autor cômico, fato que fez com que seus outros atributos lhe fossem omitidos durante séculos, e o valor intrínseco de sua obra não fosse notado nem mesmo por um pensador referencial pela crítica aguçada como Voltaire. Sua obra toda, mas especialmente o texto referido, devido à zombaria que faz religião oficial e do clero, dentre outras tantas paródias religiosas e cenas eróticas e de menosprezo aos valores aristocráticos, foi condenada pela Sorbonne, considerada obscena e herética e incluída no Index librorum prohibitorum em 1564. Devido a essa previsível repreensão, Rabelais os escreveu sob o pseudônimo de Alcofrybas Nasier”. (LEITE, 2011, p.4-5)

Os elementos da “educação viril” de Gargantua lhe proporcionariam os atributos físicos presentes na figura do *sportsman*. Entretanto, percebemos que o autor do artigo se prende aos aspectos “higiênicos” da educação de Gargantua para lhe conferir essa outorga. Destaco esse aspecto, pois, ao mesmo tempo em que é possível destacar esses elementos constitutivos de Gargantua, percebemos, na própria obra de Rabelais, algumas características desse personagem que representariam a antítese do *sportsman*. Eis um trecho da obra de Rabelais que se refere a Gargantua:

Sempre rolava na lama, esgaratava o nariz, perseguia muitas vezes as moscas, gostava de correr atrás das borboletas, mijava nos sapatos, cagava na camisa, limpava o nariz com a manga, cuspiu dentro da sopa, e se chafurdava à vontade; bebia em seu chinelo e esfregava frequentemente um cesto no ventre. Tinha os dentes sujos, as mãos pior ainda, sentava-se entre dois bancos, de bunda no chão, cobria-se com um pano molhado, bebia a sopa de uma vez, comia o folhado sem pão, mordida rindo, ria mordendo, escarrava na bacia muitas vezes, peidava à farta, mijava contra o sol, se escondia da chuva na água, esfolava a raposa, ensinava o Padre Nosso ao Vigário, voltava à vaca fria, batia no cão diante do leão, punha o carro adiante dos bois, aparecia onde não era chamado, tirava as castanhas com a mão do gato, metia dois proveitos em um só saco, pegava as moscas com vinagre, olhava o dente do cavalo dado... (RABELAIS, 2003, p. 62)

Apresentando uma análise em relação às personagens de François Rabelais em seu livro *Cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais*, Mikhail Bakhtin apontou que o exagero, o hiperbolismo e a linguagem do excesso, presentes na obra de Rabelais, são sinais marcantes do realismo grotesco, apresentando uma imagem repleta de elementos que ultrapassam o natural.

As obras de Rabelais eram permeadas pelo princípio da vida material e corporal, rebaixando-se o plano espiritual ao plano material, fenômeno que Bakhtin denominou como “grotesco”. Nessa concepção, o corpo grotesco possui dimensões exageradas, seu apetite é exagerado e manifesta positivamente os princípios da vida material e corporal, como a comida e a bebida em abundância e as necessidades fisiológicas e sexuais. Esse corpo é modelo para uma sociedade carnavalesca, que se alimenta em abundância, festeja alegremente e se entrega livremente aos prazeres sexuais.

A imagem grotesca do corpo também representa as relações do corpo com o cômico. Através da maneira como o corpo é apropriado pelo cômico, por exemplo, o tamanho do nariz quando associado proporcionalmente à potência e tamanho do órgão

sexual masculino. A essas imagens grotescas do corpo associa-se o contato do homem com o mundo, com o “baixo” material e corporal.

No realismo grotesco que, para Bakhtin, compõe o sistema de imagens da cultura cômica popular, o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolúvelmente em uma totalidade viva e indivisível. O realismo grotesco está essencialmente associado com a carnavalização, são manifestações do contraditório, do movimento e do inacabamento.

A composição do personagem de François Rabelais – Gargantua –, sobre as bases do grotesco, revela que esse autor se apropriou dos alicerces de lendas de origem medieval protagonizadas por gigantes comilões e beberrões e associou-os ao seu conhecimento filosófico, anatômico-corporais e escatológicos, provindos dos conhecimentos do sacerdócio e da medicina, a fim de compor essa obra que tece críticas mordazes aos costumes da época e que dita o tom do humor empregado em todos os seus trabalhos.

Assim, em certa medida, Gargantua representa uma alegoria para criticar o modelo de homem de uma determinada época. Na análise que Mikhail Bakhtin faz da obra de Rabelais, ele nos aponta um movimento exatamente ao contrário que o autor do artigo citado anteriormente, que aproxima o personagem Gargantua da figura do *sportsman*, tentou fazer. Como é possível evocar Gargantua como autoridade para o argumento sobre a moralização dos costumes se Rabelais fez exatamente o contrário, isto é, criou um personagem para ironizar os costumes de uma época? Existe aí uma contradição: o autor do artigo tentou evocar um símbolo moral para sua época a partir de um personagem – Gargantua – que, para a época em que foi criado por Rabelais, seria o amoral ou antimoral.

Eleger o personagem Gargantua enquanto *sportsman* é recorrer a uma obra literária consagrada para afirmar a necessidade e definir um modelo de corpo para uma época, sobretudo um corpo higienizado. Essa necessidade de afirmação pode ser percebida em outros artigos a partir de diferentes movimentos. É o caso da publicação “Educação física sportiva”, assinada por Raul Damazio¹⁸, em que esse autor aponta que:

¹⁸ Existe uma nota no final da publicação desse artigo que traz a seguinte informação: Raul Damazio (do *Jornal do Commercio*, do Rio).

Aversão do nosso povo pela cultura *physica* é uma velha e ideosincrasia, funesta e fatal. Mas amando meu paiz, é com tristeza que estendo o olhar pela visível decadência *physica* da nova geração dos meus compatriotas.

Esquadrinho agora os lares, as casernas, as fabricas, a vasta burocracia, tão vasta como o oceano... A mesma desolação, a mesma pobreza *physica*, o mesmo criminoso descuido pela hygiene do corpo. E em todo esse celleiro humano, biparte-se o nosso coração ao dizel-o infiltram-se, como um veneno subtil e corrosivo, inflamando e hyper-extasiando a sua “detresse, o desanimo, o pessimismo, o horror pelo esforço, o desinteresse pela lucta, todas as qualidades atrophiantes da pusilanimidade e da descrença, que vão plasmando toda uma raça naquelle revoltante e irrisório estado de espirito ulcerado pelo “messianismo demagógico”, que nos revelou, nas refulgências de uma chronica o scintillante Gilbeto Amado.

Ainda é uma idea assente e vencedora, pueril e assustadoramente ingenua, nos nossos meios escolares e academicos, que todo o individuo possuidor de bons músculos não passa de um cretino ou idiota, incapaz de realizar uma função especulativa.

E não é outra a triste reminiscência que guardo da minha vida de estudante, onde os rapazes robustos, de *physico* vigoroso e cheios de saude eram recebidos com desconfiança pelos mestres, que, na rua errônea concepção do homem perfeito e esquecidos, quiçá, do velho aphorismo latino, não podiam ou não queriam comprehender uma lucida intelligencia unida á plástica grega de musculos de aço.

Para desgraça nossa, essa infundada opinião continua a contar com devotos fidelíssimos. No entanto, nada mais falso do que asseverar-se que a cultura *physica* e as preocupações da intelligencia se fixam em pontos irreconciliáveis de antípodas. (MINAS GERAES, 10/05/1914, p.4-5)

Em tom de crítica, o autor desse artigo justifica a “decadência *physica*” por conta da “aversão do nosso povo pela cultura *physica*”. Após esse momento, o autor busca afirmar que a *cultura physica* não é avessa ao aspecto intelectual e salienta que “hoje mais do que nunca, urge uma remodelação completa da educação nacional”. Nessa direção, o autor recorre a modelos presentes em outros países enquanto possibilidade de remodelação, citando Thomaz Arnold como um dos principais atores desse processo na Inglaterra:

Essa remodelação só a comprehendo ao encarar a visível decadência *physica* da nossa raça, inspirando-se na concepção de Thomas Arnold, que, baseada naquella pedagogia essencialmente sportiva, consubstanciará, á maravilha, no seu dynamismo de esforço e de acção, a divisa varonil de um grande doutor de egreja: “*A vida é o movimento.*”

Thomaz Arnold, o chefe dos educadores inglezes, foi a alma solicitada de um incomparável movimento de regeneração nacional, que, iniciando no celebre collegio de Rugby, espalhou-se como uma semente mágica pela Inglarerra inteira, transformando o antigo Anglo-Saxão nesse magnifico especime humano que é o inglez dos nossos dias.”

Foi toda a regeneração de uma raça empreendida pela pedagogia essencialmente sportiva de Arnold.

Os efeitos dessa pedagogia, baseada sobre o “Sport”, foram decisivos, implantando nas *public schools* a maravilha disciplinar do espírito culto e energético que o inglês nos mostra a cada passo em todas as suas gigantescas empresas.

Não me cabe a mim, Penna humilde e desautorizada, reproduzir, com eficácia, a tarefa sacrosanta de Arnold. (MINAS GERAES, 10/05/1914, p. 4-5)

Vigarello e Holt (2009) vão chamar a atenção para o fato de que, nesse momento, Thomaz Arnold faz um deslocamento em direção a um projeto de educação moral na formação do *gentleman*:

A escola de Rugby não foi menos importante para a difusão desse esporte, mesmo se o seu célebre diretor, Thomas Arnold, tenha perdido o interesse por; pensando que seu dever era antes de tudo formar “gentlemen cristãos”, ele se preocupava mais com o intelecto do que com o corpo. (VIGARELO E HOLT, 2009, p.432)

Segundo Vigarello e Holt (2009), pouco a pouco, o investimento moral em relação às práticas esportivas foi adentrando o sistema escolar na medida em que alguns professores entendiam que, a partir dos jogos de equipe, era possível combinar valores de coragem e honra com as ideias de competição e esforço:

O sistema escolar, que se estendia rapidamente, associou a formação clássica com novos modos de educação moral e de disciplina: considerava-se que os esportes, em particular, “formavam o caráter”. Graças a e eles, observava o romancista cristão Charles Kingsley, “os moços adquirem virtudes que nenhum livro pode lhes ensinar; não somente a audácia e a resistência, mas, melhor ainda, um (bom) caráter, o autocontrole, o sentido do fair-play e da honra”.

Tudo isso fazia parte de uma vasta empresa destinada a remodelar o ideal do gentleman. É durante a época vitoriana, na Grã-Bretanha, que se difundiram valores das novas classes superiores- senso do serviço público, integridade – associados ao espírito de competição e eficácia. A antiga cultura esportiva viu-se confinada a algumas atividades como caça e equitação. O remo, a corrida, o boxe, o cricket e as novas formas do futebol foram profundamente influenciadas pelo valores burgueses de respeitabilidade e de competição honesta. As elites saídas das grandes escolas rejeitaram a antiga cultura do esporte para adotar uma cultura, moralmente mais pura, que chamaram de “esporte amador”. O esporte, na sua nova acepção, não consistia mais apenas em obter resultados, em perder ou em ganhar, mas em animar o próprio princípio da competição.

[...] o amadorismo celebrava o princípio da competição ao pôr o acento sobre os valores morais e sociais da participação. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.433-434.)

A afirmação de um modelo de educação do corpo, pautado na educação física e no esporte, também é objeto de destaque na publicação “Educação física esportiva” de

Raul Damazio, em que é destacado que esse modelo de educação disciplinador vai se espalhando pelo mundo:

O reino do romantismo piegas terminou. O da energia começa; se estende-se pouco a pouco e seus adeptos tornam-se dia a dia mais numerosos. O homem energico e forte é o triunphador da nossa época.

[...] a educação physica e sportiva é uma grande disciplinadora das manifestações intellectuaes, assim nos dizem as etapas luminosas da historia e assim nos mostram as fortes gerações novas da Inglaterra, da Allemanha e da America do Norte.

Ella desenvolve os trabalhos do espirito, enriquece-os de uma nova seiva vida, dando-lhes equilíbrio e segurança.

A educação physica não é mais um vago problema, mas uma sciencia complexa, que vem attrahindo a attenção dos espíritos mais esclarecidos do século. Ha poucos annos, a cultura physica e os “sports” eram apenas uma questão de moda, uma das mil facetas do “snobismo” da mocidade argentina ou de scepticos.

Hoje, a educação physica do homem prende a attenção do mundo inteiro. As pernas mais brilhantes da nova França, arregimentam-se, batendo-se pela renascença physica do povo, e dessa salutar propaganda já se vão sentindo os effectos no sangue novo e “bouillante” que corre, neste momento, ávido de conquistas imperiaes, nas veias do velho e ardente

[...] toda essa theoria luminosa de sacerdotes do espirito, aconselha á mocidade franceza a educar-se physicamente apontando-lhe o College d’Athletes de Reims, verdadeiro monasterio do atletismo, onde, nos campos verdes das suas “pelouses”, se pratica asceticamente a nova lithurgia, casta e triumphante, do músculo. (MINAS GERAES, 10/05/1914, p. 4-5)

Em relação aos Estados Unidos, Vigarello e Holt (2009) destacam que a elaboração de novos jogos nesse país favoreceu a adoção da filosofia inglesa do esporte. Alguns jogos foram renunciados pelos americanos como, por exemplo, o *cricket*, e outros jogos foram reinventados, dando origem a outras modalidades, como é o caso do *baseball*. As universidades desempenharam um papel importante nesse contexto. Sobre isso, afirmam os autores:

As grandes universidades como Yale, Havard e Princeton inventaram sai própria variante do futebol e do rugby nos anos de 1870; variante conhecida hoje pelo nome de futebol americano. Desta forma os Estados Unidos se fecharam num sistema de epsortes nacionais, excluindo o resto do mundo, conservaram o nome de valores culturais típicos do amadorismo britânico. Em toda parte onde os novos esportes ingleses foram adotados, viu-se emergir um ideal atlético semelhante; ao pôr o acento sobre um corpo masculino, delgado, móvel, exprimia a nova ética da competição e do mérito, bem como o um ideal estético. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p. 444)

Em um artigo publicado no jornal *Minas Geraes*, intitulado “Um collegio de atletas”, temos alguns indícios que se aproximam das observações de Vigarello e Holt (2009) sobre os Estados Unidos. Um desses indícios diz respeito ao papel das universidades no desenvolvimento do esporte naquele país:

Em Harward, em Yale, em Stranford, as universidades gastaram sem conta milhões de dollars, na construção de estádios e de tribunas; ofereceram honorários principescos aos professores de trenó, como Walter Christie e Mire Murphy; os Estados federados cumularam de honrarias os atletas vencedores, que regressavam ás suas terras carregados de louros.

E’ dentro de alguns annos, via-se surgir uma seara de moços ageis e fortes, para maior proveito da saude geral e da raça.

De ha muito que a America do Norte nos dava o exemplo dum preparo, que explicava amplamente as suas quatorze victorias. Para firmar a supremacia da sua mocidade sportiva, os Estados Unidos haviam realizado verdadeiras maravilhas. (MINAS GERAES, 26 e 27/12/1913 p.8)

As “quartoze victorias”, relatadas nesse trecho do artigo acima, dizem respeito às vitórias conquistadas pelos atletas nos Estados Unidos nas olimpíadas de Estocolmo. O artigo descreve que, nessa mesma olimpíada, os atletas franceses não obtiveram nenhuma conquista nos jogos, aspecto esse que teria inspirado uma série de ações para melhorar o nível dos atletas franceses.

Uma dessas ações foi a criação de um “collegio francez de atletas” que parece ser a mesma instituição que o “College d’Athletes de Reims” citado anteriormente neste trabalho no artigo “Educacao physica sportiva”:

Inspirada pelos successos da America do Norte, animada dos nossos grandes jornaes, a idéa dum collegio francez de atletas nasceu rapidamente no meio dos nossos especialistas, medicos, hygienistas, artistas e por fim, em todos que se inquietam pelo futuro da raça franceza.

Alguns mezes mais tarde o marquez de Polignac offerecia, para a realização desse projecto, a parte inferior do seu immenso parque de Pommery, perto de Reims. E foi assim que se fundou a nossa primeira escola de ranascença physica, hoje celebre na França inteira.

Cercado de collinas, um bello estadio harmonioso e vasto desenvolve, na parte baixa do parque Pommery, a sua oval de 300 metros de terra batida; dominam o estadio encostas verdejantes, recortadas em largos degraus, que podem servir de amphitheatro para milhares de espactadores. Não longe do estadio, o taboleiro verdejante é atravessado por uma pista de 100 metros e cortado por uma grande esplanada, que se destina aos exercicios; no proprio taboleiro, alinham-se todos os instrumentos dos “sports” de precisão grandes, postes, barras de suspensão, trapezios, etc., etc. Do lado superior do estadio avista-se o gymnasio aberto, a piscina e os edificios do collegio.

Apesar de seu nome de collegio de athletas, os fundadores desta escola não têm a pretensão de fabricar, unicamente, individuos excepcionaes, especies de Milon de Crotona; querem, principalmente, formar homens normaes, capazes de utilizarem em toda a plenitude as forças physicas com que a natureza os dotou. Para chegar a esse resultado, os collegiaes, que são numerosos e cujas edades variam de 18 a 30 annos, praticam todos os dias, em duas licções de uma hora cada uma, exercicios naturaes, mui simples: marcham, correm, saltam, levantam pesos, atiram-nos á distancia, nadam e luctam.

Fóra dessas licções, trenam-se como melhor lhes apraz, desafiam-se para luctas ou para corridas, tomam banhos de sol, assistem ás licções theoricas de sport, nas salas de conferencias, ou conversam agradavelmente, passeando pelos vastos taboleiros de relva. Não estão domiciliados no collegio; mas têm direito de ahi almoçar, á sombra de tendas, o que lhes proporciona dias inteiros de natureza, de sol e de sport. (MINAS GERAES, 26 e 27/12/1913 p.8)

É interessante observar que, na sequência do artigo, encontramos novamente um aspecto que já havia sido salientado nos dois capítulos anteriores e que diz respeito à condução das atividades por uma pessoa especializada em ensinar exercícios físicos. No caso do “Collegio de Athletas”, temos a presença daquele a quem é conferida a criação e o desenvolvimentdo do método natural, o tenente Georges Hébert:¹⁹

O director do collegio é o tenente de navio G. Hebert, que dirigia, ha alguns annos, o ensino technico dos exercicios physicos da marinha e que desempenha ainda essas importantes funcções. Ha muitos annos que se interessa, com um enthusiasmo de patriota e de apostolo, pelo desenvolvimento dos exercicios physicos.

Estamos em vespera de pagar caro, dizia elle ultimamente ao sr. Armando Rio, esse ridiculo desdem pelo musculo, que foi o divertimento de todo seculo XIX; a proporção dos alumnos arqueados augmenta e convém reagir o mais cedo possivel, não se podendo contar muito com os methodos actualmente em uso. Por exemplo, a gymnastica sueca e uma gymnastica de doentes e convalescentes, é morosa e molle, só se applicando em casos perfeitamente definidos e que dizem respeito á medicina.

Ha uma unica maneira de ser athleta: é praticar todos os dias, os exercicios para os quaes o homem é organizado pelas naturezas e, especialmente, os que interessam o coração e os musculos.

E o tenente Hebert accrescentava que, no decurso de suas numerosas viagens, se tinha impressionado com o facto dos negros serem os unicos e reproduzir, hoje, a imagem dessa perfeição muscular, que desapareceu com a estatuaria antiga.

¹⁹ Segundo Soares (2003) Georges Hébert (1875-1957), foi um oficial da marinha francesa e criador do chamado Método Natural. “[...] Em um certo sentido, o que fará Georges Hébert no início do século XX é uma apropriação seletiva e oportuna desse conjunto de idéias presente num imaginário europeu referente a uma compreensão de natureza provedora e curativa. Em sua trajetória pública no início do século XX, Hébert é também aquele que se aproxima de movimentos naturistas numa França que, até 1914, tem médicos e especialistas dominando o campo desses movimentos e cujo interesse repousa em compreender a problemática da saúde por meio de elementos naturais (climatologia, helioterapia, hidroterapia etc).” (cf. SOARES, 2003, p. 24-25).

Asseguro-lhe, concluia elle, que na Africa Central os bantús e os vagandis, que se alimentam apenas de bananas, não fazem cultura physica. Marcham, correm, saltam, trepam nas arvores, desenvolvem todos os seus musculos simultaneamente, obedecendo assim a natureza.

Os resultados do methodo de Hebert são, ao que parece, excellentes; disciplina e refaz os musculos dos moços. Para os que dispõem de mais algum tempo que algumas semanas de permanencia no collegio, esse methodo prepara o solido exercito, onde se recrutará a élite, rigorosamente seleccionada, que terá de se medir, em 1916, nos jogos olympicos de Berlim com os campeões da America e da Europa. (MINAS GERAES, 26 e 27/12/1913 p. 8)

Segundo Soares (2003), ao elaborar o *Método Natural*, Hébert incorpora um conjunto de ideias terapêuticas relacionadas às propriedades curativas da natureza, inserindo nesse seu método os exercícios físicos, que eram pouco frequentes ainda no conjunto de procedimentos terapêuticos. Os jogos; os cantos; os banhos de ar, ou banhos atmosféricos, e de sol tornam perceptível o lugar da natureza nesse projeto de educação do corpo do habitante da cidade. O método natural englobaria elementos como a água, o ar e o sol, promovendo e afirmando um trabalho ao ar livre.

Para Soares (2003), nesse modelo de educação do corpo, encontra-se uma sintonia bastante estreita entre um ideário das escolas novas, em que se pregava a vida no campo e os benefícios trazidos pela abundância dos elementos da natureza, como o ar, a água, a luz do sol, e as propostas de Hébert. Segundo Soares (2003) Hébert afirma que:

“[...] Método Natural de educação física é um retorno à natureza racionalizada e adaptada às condições da vida social atual. Neste método o princípio da sessão de trabalho cotidiano consiste precisamente em restabelecer, durante um tempo determinado, as condições da vida natural.” (apud SOARES, 2003, p. 24)

É interessante observar, a partir do relato de um “distinto literato” que havia passado uma temporada no “Collegio de Athletas”, que o êxito das atividades realizadas naquela instituição a partir do *Método Natural* de Georges Hébert está estritamente vinculado com o aspecto de uma formação moral:

Um dos mais distinctos litteratos, o sr. G. Rozet, que acaba de passar com outros intellectuaes, uma temporada no collegio de athletas, dahi trouxe impressões interessantissimas, que acaba de reunir em volume.

Foi como que a impressão duma renascença. Elle notou, igualmente o character egualitário e democrata dos exercicios sportivos. Não sómente no estadio mas tambem nas conversações e nas discussões das refeições, a desigualdade das condições sociaes se attenua até desaparecer totalmente. Intellectuaes, fidalgos, artistas, confraternizam na pratica dos exercicios que os ligam e os approximam da natureza.

Os collegiaes não fumam, não bebem alcool; são corpos limpos das toxinas parisienses que elles passeiam pelo estadio; deitam-se tarde e levantam-se cedo; são castos sem muito esforço, entregues que estão á alegria de se sentirem viver e de depender a actividade dos seus musculos.

[...] sport, fonte de saude, de egualdade, de justiça, apparece ainda ao sr. Rozet como um admiravel instrumento de hygiene de moral. (MINAS GERAES, 26 e 27/12/1913 p. 8)

Além da presença de métodos para a realização dos exercícios físicos, percebemos no jornal que, naquela época, existia um investimento da ciência no que diz respeito à educação do corpo. Retomando os apontamentos de Raul Damazio no artigo “Educacao physica sportiva”, citado anteriormente, e no qual ele afirmava que a educação física era uma “sciencia complexa”, percebemos que em outros artigos do jornal *Minas Geraes* parte do empreendimento da ciência está vinculado à mensuração do esforço humano nesse período.

No artigo intitulado “A Fadiga”, são descritas técnicas empregadas nos estudos do médico Júlio Amar para compreender o mecanismo da fadiga. É salientado que a melhor compreensão desse fenômeno pode trazer benefícios desde o operariado até os indivíduos obesos:

O Dr. Julio Amar examina as relações que existem entre os phenomenos da circulação sanguinea e o trabalho dos músculos.

O extremo limite da fadiga e atingindo quando a pressão arterial sobe a cerca de 23 centímetros de mercúrio. O sábio conclue nos seguintes termos: “Enquanto o rithmo e a amplitude das pulsações seguem a progressão do trabalho, a atividade muscular pode ser considerada como normal. Logo que o rithmo se exagera, que o aspecto das curvas se torna irregular, sabe-se que as condições do trabalho são anormais. (MINAS GERAES, 26/03/1914, p.5)

A partir dos resultados dessas pesquisas sobre a fadiga, nesse mesmo artigo afirma-se que:

Os obesos, os plethoricos os habitantes dos grandes centros que geralmente accumulam reservas sem as dispende, poderão restabelecer o equilíbrio necessário ao seu organismo por meio de exercícios mathematicamente regulamentados. Em compensação os enfraquecidos, os sobrecarregados de labor mental ou psysico, cujas despesas energéticas são superiores as receitas, poderão obter beneficios com o socorro da diatermia que lhes procurará eletricamente energia sem esforços.”

Asseguram os sábios que a physioterapia poderá, pois, fazer engordar ou emagrecer todos aqueles que recorram a ella... (MINAS GERAES, 26/03/1914, p.5)

Considerando essa argumentação do artigo, parece haver uma relação de positividade entre desenvolvimento da técnica (compreensão fisiológica de fenômenos corporais) e benefícios para diferentes “grupos” (investimentos sobre os corpos dos indivíduos), e esse me parece ser um discurso recorrente no campo científico que tem ressonância na educação física.

Um exemplo dessa relação é apontado quando o artigo fala de exercícios matematicamente regulamentados a partir da observação de aspectos fisiológicos. Em alguma medida, esse tipo de proposição se relaciona com o desenvolvimento da fisiologia do exercício da teoria do treinamento dos programas de musculação. Realizando testes e entendendo o mecanismo fisiológico, pode-se “dosar” ou melhorar o “rendimento” – supressão do que provoca dor ou falhas no organismo visando a minimização da dor e a maximização dos resultados.

Outro aspecto que chama atenção é que essas descobertas em torno do mecanismo da fadiga se relacionariam com o mundo do trabalho nas relações entre operários e patrões:

Compreende-se, facilmente, o interesse dessas observações para a apreciação de grau da fadiga, até aqui um elemento subjectivo e que é sempre discutido com aspereza entre operários e patrões. Mas há mais ainda. Não é só o operariado que tem a ganhar com tão sensatas e prometedoras investigações. (MINAS GERAES, 26/03/1914, p.5)

Esse tipo de proposição me reporta às teses de Theodor Adorno em sua obra *Dialética do esclarecimento*, quando o autor aborda “as promessas não cumpridas da razão”. A compreensão do mecanismo da fadiga, ou seja, a “evolução da técnica” vinculada a um conjunto de procedimentos racionais não representou necessariamente ganhos econômicos ou de qualidade de vida para o trabalhador. Foi a partir de outros movimentos, que não estão ligados necessariamente com o desenvolvimento da ciência, que o trabalhador conquistou alguns direitos, como regulação da jornada de trabalho e também o direito ao descanso.

Em outro artigo que aborda aspectos relacionados à fadiga, são descritos efeitos de uma dieta vegetariana sobre diversos aspectos do organismo. Um dos aspectos mais interessantes é o que chama a atenção para os efeitos desse tipo de dieta na fadiga:

Relativamente fáceis são as experiências relativas à fadiga. Tem muita utilidade nesse caso o prático aparelho inventado por Morso. Consiste, como se sabe, num suporte, em que o ante-braço é distendido e amarrado de maneira a deixar apenas livre o movimento do dedo médio em uma única

direcção. A esse dedo é presa uma corda, que corre numa roldana e carrega um peso. A cada contração do dedo o peso se levanta e a elevação é assinalada num papel em frente ao aparelho.

É preciso mover o dedo numa serie de esforços tantas vezes quantas sejam necessarias, para que o canção torne impossivel qualquer movimento. As séries são repetidas, com breves intervallos de repouso.

Desse modo tem se conseguido estabelecer a capacidade de acção e a fadiga de um determinado grupo de músculos. O auctor do aparelho tem estudado em si mesmo e em outros a influencia da dieta vegetal sobre a força e o canção, em confronto com a dieta mixta e não tem notado nenhuma differença apreciavel. Igual resultado negativo lhe forneceram as observações feitas no tocante á circulação do sangue. Nesse ponto de vista, a dieta vegetal demonstra ser sufficiente. Na neurasthenia se poudo verificar a vantagem da dieta vegetal, em paralelo ao uso abundante da carne. O oposto se nota nas moléstias cardíacas, em que a nutrição vegetal, mesmo na forma moderada, que admite os produtos animaes, é, provadamente, insufficiente e nociva. (MINAS GERAES, 25/12/1913, p.7)²⁰

Se a mensuração do esforço é uma das facetas da educação física enquanto “sciencia complexa”, conferir à *cultura physica* um aspecto utilitário com o desenvolvimento de máquinas que geram energia a partir da força muscular faz parte desse quadro. Esse aspecto pode ser destacado no artigo intitulado “Fortalecendo os músculos podemos fabricar electricidade”:

A cultura physica está na ordem do dia; creanças, adultos, velhos, homens, mulheres, a humanidade inteira procura desenvolver seus músculos, desembaraçar-se da gordura excessiva, roubustecer os tecidos. São devorados os livros e tratados especiaes; todo mundo compra alteres e pesos e não pequeno numero de pessoas, deante do espelho procura fazer, pela manhã e á noite sua sessão de cultura physica. (MINAS GERAES, 13/05/1914, p. 7)

Novamente o termo *cultura physica* aparece no jornal, nesse caso, estando vinculada a diferentes faixas etárias a possibilidade de desenvolvimento muscular, eliminação da gordura e robustecimento. Em seguida, nesse mesmo artigo, a partir do relato da invenção de um engenheiro, é atribuído um carácter utilitário à realização da *cultura physica*:

Impressionado com esse facto, allíás já de há muito sabido-que nós homens temos muito mais euthusiasmo para fazer movimentos que nada produzem do que para executar qualquer trabalho ainda o mais insignificante – um engenheiro, a quem não faltava uma certa dóse de philosophia, teve a curiosa lembrança de tirar partido desse enthusiasmo, dessa especie de furia pela cultura physica, procurando captar o esforço feito pelos adpetos desta cultura e transformal-o em força útil ou productiva. Eis o que elle imaginou:

²⁰ No final desse artigo, existe uma assinatura: “Dr. Jacobson”, mas sem a identificação de um sobrenome que possa identificar melhor a autoria do artigo.

Construiu uma dessas bicycletas fixas que se encontram geralmente nas salas de cultura physica e em alguns tramsatlanticos modernos, servidas para entretenimento de passageiros, e que se compõem unicamente do pedal, de uma corrente e de um guia.”

A esse velocipede ligou elle um dynamo e uma bateria electrica e cada pedalada dada pela pessoa que está fazendo o seu exercicio, terá a dupla vantagem de lhe permitir, não só desenvolver os músculos, como ainda fornece-lhe certa quantidade de electricidade de que se poderá utilizar á vontade.

Não é, na verdade, admirável como habilidade, simplicidade e tambem, providencia? Por esta fôrma, a cultura physica, de hoje per deante, ao em vez de ser uma fonte de despesas, dará lucros áquelle que a ella se entregar com assiduidade e mais ou menos regularidade.

E, como é cousa averguada que nada existe de melhor para abrir o appetite do que um certo numero de movimentos executados com energia, veremos provavelmente, dentro de pouco tempo, todos os membros da familia, antes de cada refeição succendo-se com presteza sobre a bicycleta de cultura, installada em qualquer ponto da casa que será dentro em pouco illuminada com electricidade que veiu de ser fabricada!

Dahi, quem sabe! é bem possivel que os mais ardorosos da cultura physica manisfetem o maior desogosto pelos seus exercicios quotidianos, desde que perceberem que elles poderão servir parar cousa de util! A humanidade tem destas extravagancias!! (MINAS GERAES, 13/05/1914, p.7)

No trecho anterior, existe uma sofisticação no que tange ao argumento de vinculação dos indivíduos à prática da *cultura physica*. Além de estar vinculada a uma série de melhoras em aspectos fisiológicos e anatômicos, agora, a partir de uma vinculação utilitária, o argumento favorável à *cultura physica* ganha mais uma justificativa para compor a vida dos indivíduos.

Além da circulação da educação física em países como Estados Unidos e França e os investimentos sobre o aspecto científico, é possível destacar, em algumas publicações sobre a história e o desenvolvimento das práticas esportivas presentes no jornal *Minas Geraes*, um investimento retórico sobre o esporte que determina novas maneiras de se portar em relação à prática esportiva.

Outra publicação, intitulada “A renascença da esgrima”, apresenta alguns indícios desse processo. Esse artigo relata que, em um dado momento, o duelo e a luta física passam a ser vistos como “costumes bárbaros” e começam a perder espaço e a desaparecer. Entretanto, em momento posterior, o pugilato e a esgrima passam a ser vistos como esportes e ganham espaço em meio à cultura, tornando-se práticas lícitas e podendo ser praticadas, mesmo porque, já se acreditava, então, que essas práticas ajudavam a desenvolver e a educar o corpo e a inteligência:

Caso da Inglaterra – ... na última década do século passado alguns “sportmens”, que tinham podido apreciar no continente as vantagens da esgrima como gymnastica dos sentidos, dos músculos e da própria inteligência, começaram a chamar a atenção para a conveniência de retomar o florete, o sabre e a espada, não para ameaçar ninguém, mas sim como um meio de fazer um “Sport” utilíssimo, sob todos os pontos de vista.

Em outros países encontra-se o mesmo intenso desejo de aprender a jogar armas, embora apenas em raríssimos casos novos entusiastas da esgrima pretendam utilizar a sua habilidade no manejo do sabre e da espada como meio de tirar desforras ou de impor a sua personalidade com os louros espadachim.

Simultaneamente com a generalização de esgrima, temos um movimento, cujo objectivo é aprofundar o estudo da arte das armas, fazendo por assim dizer uma verdadeira sciencia desse jogo. De facto, a principal causa da renascença da esgrima é a descoberta de que, entre os diferentes “sports”, o jogo das armas ocupa um lugar unico. Elle é um “sport” incomparavelmente mais individualizado do que qualquer outro. Na esgrima, as regras são de pouco valor e a personalidade do esgrimista representa um papel importantíssimo.”

Todas essas circunstancias tornaram o cultivo da esgrima vantajoso sob todos os pontos de vista. Como gymnastica physica, ella é excellente e como meio de desenvolver a attenção, a presteza do pensamento e a calma, não ha certamente nenhum outro exercicio que possa comparar ao jogo das armas.”

[...] o gosto pelo pugilato como forma de “Sport” e o interesse pela esgrima estão aumentando rapidamente.” [...] As proezas dos innumerables campeões e sub-campeões do “boxing”, que procuram imitar as façanhas dos luminares do pugilato, attrahem para os rings multidões elegantes, nas quaes figuram muitas pessoas que seriam incapazes de pensar seriamente em dar um soco em quem quer que fosse. (MINAS GERAES, 2/04/1914, p.8-9)

Segundo Vigarello e Holt (2009), os ingleses consideravam o pugilato um esporte valente, honroso, patriótico e preferiam se bater com os punhos ao invés de duelar com espadas e adagas. Os autores apontam ainda que:

O Pugilato conheceu seu apogeu na década de 1790, quando a Inglaterra estava em guerra com a França [...] Os defensores do pugilato eram muitas vezes conservadores que percebiam uma ligação entre o nobre rural caçador e os combates por dinheiro praticados dentro de um submundo. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.426)

Até meados do século XIX, o termo *esporte* era associado à ideia de competições ferozes. Nesse contexto, destacavam-se as apostas em combates entre animais – galos, cães, touro. Ao longo do tempo, essas práticas foram coibidas pela polícia e por diferentes sociedades de proteção dos animais (VIGARELLO e HOLT, 2009). É interessante observar como um conjunto de questionamentos sobre práticas

presentes na cultura naquele momento histórico contribuiu para que a prática do pugilato fosse se modificando ao longo do tempo:

O questionamento da legitimidade dos combates de animais suscitou uma mudança de atitude em relação aos combates entre os seres humanos. Em 1743, um londrino, Jack Broughton, depois da morte de um de seus adversários, editou regras de conduta destinadas a reformar o boxe tradicional. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.425, 426)

Vigarello e Holt (2009) relatam que, se no pugilato os confrontos aconteciam com os punhos nus até que um adversário desistisse da luta, o boxe surge como uma nova forma de confronto, a partir da segunda metade do século XIX, que deriva do pugilato, mas, ao mesmo tempo, se difere dele:

As lutas de boxe, durante as quais se utilizavam luvas e só certos golpes eram permitidos, duravam apenas um tempo limitado; tudo se destinava a reduzir a brutalidade desse esporte e melhorar o seu aspecto artístico. [...] O boxe era ao mesmo tempo primitivo e inovador, sangrento e técnico, casando as antigas e as novas atitudes com respeito ao corpo. Os melhores boxeadores eram homens que dominavam a técnica do deslocamento rápido, dos diretos de esquerda, das defesas e de outros elementos daquele que foi chamada de “nobre arte”. (VIGARELLO e HOLT, 2009, p.451-452)

A novidade que representa o boxe surge em uma publicação intitulada “Knock out”. A publicação faz uma pequena descrição sobre o boxe que é chamado de “nobre sport”, explicando a dinâmica em que se desenvolve o combate (regras). Um aspecto que se destaca nesse artigo é a tentativa de compreensão e descrição dos possíveis efeitos fisiológicos oriundos do nocaute no boxe. Essa compreensão sobre os fenômenos do organismo são colocados em posição de destaque em detrimento a outros aspectos do esporte:

A extraordinária voga que a arte do boxing, ou mais portuguezmente, a arte do soco, tem adquirido recentemente em Paris, tornou já familiar a todos o significativo desta expressão inglesa. Um combatente de Box é posto em Knock out quando recebe um murro que lhe faz perder os sentidos, durante um periodo superior a dez segundos, contados, chronometro em punho, pelo arbitro da lucta. Excedendo esse periodo o “boxeador” é declarado vencido. Têm-se proposto varias theorias para explicar este phenomeno cuja intensidade parece desproporcional á sua causa.” (MINAS GERAES, 25/03/1914, p.7-8)

Se durante um longo período do século XIX ainda se valorizava características como destreza, força e brutalidade na execução de um movimento corporal, cada vez mais, o exercício e o esporte se tornavam uma “atividade precisamente codificada em

que os movimentos são geometrizados e os resultados são calculados” (VIGARELLO e HOLT, 2009, p. 394).

Essa forma esportiva em que a atividade se torna codificada e seus movimentos são geometrizados parece definir, inclusive, novas balizas do que pode ser denominado esporte em contraposição a outras formas de se apropriar do corpo em diferentes ambientes. É possível perceber indícios dessa transição em uma publicação no periódico *Minas Geraes* denominada “A natação”:

Em todos os tempos, os banhos foram apreciados nos paizes quentes, mas contentaram-se em procurar um lentivo [...] calor estival e não em beneficio do corpo, por meio de movimentos racionaes da cultura physica. A natação, limitada á fluctuação e á progressão assaz lenta na agua, não poderia pretender ser classificada entre os “sports”. Além disso, pode-se dizer que, como “sport”, ella é de hontem.

É preciso chegar até contemporaneos para ouvirmos falar em natação sob o ponto de vista sportivo e seu desenvolvimento produz-se ao mesmo tempo que se propagam a gymnastica sueca e os metodos racionaes.

Entretanto, observarei que é muito lastimável que se recebam licções de natação dadas por pessoas que nunca estudaram nem comprehendem o mecanismo dos movimentos e se contentaram apenas com sustentar o principiante pelo assento e com obter a fluctuação por meio de movimentos espontaneos, sem coordenação alguma. Deste modo preparam-se individuos que têm sempre medo á agua, porque ahli não se sentem em segurança e não têm a noção do domínio do elemento. Para ter essa certeza é preciso nadar de braçada e boiar, isto é, repousar de costas. Depois, como nado transitório, está o á inglesa ou á marinheira, que é já um nado de lado para chegar ao “over arm side strokes”, nado de lado, com o braço levantado, designado mais simplesmente “l’over”. Este modo de nadar tem grandes vantagens sobre a braçada; sob o ponto de vista da cultura, favorece, mais que a braçada, á amplitude do peito, o qual, no “over”, projecta-se sempre para a frente; não há contracção muscular, os movimentos devem ser ágeis, o corpo deve deslizar, como que escorregar na agua, porque os movimentos são coordenados de modo que não haja quase ponto morto; supprime-se este completamente no “trudgen” e no “crawl”. A boca estando aberta, a respiração se faz normalmente, evitando a congestão; a cabeça repousando na agua, suprime a fadiga dos músculos trapézios que não são mais necessários para manter a cabeça fóra da agua, como na braçada. O começo no nado de lado, é identico ao de lado á marinheira: o corpo um pouco mais deitado sobre o lado direito e completamente estendido, com o braço direito para a frente sob a agua até chegar á altura da coxa; é o primeiro tempo de propulsão. Nesta occasião, o braço esquerdo sahe da agua ligeiramente curvado, com a palma para deante, para nivelar a agua ao rosto enquanto as pernas se abrem, a perna esquerda ligeiramente curvada, a direita mais molle, principalmente sem rigeza; todos os movimentos deste nado devem ser brandos, comquanto vigorosos. No momento preciso em que a mão esquerda rema na agua, as coxas se aproximam e a junccão completa das pernas é feita pela reunião vigorosa da perna direita que estava dobrada. Este tempo útil produzido pela junccão das pernas é de muito valor e é o segredo da rapidez de propulsão do nado de lado. A respiração effectua-se quando o braço esquerdo, sahindo da agua, eleva ao mesmo tempo a espadua e a cabeça; a o boca, estando constantemente aberta, expele a agua que nella entre e que é

detida por uma contracção da glotte e a respiração se faz em seguida, de modo normal. (MINAS GERAES, 2 e 3/02/1914, p. 3)

É importante observar que o autor confere destaque a outras formas de apropriação do corpo no ambiente aquático. Entretanto, como essas possibilidades de apropriação, como a *fluctuação*, não estão fundadas em um método racional de *cultura physica* elas não podem ser classificadas enquanto um esporte que possa produzir benefícios ao corpo.

O trecho do artigo citado anteriormente leva a refletir que o emprego de uma determinada técnica e a possibilidade de transmissão desse conjunto de técnicas se torna, de certa forma, aspectos definidores do que pode ser entendido como esporte. Outro aspecto importante é que novamente é destacada a necessidade de condução do aprendizado da natação por um indivíduo que domine um longo conjunto de técnicas que são descritas durante todo artigo. Além disso, é a partir desse conjunto de técnicas definidas que as ditas vantagens atribuídas a esse esporte são obtidas:

Com efeito, dentre os “sports” que mais favorecem á cultura physica, a natação é um dos que reuñem condições mais propicias ao desenvolvimento normal do individuo. É um “sport” não somente de ar livre, mas por natureza isento de toda a poeira e praticado em um ambiente vivificante; os movimentos são lentos por necessidade, mas exigem repetição; o que os põe em condições muito favoráveis sob o ponto de vista gymnastico.

É verdadeiramente curioso verificar-se que o “sport” mais útil e mais completo, a natação, está em ultima categoria, na evolução e prática dos “sports”. Não menos suprehendente é que, nos paizes do norte, onde as condições climatéricas são menos favoráveis, seja a natação mais praticada. Ao norte, na Inglaterra, Suecia, Hollanda, é apenas ali que se tem estudado scientíficamente a natação, como meio de obter progressão rápida com o mínimo esforço, para uma útil coordenação de movimento e de tempo. (MINAS GERAES, 2 e 3/02/1914, p. 3)

Pelo fato de agregar condições higiênicas favoráveis, por ser um esporte ao ar livre e isento de poeira e por ser considerado um esporte que agrega movimentos que são favoráveis do ponto de vista “gymnastico”, a natação é compreendida como um esporte completo. Outro aspecto importante é a relação entre a ciência e esse esporte, pois é apontada a pretensão da ciência em investir sobre a natação um conjunto de estudos que possam propiciar que essa prática corporal gere uma rápida progressão na água com o mínimo de esforço. A partir de todas essas características, a natação passa a ser recomendada a diferentes públicos:

Além disso, não aconselhamos a natação como campeonato. Todos podem e devem nadar, principalmente as mulheres, pois têm menos ocasião de fazer exercício e cultura *physica*. Ora, dentre os “sports”, é em nada que ellas podem sobresahir mais, ao mesmo tempo que isso lhes proporciona força e saúde, desenvolvê-las normalmente sem fadiga, fortalecerá nelas a enervação reflexa, excitada naturalmente pela impressão de frio e que aumenta a tensão dos músculos. (MINAS GERAES, 2 e 3/02/1914, p. 3)

Apesar da proposta de estratificação da natação em um conjunto de técnicas e do investimento científico em tornar esse esporte um exercício que produza uma eficiência mecânica em que o esforço é maximizado e o gasto de energia é minimizado, é interessante observar que o autor desse artigo entende que a prática da natação não é apropriada para campeonatos. Na sua concepção, essa é uma prática que deveria ser disseminada, principalmente, entre as mulheres.

O trabalho de Deive (2004), que buscou analisar como a natação esteve presente de maneira destacada na cultura física feminina no início do século XX no Brasil, aponta que a atividade física, e mais especificamente a natação, estava vinculada à tentativa do Estado e de alguns intelectuais daquela época de se estabelecer um ideal eugênico, que incorporava em relação às mulheres ideais de saúde, beleza e graciosidade. O autor aponta que:

O conceito de saúde esteve estreitamente relacionado com o de beleza estética, tornando-se indissociados e necessários às mulheres na virada do século XIX no Brasil. Neste cenário de crescente industrialização nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a atividade física tornou-se a principal mola propulsora para se alcançar o ideal, através do incentivo da imprensa, da inserção das mulheres em competições esportivas e da inauguração dos departamentos femininos no interior dos clubes. Instaurou-se entre os intelectuais e com o incentivo do Estado, um discurso eugênico centrado na figura da mulher, que deveria receber uma educação integral, incorporando a prática física lado a lado com as atividades intelectuais. Nestas duas cidades, entre outras atividades, a natação, enquanto esporte, destacou-se, incorporando características associadas à representação de graça e feminilidade atribuídas ao modelo de mulher brasileira, sã, bela e graciososa. (DEIVE, 2004, p.141.)

No início desse capítulo, chamei a atenção para a utilização das expressões *Cultura Physica*, *Educação Physica*, *Educação física*, *Exercício físico*, *Sport*, *Sportsmen e Gymnastica*. Sobre isso, o trabalho de Silva (2009) afirma que:

“Educação Física” era a expressão cada vez mais comum, a partir de meados da década de 1920, para nomear as práticas corporais sistematizadas nas escolas. Inicialmente usada no sentido mais alargado, a “Educação Physica” designava um conjunto de investimentos, saberes e práticas que tomavam o corpo como objeto de intervenção na escola. Especialmente a partir da metade dos anos de 1920, a

designação “Educação Física” assumia uma noção mais restrita que a configurava como uma única disciplina escolar. (SILVA, 2009, p.30)

O uso dessas expressões nos artigos que busquei analisar neste capítulo parece demonstrar que as práticas corporais designadas por estas expressões e, principalmente, o esporte, estavam longe de ser algo consensual no período, existia um conjunto de ideias em circulação pelo mundo sobre as quais não existe uma unanimidade de opinião. Tanto o divertimento quanto o esporte, que hoje concebemos comumente como possibilidade de lazer, como algo positivo, têm uma conotação ambígua nesse período estudado e, nas fontes pesquisadas, podem ser, inclusive, tomados negativamente.

Um aspecto que parece ser comum nas prescrições do padre, dos médicos e nas proposições que analisei neste último capítulo é que a finalidade dessas proposições é uma nova educação do corpo ou a educação do corpo sobre novas bases.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, busquei apontar, a partir de um conjunto de artigos publicados no jornal *Minas Geraes* entre 1913-1916, que o modelo de *educação do corpo* presente nesses artigos estava imerso em uma perspectiva moralizante, o que pode ser observado em pelo menos três abordagens.

Através de escritos publicados no jornal, o padre Francisco Ozamis buscou desenvolver um modelo de *educação physica* a partir de uma tradição do pensamento cristão, que estava fundamentalmente inscrita em uma moralidade religiosa.

Já no caso das publicações assinadas por Ernest Monin, Theophilo Torres e dos artigos intitulados “O médico nas escolas”, a perspectiva moral está relacionada com a possibilidade de produzir um conjunto de prescrições que vão desde o exercício físico e o esporte, até a alimentação, e que tinham por objetivo produzir um conjunto de comportamentos a partir do saber médico.

No terceiro momento, em que apresentei alguns artigos relacionados ao *esporte* e à *cultura physica*, percebe-se uma abordagem das práticas corporais vinculada à possibilidade delas produzirem um corpo revigorado.

O *esporte*, o *exercício físico* e a *educação física* estavam longe de ser algo consensual nesse período de debate do jornal que essa pesquisa contemplou (1913-1916). Existia um conjunto de ideias em circulação que defendia diferentes postulados. Os autores dos artigos publicados no jornal estavam bebendo de diferentes fontes que circulavam em diversos países, e, principalmente, nos países europeus.

Outro aspecto recorrente nos artigos que analisei é a presença de uma retórica que buscar afirmar que as práticas corporais devem ser conduzidas, necessariamente, por alguém que tenha um conhecimento especializado na *educação do corpo*. Em alguns momentos, essa retórica busca desqualificar o senso comum, valorizando, em contrapartida, um conjunto de saberes pretensamente científicos. Esse aspecto parece revelar um momento de tensão na cultura em que o saber científico vai se afirmando cada vez mais em relação ao senso comum.

Um dos desdobramentos desse saber científico aparece nas proposições de Ernest Monin sobre alimentação. Nesse caso, é possível perceber uma desconexão de suas proposições em relação ao contexto em que elas surgem, no caso, em Belo Horizonte. Caberia indagar que público teria condições de compreender as suas

proposições a respeito da alimentação uma vez que a linguagem técnica empregada nesses artigos tinha, possivelmente, um alcance limitado quanto ao público leitor em uma época quando boa parte da população nem sequer era alfabetizada. Além disso, quem teria condições de seguir uma dieta baseada em padrões europeus, composta por alimentos inacessíveis à grande parte da população daquele momento?

A presença de argumentos sobre a *educação do corpo* por parte de um padre e médicos no jornal também possibilitaria um investimento de pesquisa no que tange à trajetória de intelectuais na imprensa escrita e os desdobramentos das suas proposições. Um exemplo desse aspecto é a trajetória do padre Francisco Ozamis no Brasil como apontado na introdução deste trabalho. A análise da sua trajetória na imprensa, o diálogo com outros intelectuais e a rede de sociabilidades que esse padre desenvolveu quando esteve em Belo Horizonte poderiam fornecer elementos para um investimento de pesquisa em relação à história dos intelectuais.

Outra possibilidade de análise, ainda sob o ponto de vista da história dos intelectuais, seria a trajetória de Theophilo Torres. Ao analisar a trajetória do médico na revista *Brazil-Médico*, um dos movimentos que fiz nessa pesquisa, observo que, a partir de uma postura inicial, própria do ofício de médico, ele se desloca para uma preocupação de caráter sociocultural. O médico se coloca na cena social como um intelectual e parece acreditar que todos os problemas da sociedade podem ser resolvidos pela medicina. Theophilo Torres atuou em pelo menos duas frentes de combate. Uma delas seria a médica, em que ele está preocupado em debater questões relacionadas ao estudo sobre a sífilis, sobretudo as suas causas. Em um segundo momento, o médico busca investir uma série de argumentos acerca da profilaxia da sífilis que vai desde cuidados básicos de higiene, até a educação da juventude, intervenções em relação às prostitutas e a ação da polícia para proibir o meretrício, o que extrapola, e muito, o exercício da medicina. A argumentação de Theophilo Torres surge, então, como podemos notar, como uma proposta bem mais ampla, de intervenção social e que definiria, então, sua segunda frente de combate. Esse tipo de preocupação, baseada na interferência cultural, não era exclusiva dos médicos, mas também está vinculada às preocupações de um conjunto de intelectuais do período que propunham, em certa medida, uma reforma dos costumes.

A forma como esse médico argumenta sobre o futebol, por exemplo, leva a pensar que seus argumentos vão além da prescrição, pois esses argumentos também são

uma crítica da cultura, dada a forma como o autor fala do divertimento e de como o esporte deve ser encarado para produzir efeitos de avigoreamento do corpo.

Apesar de apresentar argumentos em torno do esporte, essa linha argumentativa de Theophilo Torres apresenta alguns elementos similares aos argumentos apresentados em relação à profilaxia de uma doença. Parte dessa argumentação em torno dos efeitos benéficos do esporte pode ser explicada pelo fato da medicina, nessa época, estar preocupada com a produção de um indivíduo asséptico e civilizado. A medicina, sob a égide do discurso perito da ciência, reveste-se de uma potência que possibilita aos médicos dizer sobre a morte e a vida. Para um grupo de indivíduos, ser médico nesse momento histórico é, sobretudo, atuar politicamente, dizer o que é lícito e ilícito na cultura, produzindo balizas que definam como deve ser a vida em sociedade.

Finalizo essas considerações a partir de um tema, o lazer, que anunciei na introdução, mas que pouco investi ao longo do trabalho. Nos artigos que utilizei para a construção desta dissertação e em todos os outros volumes do jornal *Minas Geraes* que consultei entre 1910 e 1920, não encontrei a palavra *lazer* em nenhuma publicação (outros autores, como Kellen Vilhena, por exemplo, já mencionaram em suas pesquisas como essa referência é mesmo escassa). Entretanto, é importante salientar a presença das expressões *divertimento* e *diversões* no período estudado. Essas expressões foram comumente vinculadas à ideia de lazer em alguns trabalhos que buscaram compreender os esportes e o exercício físico através da noção conceitual de lazer nesse período de tempo. A noção mais comumente utilizada nessas pesquisas associa o lazer a uma dimensão da cultura vivenciada no tempo livre ou disponível de forma lúdica, carregada de uma conotação positiva que entende o lazer enquanto algo instrutivo, construtivo e edificante.

Nos artigos que analisei, é possível notar que todas as atividades corporais que são comumente agregadas e vinculadas a um conceito de lazer, estão imersas em um debate moral. Além disso, a presença tanto do divertimento como do esporte têm uma conotação ambígua nesse período de transição do século XIX para o século XX. O argumento de Ernest Monin é emblemático nesse sentido quando ele diz que “A ociosidade é a oficina da gordura”. Theophilo Torres também apresenta um argumento nessa mesma direção: “A encarar o Sport, como geralmente o fazem, sob o ponto de vista de um simples divertimento, elle só pode ser prejudicial”. Assim, um aspecto a ser observado é que tudo o que era prescrito e da maneira como era prescrito gera a

impressão de que todos os momentos ou tempos da vida devem ser vividos de uma determinada maneira, e que certamente não havia espaço para o lúdico e o tempo livre.

Evidentemente que é possível apontar que algumas práticas escaparam ou tentaram resistir à retórica moral de uma época, esse é o caso do futebol, por exemplo. Algumas análises desse período sobre esse esporte apontam diferentes apropriações da sua prática. Nesse sentido, o futebol pode ter sido o espaço de resistência a toda moralidade que era investida contra essa modalidade e não exatamente uma vivência lúdica de um tempo disponível, ou seja, de lazer.

Com esses apontamentos, não tenho a intenção de entrar em longo debate sobre as expressões ou conceitos empregados para interpretar o passado, mas uma passagem do texto “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial” é provocadora para pensar essas questões que abordei sobre o lazer:

Se vamos ter mais tempo de lazer no futuro automatizado, o problema não é “como as pessoas vão conseguir consumir todas essas unidades adicionais de lazer?” mas “que capacidade para a experiência terão as pessoas com esse tempo livre?” (THOMPSON, 1998, p.302)

A análise de Thompson me inspira a pensar o passado a partir da noção de experiência. Nesse sentido, em um tempo em que as expressões *cultura physica*, *educação physica* e *sports* apareciam em evidência no jornal – e por isso mesmo aparentam expressar ao menos alguma faceta da experiência desse tempo –, talvez não faça muito sentido empregar o conceito contemporâneo de *lazer* ou a categoria *lazer* para pensar as práticas esportivas nesse momento.

A utilização dessa noção – lazer –, do tempo presente para pensar o passado, também gera um anacronismo, o que, em certa medida, pode vir a reduzir boas possibilidades de análise do que significaram as diferentes apropriações em relação às práticas corporais relacionadas ao divertimento, às diversões e ao esporte naquele momento histórico.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *O gosto do pecado; casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v.23, n.1, p.24-34, jan.-abr. 2011. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=590156&indexSearch=ID> >. Acesso em: 24 out. 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel, a imprensa e a história da educação. In: Araújo, J.C.S; Gatti Jr, Décio. *Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002.

BRANDÃO, Thomaz. Prefácio. In: OZAMIS, Francisco. *Princípios de educação*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1915. p. I-VIII.

CARVALHO, Rosana Areal, MACHADO, Raphael Ribeiro. Educação intelectual, moral e física: as influências de Herbert Spencer na criação do programa de ensino primário mineiro de 1906. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais... Invenção, tradição e escrita da História da Educação no Brasil*, 2011. 1. CD-ROM.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.125-144, maio/agosto de 2004.

DIAS, Cleber; SILVA, Luciano Pereira da, ALVES, Alexandre. *Football, leisure and health in Brazil*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2013. 8 f. Mimeografado.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *Desporto y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

FARIA FILHO, L. M. Os projetos de brasis e a questão da instrução no nascimento do império. In: VAGO, Tarcísio Mauro *et al.* (Orgs.). *Intelectuais e escola pública no Brasil*; séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. p. 19-46.

FLANDRIN, Jean-Louis. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*; contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 135-152.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*; contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 25-38.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel B. da. (Org.) *Ética, Sexualidade, Política*. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos & Escritos, V).

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GAY, Peter. A educação dos sentidos. In: _____. *A experiência burguesa; da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GÓIS JÚNIOR, EDIVALDO. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX'. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 139-159, jan/mar de 2013.

GONÇALVES, Marcos. *As tentações integristas: um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908- 1937)*, 2009. 364 f. Tese (Doutorado em

História) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GONDRA, José Gonçalves. Combater a “Poética Pallidez”: a questão da higienização dos corpos. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 121-161, jul./dez. 2004. Disponível em: <[https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article /view/10353](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10353)>. Acesso em: 23 out. 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Francisco Benedito. Cultura popular na idade média e no renascimento no contexto de François Rabelais como obra de maturidade Mikhail M. Bakhtin. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.3-14, 2011.

LINHALES, Meily Assbú. *A escola, o esporte e a “energização do caráter”*: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2006.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, 612p.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco, MACHADO, Maria Cristina Gomes. A influência do pensamento de Herbert Spencer em Rui Barbosa: a ciência na criação da escola pública brasileira. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 7, p. 137-152, set. 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais*; adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MELO, V. A.; PERES, F. F. Sport, medicina e arte: a ciência encantada do corpo nas obras de Thomas Eakins. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos (RJ), v. 7, n. 1, p. 33-50, jan.-mar. 2010.

MIRANDA, A. *Que seja em segredo*; textos freiráticos, séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 1998.

MORENO, Andrea, VAGO, Tarcísio Mauro. Nascer de novo na cidade jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1891-1930). *Pro-posições/ Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. v.22, n.3 (66), set./dez. 2011.*

NETO, W. G. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, J. C. S, GATTI JÚNIOR, D. *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.* Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002.

OZAMIS, Francisco. *Princípios de educação.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1915. 303 p.

RABELAIS, François. *Gargantua e Pantagruel.* Trad. David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920).* 338 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: Soares, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história.* Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

SEGANTINI, Verona Campos. *Fundando sensibilidades, educando os sentidos: dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900).* 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SHOWALTER, E. *Anarquia sexual; sexo e cultura no fin de siècle.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

SILVA, Giovanna Camila da. *A partir da inspetoria de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937); movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado.* 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SILVA, Marina Guedes Costa e. *A moral e os bons costumes: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926)*. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova Educação do corpo. *Revista Brasileira Ciência e Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

SOUZA NETO, Georgino J. de; SILVA, Sílvio Ricardo da. O advento do lazer em Belo Horizonte ou das festas e diversões: um estudo dos hábitos de divertimento na cidade moderna a partir do Minas Geraes. *Licere* (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v.12, p.2, 2009.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. A educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Sílvio Ricardo da (Orgs). *Estudos do lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 35-50.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. Economia moral da multidão inglesa. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.150-266.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, 370p.

VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Cristiana Chaves. Francisco Ozamis: um padre escreve sobre a educação moral, intelectual e física em Minas Gerais (1902-1929). In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 5, 2009, Montes Claros. (Re)Visitando as Minas e Desvelando os Gerais. Montes Claros, p.109-111, maio 2009.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (Org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-40

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (org.). *História do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.393-478. v. 2.

VILHENA, Kellen Nogueira. *Entre "sâns expansões do espírito" e "sarrilhos dos diabos": lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922)*. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

LISTA DE FONTES CONSULTADAS

Segue a relação dos textos consultados na elaboração deste trabalho no jornal *Minas Geraes* no período de 1913-1916, no acervo da Biblioteca da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Padre Francisco Ozamis

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas, I Noções Preliminares. Belo Horizonte, 13 jul, 1913.p.7

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas, II Educação e Educadores. Belo Horizonte, 03 ago, 1913. p.6

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas, III Direitos das crianças. Belo Horizonte, 15 ago, 1913. p.1-2.

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas. IV Educação feminina. Belo Horizonte, 31 ago, 1913. p.6-7.

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas, V Educação Feminina. Belo Horizonte, 21 set, 1913. p.6

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas.VII Educação Physica. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 out. 1913. p.7

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas. IX Educação Physica. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 nov. 1913. p. 3

MINAS GERAES. Orientações Pedagógicas. X Educação Physica. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 dez. 1913. p. 3.

Ernest Monin

MINAS GERAES. A palestra médica: a gymanastica. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 maio. 1913, p. 2-3

MINAS GERAES. Desenvolvimento tardio das crianças. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 25 dez. 1913, p.7.

MINAS GERAES. A hygiene da alimentação. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 6 fev. 1914, p.4-5.

MINAS GERAES. Correspondência de Paris: causas e tratamento da magreza. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 mar. 1914, p.3.

MINAS GERAES. A cultura physica da mulher. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 jul. 1914, p.4.

Theophilo Torres

MINAS GERAES. Subsidios uteis: influencia do Sport. Belo Horizonte, 25 de maio, 1913, [s.p.]. Suplemento especial.

MINAS GERAES, O Foot-ball: na Academia Nacional de Medicina; uma proposta do Dr. Theophilo Torres. Belo Horizonte, 8 out. 1916, p.7.

Leopoldo Alas

MINAS GERAES. A cultura physica. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 mar. 1914, p.8.

Raul Damazio

MINAS GERAES. Educacao physica sportiva. Minas Geraes, 10 mai. 1914. p .4 -5.

O médico nas escolas (sem autoria)

MINAS GERAES. O médico nas escolas: os jogos. Belo Horizonte, 25 out. 1913, p.8.

MINAS GERAES. O médico nas escolas: moléstias do crescimento. Belo Horizonte, 7 dez. 1913, p. 2.

Textos sem identificação de autoria

MINAS GERAES. [Sem título]. 16 e 17 mar. 1914, p.8.

MINAS GERAES. A saúde perfeita. Belo Horizonte, 26 jun. 1913, p.4.

MINAS GERAES. [Sem título]. Belo Horizonte, 13 abr. 1913, p.5.

MINAS GERAES. Congresso de Educação Physica . Belo Horizonte, 10 nov. 1916, p.5.

MINAS GERAES. O Sport no Japão. Belo Horizonte, 3 maio 1913, p.7.

MINAS GERAES. A educação Physica de outrora. Belo Horizonte . 11 dez. 1913, p. 7.

MINAS GERAES. Um collegio de atletas. Belo Horizonte, 26 e 27 dez. 1913, p.8.

MINAS GERAES. A fadiga. Belo Horizonte, 26 mar. 1914, p.5.

MINAS GERAES. Questões médicas: dieta vegetal. Belo Horizonte, 25 dez. 1913, p.7.

MINAS GERAES. Fortalecendo os músculos podemos fabricar eletricidade. Belo Horizonte, 13 maio 1914, p. 7.

MINAS GERAES. A renascença da esgrima. Belo Horizonte, 2 abr. 1914, p.8-9.

MINAS GERAES. Knock out. Belo Horizonte, 25 mar. 1914, p.7-8.

MINAS GERAES. A natação. Belo Horizonte, 2 e 3 fev. 1914, p. 3.

MINAS GERAES. A origem do Futebol. Belo Horizonte, 1 maio. 1914, p.5-6.